
UNIVERSIDADE ABERTA



Práticas da Avaliação Formativa no
Desenvolvimento da Aprendizagem da Língua Inglesa:
Um estudo de caso em Cabo Verde

Maria de Fátima Pires Cidraes

Orientadora: Professora Dra. Lúcia Amante

Dissertação de Mestrado em Supervisão Pedagógica

2019

Mestrado em Supervisão Pedagógica

**Práticas de Avaliação Formativa no Desenvolvimento da
Aprendizagem da Língua Inglesa: Um estudo de caso em Cabo Verde**

Maria de Fátima Pires Cidraes

Dissertação apresentada para obtenção do grau de Mestrado

Orientadora: Professora Dra. Lúcia Amante

Dezembro de 2019

Resumo

O presente estudo foi feito em Cabo Verde na escola Secundaria Olavo Moniz na Ilha do Sal, durante o ano letivo 2018/2019. Centra-se na avaliação formativa das aprendizagens, nomeadamente no uso de recursos e estratégias deste tipo de avaliação com uma turma do 10º ano nível IV de Inglês do ensino secundário. Tem como objetivo fomentar práticas de avaliação pedagógica centradas na aprendizagem dos alunos. Neste estudo desenvolvemos a implementação do teste em duas fases e o portefólio, no sentido de perceber até que ponto os usos destes instrumentos alternativos de avaliação formativa contribuem para a aprendizagem dos alunos na disciplina de língua inglesa, bem como identificar as suas possíveis limitações. Procurou-se ao longo deste percurso refletir sobre as práticas pedagógicas da professora que, neste caso é também a investigadora. A abordagem ao erro dos alunos nos testes e durante o processo de ensino aprendizagem foi desenvolvida no sentido de o analisar e a partir dele encontrar novas estratégias de ensino e de aprendizagem. Quanto à metodologia deste estudo, realizou-se uma abordagem de natureza qualitativa baseada na investigação-ação. Para a recolha de dados, optou-se pela entrevista de grupo (grupo focal), recolha de opinião dos alunos escrita pelos mesmos depois da elaboração do teste e em cada uma das fases dos testes em duas fases e também depois da elaboração do portefólio. A análise dos dados recolhidos, demonstra que os instrumentos e estratégias de avaliação formativa usados contribuíram para a melhoria da aprendizagem dos alunos indo ao encontro do que foi registado durante a revisão de literatura. Contribuíram ainda, de certa forma, para aliviar o stress que os momentos de avaliação acarretam e que por vezes prejudicam também o desempenho dos alunos. Verificou-se igualmente que a intervenção realizada permitiu proporcionar situações de aprendizagem e regulação através da exploração do erro por parte do aluno, ajudando-o a encará-lo como algo que contribui para a tarefa de aprender.

Palavras-chave: Avaliação formativa, Aprendizagem, Regulação, Instrumentos de avaliação alternativa, Teste em duas fases, Portefólio.

Abstract

This study was carried out in Cape Verde, at Secondary school Olavo Moniz on the Sal Island, during the academic year 2018/2019. It focuses on the formative assessment of learning, namely in the use of resources and strategies of this type of assessment with a class from the 10th year level IV of English in secondary education. It aims to promote pedagogical assessment practices focused on student learning. In this study we developed the implementation of the test in two phases and the portfolio, in order to understand the extent to which the use of these alternative formative assessment instruments contribute to students' learning in the English language subject, as well as to identify their possible limitations. Throughout this journey, we tried to reflect on the pedagogical practices of the teacher, who in this case is also the researcher. The approach to students' mistakes in tests and during the teaching-learning process was developed to analyze it and from it find new teaching and learning strategies. As for the methodology of this study, a qualitative approach based on action-research was carried out. For the collection of data, we opted for the group interview (focus group), collection of students' opinions written by them after the preparation of the test and in each phase of the tests in two phases, also after the preparation of the portfolio. The analysis of the collected data shows that the instruments and strategies of formative evaluation used, contributed to the improvement of the students' learning, meeting what was recorded during the literature review. They also contributed, in a certain way, to alleviate the stress that the evaluation moments entail and that sometimes also affect the students' performance. It was also found that the intervention made it possible to provide situations of learning and regulation through the exploration of the error by the student, helping him to see it as something that contributes to the task of learning.

Keywords: Formative Assessment, Learning, Regulation, Alternative assessment tools, Two-phases test, Portfolio.

Dedicatória

Á minha filha Maria Helena por todas as vezes que deixei de lhe atender durante este período.

Agradecimentos

A minha orientadora, professora Lúcia Amante por me ter encorajado, acompanhado, apoiado e principalmente por não me ter deixado desistir;

A todos os professores do Mestrado em Supervisão pedagógica da Universidade Aberta no ano letivo 2017/2018;

A todos os meus colegas deste Mestrado;

Aos alunos do 10º ano turma F da Escola Secundária Olavo Moniz no ano letivo 2018/2019 pelo empenho, entrega e disponibilidade;

Ao meu marido Filipe Cidraes por todo o seu apoio.

Índice Geral

Resumo.....	II
Abstract	III
Dedicatória	IV
Agradecimentos.....	V
Introdução.....	1
Cap. 1- Ensino, Aprendizagem e Avaliação.....	3
1.1. Ensino aprendizagem: O papel do professor.....	7
1.2. A avaliação e evolução das suas perspetivas.....	11
1.2.1. Avaliação Formativa.....	16
1.2.2. Razões para a pratica da avaliação formativa.....	20
1.2.3. Avaliação reguladora.....	22
1.3. Instrumentos e estratégias para a avaliação das aprendizagens.....	26
1.3.1. Teste em duas fases.....	28
1.3.2. O portefólio.....	30
Capítulo 2- O Ensino e aprendizagem da língua inglesa em Cabo Verde.....	32
2.1. Um breve olhar sobre a nossa história.....	33
2.2. A pratica avaliativa da língua Inglesa.....	35
Capítulo 3- Metodologia.....	39
3.1. Objetivos.....	40
3.2. Contexto do estudo: A escola.....	41
3.3. Caracterização da turma e dos Participantes do estudo.....	41
3.4. Opções metodológicas.....	42
3.5. Coleta de dados.....	44
3.5.1. A observação.....	44

3.5.2. Registos escritos.....	45
3.5.3. A entrevista.....	46
3.6. Método de análise de dados.....	48
Capítulo 4- Intervenção na sala de aula.....	50
4.1. O Desenvolvimento do estudo.....	51
4.2. Informações e orientações sobre o teste em duas fases.....	52
4.2.1. A realização do primeiro teste do primeiro trimestre: análise dos resultados.....	55
4.2.2. A realização do primeiro teste em duas fases: análise dos resultados.....	58
4.2.3. Resultado da primeira e segunda fase do primeiro teste - Primeiro trimestre	62
4.2.4. O segundo teste em duas fases- 2º Trimestre.....	65
4.2.5. O primeiro teste em duas fases 3º trimestre.....	70
4.3. A perceção e aceitação do teste em duas fases pelos alunos.....	71
4.3.1. Contributo do teste em duas fases para a aprendizagem.....	73
4.3.2. A apreciação dos alunos sobre as duas fases do teste.....	76
4.3.3. O ambiente proporcionado pela realização do teste em duas fases.....	80
4.3.4. O teste em duas fases e outras estratégias de avaliação formativa vivenciadas: opinião dos alunos.....	84
4.3.5. O teste em duas fases e as suas limitações: visão do aluno.....	87
4.3.6. A implementação do portfolio nas aulas de língua Inglesa.....	87
4.3.7. A perceção e importância do portefólio para a avaliação e a aprendizagem.....	91
4.3.8. Avaliação do portefólio da turma.....	94
4.3.9. Perceção dos alunos sobre a experiência da avaliação vivenciada anterior a este estudo.....	97
Capítulo 5- Considerações finais.....	101
5.1. Conclusões	105

5.2. Recomendações.....	105
Referencias bibliográficas.....	107
Anexos.....	I
1.Guião de entrevista de grupo focal.....	II
2.Transcrição das entrevistas de grupo.....	IV
3.Planificação do 10º Ano nível V.....	XXXV

Introdução

Este estudo centra-se no processo de avaliação formativa e nas suas práticas na sala de aula, nomeadamente no tocante ao uso de instrumentos alternativos de avaliação formativa, como o teste em duas fases, e o portefólio no sentido de contribuir para desenvolvimento da aprendizagem dos alunos na disciplina de Língua Inglesa.

A forma como a avaliação tem sido feita nas escolas bem como a sua função, onde se dá maior relevância aos testes sumativos realizados durante os três trimestres letivos, constituindo em muitos contextos escolares o único instrumento que fornece informações sobre a aprendizagem do aluno, com um carácter meramente classificatório e de julgamento, é algo que tem vindo a revelar enormes limitações para o processo de ensino aprendizagem de acordo com os estudos desenvolvidos por diversos autores como Pinto e Santos (2006), Fernandes (2008), Luchesi (2011), Pais e Monteiro, e Murçós (2015) entre outros.

Os testes escritos continuam sendo, na maioria dos casos, adotados como modalidade de avaliação por excelência pela maioria das instituições de ensino. Esta situação é motivada pelas políticas educativas, pelas avaliações externas e a necessidade e obrigatoriedade de atribuir classificação ao aluno. Neste sentido, existe uma forte discussão, e um certo questionamento em torno da função da avaliação e das práticas avaliativas dos professores visto que os “discursos da avaliação nem sempre são claros (...) e, portanto, é necessário refletir sobre a avaliação num novo paradigma, isto é o paradigma construtivista” (Pinto & Santos 2006, pag.7). Este paradigma pressupõe atribuir ao aluno um papel central, e no entender de Santos (2008), o professor tem a responsabilidade de criar contextos de aprendizagem, de gerir e orientar o aluno nestes mesmos contextos, promovendo a interação, proporcionando mudanças significativas nas suas atitudes em relação a sua própria aprendizagem.

A conjuntura educacional atual exige, de entre várias outras mudanças profundas no sistema educativo, uma mudança de paradigma e uma reflexão consciente e aprofundada sobre a avaliação escolar e a sua função principal. Se por um lado entende-se que professor não pode deixar de desenvolver a avaliação sumativa porque lhe é imposto a nível da administração central e das políticas educativas, e pela própria conjuntura económica e social, existe uma clara necessidade de mudanças nas práticas pedagógicas, do quotidiano da sala de aula e a necessidade de diversificação dos instrumentos de

avaliação e do uso que se faz deles. Precisa-se igualmente, providenciar deste modo, condições para que os alunos aprendam através da avaliação e das suas práticas pois avaliação e aprendizagem devem estar intimamente ligadas. Esta perspectiva traz à tona a discussão da garantia da qualidade de aprendizagem e da avaliação que consequentemente influenciam diretamente o sucesso e a vida do aluno, e daí a importância da avaliação formativa no quotidiano do ensino e da aprendizagem dentro e fora da sala de aula.

Numa perspectiva formativa, os testes sumativos deveriam ser instrumentos ao serviço do ensino aprendizagem dos alunos e que os ajudassem a melhorar, servindo de “bussola” tanto para o professor com o objetivo de o orientar no seu ensino como também para orientar o aluno na sua aprendizagem.

Para que avaliação tenha um papel significativo na aprendizagem do aluno, recomenda-se atualmente, o uso de instrumentos e estratégias que permitem a regulação da aprendizagem quer através do feedback, quer também a partir do aproveitamento pedagógico do erro cometido, em testes ou noutras produções solicitadas pelo professor aos alunos, permitindo a sua participação e a tomada de consciência da sua própria aprendizagem. Infelizmente, em muitos contextos de ensino, há professores, como já foi mencionado anteriormente, que ainda usam maioritariamente os testes escritos para medir a aprendizagem dos alunos, atitude esta muito ligada à primeira geração da avaliação, a avaliação como medida, inspirada nos testes desenvolvidos em França por Alfred Binet para medir a aptidão e a inteligência. Este tipo de avaliação acabou por ser herdado pelos sistemas educativos e ainda se mantém no século XXI. Sobre esta avaliação, sinónimo de medida, Pinto e Santos (2006), sublinham que é influenciada pela psicometria, em que se procura apenas medir os conhecimentos demonstrados pelos alunos, cujas funções por excelência são classificar, selecionar e certificar.

Os testes escritos que, nesta perspectiva continuam a ser usados para medir a aprendizagem dos alunos, como sabemos criam uma certa ansiedade e nervosismo, situação esta que os poderá impedir ou dificultar de demonstrarem o que aprenderam. Por esta razão na maioria dos casos e para muitos alunos o resultado obtido não deve servir como única forma para julgar a capacidade ou incapacidade destes e decidir se ele fica retido ou é aprovado.

Esta prática avaliativa, baseada exclusivamente nos testes faz parte da “pedagogia tradicional” retratada bem por Luckesi, (2001 p.21), dizendo que *“a pedagogia tradicional se fundamenta num olhar estático a respeito do educando e por isso sustenta bem a prática de exames na escola cuja função é de classificar o já dado, o já acontecido mas não a prática da avaliação da aprendizagem (...).”* Para que estas contribuam para a melhoria do ensino e o desenvolvimento da aprendizagem do aluno o ideal seria usar as informações e demonstrações que indicam a não aprendizagem do aluno, nomeadamente os erros, tanto nos trabalhos escritos como nos testes, como noutros instrumentos de avaliação. O bom uso desses sinais (erros), serviriam certamente para ajudá-lo a melhorar a sua aprendizagem. Por exemplo, recebendo um feedback adequado, oral ou escrito, cujo objetivo principal seria, orientar e ajudar o aluno a perceber porque errou e o que pode fazer para melhorar.

O professor ele mesmo, pode usar esses sinais para melhorar o seu ensino e refletir sobre as suas práticas na sala de aula. Olhando a avaliação e os seus instrumentos deste modo, realçando a sua importância para a aprendizagem dos alunos, Pinto e Santos (2006), dizem-nos que os instrumentos de avaliação alternativos, podem ser também geradores de novas práticas e neste sentido a avaliação formativa adquire toda a sua pertinência, pois ela pode contribuir de forma significativa para “ajudar os alunos a ultrapassarem as suas dificuldades” (p.9).

Assim, pretende-se com este estudo conhecer de que modo as práticas da avaliação formativa contribuem para melhorar a aprendizagem do aluno, fazendo com que ele seja um aluno (a) comprometida com a sua aprendizagem.

Para encontrar respostas a esta pergunta e todas as preocupações já mencionados, esta investigação foi feita numa turma do décimo ano nível 4 de inglês, lecionada pela própria investigadora. Recorremos ao uso de instrumentos e estratégias de avaliação formativa/reguladora, acompanhando ao mesmo tempo a evolução dos alunos a nível da aprendizagem e a sua adesão a estas práticas. Este estudo contribui para o conhecimento da aplicabilidade de alguns instrumentos alternativos das práticas da avaliação formativa no contexto Cabo-verdiano, e pretende contribuir também para uma mudança de paradigma em relação a avaliação das aprendizagens, de forma a fundir o ensino com avaliação, sem, no entanto, desvalorizar ou banalizar a avaliação sumativa.

De uma forma geral o objetivo primordial deste estudo foi compreender a relação entre a avaliação formativa e a aprendizagem do aluno através do uso de novos instrumentos e novas estratégias de avaliação. Nesta perspetiva este estudo responde às seguintes questões de pesquisa: De que forma as práticas da avaliação formativa podem contribuir para melhorar a aprendizagem e o desempenho do aluno?

Qual é a aceitação destes instrumentos alternativos da avaliação formativa por parte dos alunos?

Qual é a visão dos alunos sobre a avaliação anterior a este estudo?

O presente estudo encontra-se dividido em oito capítulos. Tendo em conta que ele se centra na avaliação com foco na aprendizagem dos alunos, no primeiro capítulo pretendeu-se demonstrar aspetos relevantes do ensino aprendizagem, aspetos esses que são de extrema importância para ajudar o professor a orientar as suas práticas dando ênfase ao que é ensinar e aprender na perspetiva de vários autores. Pretende-se também perceber e refletir o quanto o conceito de ensinar e aprender mudou, fruto de mudanças decorrentes na sociedade e do apropriar de novos paradigmas. Estes novos paradigmas mostram que o professor sendo responsável pelo delinear do processo de aprendizagem não é mais o centro desse processo e que o aluno não pode ter mais um papel passivo no ensino aprendizagem e na avaliação. Este mesmo capítulo debruça-se sobre a avaliação formativa, o seu conceito e a sua importância no ensino aprendizagem através de procedimentos variados para a prática pedagógica. De seguida abordamos o conceito de avaliação reguladora decorrente da avaliação formativa, favorecendo a ação do professor, mas também do aluno em relação ao seu processo de aprendizagem.

Uma vez que este estudo foi feito no âmbito da disciplina de língua Inglesa, no capítulo dois foi feito um breve apanhado sobre o ensino da língua Inglesa em Cabo Verde, fazendo um breve apanhado de como o inglês chegou nestas paragens, bem como as práticas avaliativas desta disciplina.

No capítulo três. Metodologia, pretende-se dar a conhecer as opções metodológicas deste estudo bem como os instrumentos de recolha dos dados.

No capítulo quatro, descrevemos o que foi feito para que este trabalho se concretizasse, ou seja descrevemos a intervenção desenvolvida ao longo do ano na turma selecionada.

O capítulo cinco, por sua vez, debruça-se sobre a análise dos dados recolhidos, a sua interpretação relativamente a efetivação dos instrumentos utilizados. A análise baseia-se

essencialmente nos dados obtidos através da aplicação do teste em duas fases, o portefólio, no registo das observações feitas em aula, nas entrevistas de grupo, bem como na opinião escrita dos alunos, relativas ao contributo e impacto que este estudo trouxe para as suas aprendizagens.

Por fim no capítulo cinco apresentam-se as considerações finais, as conclusões e recomendações/sugestões deste estudo bem como as suas limitações.

Capítulo 1- Ensino, Aprendizagem e Avaliação

1.1. Ensino e aprendizagem: o papel do professor

Não se pretende com este ponto abordar de forma aprofundada as teorias de ensino aprendizagem, mas sim, com ajuda de alguns autores estudiosos e suas perspectivas sobre o ensino aprendizagem, registar e analisar alguns aspetos e ideias importantes sobre esta matéria que podem orientar o professor no seu dia a dia na sala de aula. Neste **sentido** partimos da ideia de Gonçalves e Larchert (2012), que nos diz que, *“para estudarmos o conceito de aprendizagem precisamos revisar o que significa ensinar e aprender”* (p.17). Para estes autores, estas duas concepções de ensino e aprendizagem *“caminham juntos, do decorrer da história da educação”* (p.17). Na *“pedagogia tradicional e tecnicista”* segundo estes autores, *“aprender significa memorizar e ensinar significa verbalizar conteúdos e tomar a lição do dia”* (p.118), o que implica que estas duas concepções, ensinar e aprender sejam paralelas, mas que, entretanto, não estão estritamente relacionadas. Portanto, pelo facto de o professor expor um conteúdo aos alunos durante uma aula, não significa obrigatoriamente que o aluno aprendeu visto que cada individuo tem o seu estilo de aprendizagem, seu ritmo de aprendizagem e as suas motivações.

Segundo Fernandes (2005), os notáveis desenvolvimentos no domínio das teorias de aprendizagem, particularmente nas últimas décadas do século XX, também têm contribuídos para uma visão renovada acerca da forma como as pessoas em geral e em particular as crianças e os jovens aprendem. Por esta razão existe uma mudança constante de paradigma no tocante ao ensino e a aprendizagem, fruto da evolução da educação. Segundo o mesmo autor, as contribuições de Vygotsky, de Bruner, Piaget, Gardener e Resnick, têm ajudado na construção de perspectivas e paradigmas mais ricas em relação ao ensino aprendizagem apontando fatores variados que influenciam e contribuem para o desenvolvimento cognitivo do aluno, perspectivas estas que precisam ser acompanhadas e percebidas pelo professor. No entanto, Fernandes (2005) nos chama a atenção no sentido de não nos centrarmos exclusivamente nas teorias de aprendizagem e nas estratégias metacognitivas dos alunos, mas também nas práticas avaliativas, designadamente procurando utilizar tarefas de avaliação mais abertas e variadas, bem como diversificar as estratégias, as técnicas e os instrumentos de modo a recolher informações decorrentes da avaliação de forma sistemática e analisá-las a favor de um ensino e aprendizagem eficaz.

Ainda sobre o ensino e a aprendizagem encontram-se aspetos que dizem respeito a pedagogia progressista. Gonçalves e Larchert, (2012:18) dizem-nos que “*ensinar é orientar o acompanhamento da aprendizagem dos alunos.*”

Existem muitas definições sobre a aprendizagem. Gonçalves e Larchert (2012), citam Hilgard (1966), que define a aprendizagem como “*um processo pelo qual uma atividade tem origem ou é modificada pela reação a uma situação encontradas...*” Mertz ainda diz que a aprendizagem se refere a “*mudanças relativas de possibilidades de comportamento por meio de experiência*” (2015: 43).

Entende-se que o ensino e a aprendizagem não podem ser vistos pelo professor de forma separada. Num texto da professora Lea Anastasiou (2012) na obra Avaliação da aprendizagem, surge a ideia de que o ensinar e aprender, processos muitas vezes vistos como distintos um do outro e executados separadamente, levam o professor a afirmar que “*eu ensinei, o aluno é que não aprendeu.*” Isto acontece principalmente quando o professor expõe algum conteúdo usando a oratória, tida na pedagogia tradicional como “*elemento essencial para a competência docente*” (p.18). Por esta razão durante muito tempo o professor foi considerado o centro da prática educativa remetendo o aluno a um papel passivo no processo de ensino aprendizagem, em que este simplesmente memorizava os conteúdos para fins avaliativos classificatórios de forma quantitativa. Esta atitude perante o ensino, em nada contribui para uma aprendizagem significativa.

De acordo com Gaspar et al. (2015), “*a relação entre ensino e aprendizagem tem ocupado um largo espaço na investigação desenvolvida nos últimos anos, dentro da área da pedagogia*” e consideram que estes dois termos têm funções completamente distintas. Para estes autores “*nem tudo o que se ensina resulta em aprendizagem, assim como nem tudo o que se aprende teve a causa na ação de ensinar.*” Por esta razão que, por vezes tanto o professor pode fracassar no ato de ensinar, assim como o aluno no ato de aprender, levando por vezes ao insucesso escolar.

Várias perspetivas que existiam em relação ao ensino aprendizagem, como estas já mencionadas, com o tempo têm-se tornado obsoletas dando lugar a estratégias e propostas de ensino que fazem com que o aluno busque e produza conhecimento. Atualmente temos dados de pesquisas que nos fornecem suporte científico e que a pedagogia tem colocado à disposição dos professores, bem como um leque de teorias e praticas que nos ajudam tanto em termos de docência como em termos académicos. Com efeito, o verbo aprender

não é passivo e para que o sujeito aprenda precisa agir, praticar, estar informado “*tomar para si, apropriar-se*” (Gaspar et al, 2015: p.20). Nesta ótica a aprendizagem significa a apropriação do conhecimento por parte do aluno.

Em relação ao ensinar e aprender Gaspar et al (2015), acrescentam que aprender, objeto de estudo da psicologia, é um processo intrínseco ao ser humano, e com ele espera-se mudanças no comportamento. O ensinar, que cai no âmbito científico da pedagogia, tem efeito na aprendizagem, proporcionando o desenvolvimento cognitivo do aluno. Portanto, o ensino tem como foco de interesse o aluno no qual se processa a aprendizagem. “*o ensino e a aprendizagem ao envolverem-se numa simbiose processual, combinam sete componentes, objetivos, características do sujeito aprendente, conteúdos, estratégias, meio ambiente e contexto*” (p: 13). Nesta ótica, para conseguir sucesso no ensino aprendizagem, o professor deve promover situações de aprendizagem perante cada conjunto de circunstâncias que deverão ser acompanhadas de boas práticas, várias estratégias e diversas técnicas e escolhas possíveis e suscetíveis de aplicar para cada contexto. Gaspar et al (2015), realçam que é muito importante que o professor conheça as características das suas escolhas e práticas, a fim de conseguir justificar com sólidos argumentos a sua decisão. Portanto, seja quais forem as estratégias utilizadas para o ensino aprendizagem terão de ter uma base sólida e sustentável visto que

“ensinar é essencialmente um processo contínuo de tomada de decisões que se traduz, na explicitação das necessidades de aprendizagem na escolha dos objetivos apropriados a essas necessidades na seleção dos meios relevantes para atingir os objetivos, na criação de situações específicas de aprendizagem...” (Gaspar, Oliveira & Teixeira, 2015:30).

Estes autores nos remetem para a ideia de que o portefólio feito pelo aluno, o teste em duas fases. entre outros, representam instrumentos e estratégias importantes para proporcionar aos alunos situações de aprendizagem significativas, evitando assim, que a aprendizagem assente simplesmente no relato e na transmissão do saber de forma mecanizada. Segundo Arrendes, citado por Teixeira et al. (2015)

“o ensino numa perspectiva construtivista não é entendido como um relato de transmissão de verdades estabelecida aos alunos, mas sim como proporcionando-lhes experiências relevantes e oportunidades de diálogo de modo a que a construção de significados possa emergir” (p. 31).

Quanto ao papel do professor no ensino aprendizagem, Luckesi (2011), considera que o professor é o líder oficial e responsável pelo ensino e aprendizagem, através da exposição, planeamento, e orientação de todas as tarefas que correspondem as etapas necessárias

para o ensino aprendizagem, bem como a disposição para orientar o aluno todas as vezes que apresenta dificuldades específicas, que o impedem de aprender, ou de realizar uma determinada tarefa. Portanto, de nada adianta não acompanhar o aluno durante o seu processo de aprendizagem e depois dizer que explicou tudo na sua exposição.

Se levarmos em conta as mudanças decorridas na educação no campo pedagógico, fruto da evolução da sociedade, estas mesmas mudanças exigem que o professor esteja sempre a reinventar e criar para desenvolver o seu papel com eficácia, preparando o aluno para se adaptar a estas mesmas mudanças e evoluções. De acordo com Luckesi (2011) o professor terá de oferecer ao educando condições necessárias para que este possa vivenciar a sua aprendizagem. Este autor reforça o papel do docente dizendo que, *“o professor é responsável pelo planejamento, pela preposição pela orientação e de todas as atividades necessárias a cada um dos passos do ensino aprendizagem: a exposição, a assimilação, a exercitação, aplicação, recriação e criação”* (pg. 111).

Entretanto o autor nos diz ainda que estes passos para a eficácia do ensino e aprendizagem não têm que ser lineares pois podem ocorrer *“idas e vindas”* que levem o aluno a assimilar os conteúdos e por isso há sempre necessidade de voltar à exposição para que o aluno possa se apropriar melhor do que se pretendeu ensinar-lhe. Assim, ele pode ter sempre necessidade de pedir explicação por exemplo, a uma tarefa que não conseguiu cumprir, ou seja necessitar de ajuda para o fazer. É neste sentido que a avaliação formativa é muito importante para o ensino aprendizagem, pois, permite estar atento ao aluno acompanhando a sua evolução ou não, a fim de saber o que ele aprendeu ou precisa aprender.

Luckesi considera a exercitação um passo muito importante no processo de aprendizagem. Segundo o autor *“não há como tomar posse de um conhecimento sem exercitação”* (Luckesi, 2011: p.21). Esta ideia nos remete a aprendizagem de uma língua neste caso a língua inglesa, pois a exercitação é crucial para ajudar o aluno em todos os *“skills”* exigidos para aprendizagem da mesma. Esta exercitação deve ser feita com atividades escritas, orais e de reflexão. Na língua inglesa, o aluno além de precisar conhecer e compreender a estrutura da língua e o vocabulário, precisa exercitar muito pois só assim consegue falar e escrever corretamente,

O autor considera ainda que, a teoria e a prática andam juntas. O ser humano, neste caso concreto o aluno, só se apropria do conhecimento quando compreende, assimila e exercita

o seu uso. Para isso é preciso ter como base o professor que dando exemplo ajuda-o a compreender o que quer ensinar. Segundo Luckesi (2011), quem expõe o conteúdo a ser ensinado, neste caso o professor, precisa lembrar que o aluno precisa compreender/entender a mensagem pois ela vai agir de acordo com a sua compreensão ou não. Se o educando não compreender a mensagem contida no conteúdo ou na tarefa/atividade ele se ausenta. É muito importante que o professor tenha claro para si mesmo o que vai expor, pois a clareza contida na sua informação vai ajudar o aluno a agir de acordo com esta compreensão. Segundo Estanqueiro (2012), *“uma boa comunicação com os alunos e dos alunos entre si reforça a motivação e promove a aprendizagem”* O mesmo autor aponta o facto do professor ter como papel principal *“garantir que os alunos aprendam a elaborar apontamentos do essencial das aulas”* pois os apontamentos pessoais ajudam a reforçar a aprendizagem, facilitando a revisão da matéria antes de uma prova ou de avaliação. Neste sentido a diversificação de estratégias e de materiais que se usa para fazer o aluno aprender é um fator a levar em consideração no ato de ensinar.

1.2. A avaliação e a evolução das suas perspetivas

Segundo Pinto e Santos (2006), a história da avaliação e a atividade humana parecem estar intimamente ligadas, da mesma forma a medida do comportamento *humano “vem dos primórdios do homem.”* Segundo os mesmos autores existem registos de exames escritos realizados pelos chineses por volta de 2000 A.C. Os exames nesta data tinham várias funções tais como: selecionar oficiais no caso dos chineses, proteção dos mais novos e prepará-los para as funções na vida adulta com exercícios que os preparassem para o fracasso. A notoriedade da avaliação no passado não é igual à que ela tem hoje, mas o objetivo é comum. Independente da forma como era feita representava segundo Pinto e Santos (2006), *“um momento de aprendizagem.”*

As práticas e o desenvolvimento das técnicas de exames aparecem entre os séculos XVI e XIX “num conjunto de atividades de vigilância de enclausuramento e de ortopedia social” para que os indivíduos pudessem corresponder a exigências da nova ordem social. Pinto e Santos (2006).

O termo avaliação tem sofrido profundas alterações em termos conceptuais, resultante de um processo histórico evolutivo em que se destacam, de acordo com vários autores (Pinto & Santos, 2006) quatro gerações: a avaliação como medida, cujo modelo pedagógico esta

centrado no ensinar tendo a transmissão dos saber como principal objetivo; avaliação como congruência entre os objetivos e o desempenho dos alunos centrado no modelo pedagógico de formar; a avaliação como julgamento de especialistas onde os processos avaliativos tornam-se mais complexos evidenciando a lógica de diferenciação pedagógica, e avaliação como interação complexa onde acontece a afirmação do paradigma construtivista e a avaliação assume dupla função reguladora: ajuda no processo por parte do professor, avaliação formadora, e regulação por parte do aluno num processo de metacognição que envolve a autoavaliação regulada (Pinto e Santos, 2006).

A avaliação não pode ser de forma nenhuma pensada como um processo isolado do ensino e da aprendizagem. Segundo Rodrigues (2008),

“A avaliação das aprendizagens ocorre como um elemento do processo ensino-aprendizagem; há uma integração entre a avaliação, ensino e aprendizagem, fazendo esses três elementos parte de todo um processo que só tem sentido se desenvolvido de maneira integral” (Pág. 3).

Por esta razão, para que haja uma certa coerência na avaliação, é necessário que haja também uma diversificação dos instrumentos e das estratégias avaliativas.

Segundo Fernandes (2005), a prática mais usual na avaliação da aprendizagem tem sido direcionada para a classificação para a seleção e certificação dos alunos, ao invés de uma avaliação que ajude os alunos a aprenderem melhor contribuindo assim para que sejam alunos autónomos e capazes de regular a sua própria aprendizagem. É nesta perspetiva que a avaliação deixa de ter um carácter classificatório e assume um papel de uma avaliação orientada para melhor aprender. Para que a avaliação cumpra este papel é preciso que haja mudanças profundas relativamente a cultura de avaliação no ensino e uma reflexão por parte de todos os agentes educativos, direcionados para a aprendizagem efetiva dos alunos.

Fernandes (2005), nos diz que estas mudanças na cultura da avaliação passam pela concretização indispensável de práticas de ensino e de avaliação que possam contribuir para um sistema educativo mais democrático que respondem aos desafios da sociedade atual. Para este autor o ideal seria uma avaliação planeada e formativa que contribuirá certamente para evitar a exclusão, já que o professor irá fazer com que todos aprendam, recorrendo a diversas estratégias e práticas pedagógicas, e que seja acima de tudo uma avaliação transparente, participada e integrada com o ensino.

Das sucessivas reformas que têm vindo a ser feitas no sistema educativo de Cabo Verde, o Boletim Oficial, de 31 de dezembro de 2015, I Série, nº 86 do governo de Cabo Verde, um dos normativos referentes a avaliação das aprendizagens, diz que

“a avaliação, para estar ao serviço de qualidade educacional deve, entre outros, cumprir o seu papel de promoção do ensino, o qual irá guiar os passos do educador e dos educandos. Ela precisa possuir um carácter de contribuição para a formação do aluno e não apenas o de classificar e medir as aprendizagens” (p. 3).

Mateo citado por Pinto e Santos (2006, pag.13), reforça esta ideia dizendo que, *“não é possível falar do sentido atribuído a avaliação sem o relacionar com o que se entende por ensino aprendizagem.”* Assim, *“Para que a avaliação seja possível e faça sentido, o primeiro passo é estabelecer e ter uma ação claramente planejada e em execução (...) que caminha passo a passo por um projeto de ação que se submete”* (Luckesi, 2001, pág. 20). Só vista desta forma, a avaliação estará a cumprir o seu papel, que é o de contribuir para uma aprendizagem efetiva com um olhar inclusivo e sem deixar nenhum aluno para trás.

Com todas estas perspetivas que convidam a uma mudança nas práticas avaliativas, e mesmo com a existência de normativos e decretos sobre a avaliação, as palavras de (Zabalza, 2010 p:2) confirmam o que na realidade continua a acontecer no tocante a avaliação no contextos escolares em que, *“basicamente a avaliação é considerada um instrumento sancionador e qualificador em que o sujeito da avaliação é o aluno e somente o aluno, e o objeto da avaliação são as aprendizagens realizadas segundo certos objetivos mínimos para todos.”* Neste sentido toda a ideia de diferenciação ou inclusão continua sendo uma utopia em muitos contextos escolares.

Continua prevalecendo ainda uma certa limitação em relação à perspetiva da avaliação e segundo Gonçalves e Larchert (2012 p: 30), historicamente esta limitação da avaliação é demonstrada através da atribuição de uma nota que *“é usada para representar a avaliação quantitativa e aferir o quanto o aluno (a) aprendeu, ou seja, a nota tem a finalidade de medir.”* Entretanto pode-se constatar através de normativos em vários outros países e através da literatura que, esforços têm vindo a ser feitos principalmente a partir da literatura pedagógica, das reformas educativas e por pesquisadores inquietos, no sentido de não se limitar a avaliação apenas aos resultados obtidos pelos alunos. Nota-se no ato avaliativo que são os números que ditam a exatidão da avaliação. Esta confusão entre nota e números e avaliação é que tem definido por muito tempo a posição que cada ser

humano assume na sociedade. Assim, (Gonçalves e Larchert, 2012, p.89), fazem um alerta no sentido de que

“a avaliação deve ter um caráter de investigação dos progressos e das dificuldades dos alunos para se efetivar um projeto de trabalho para o aluno, ou seja, ela deixa de ser um fim em si mesmo e se torna um meio de alcançar os objetivos propostos”

Ainda sobre a compreensão desta temática, o seu conceito, e as mudanças de paradigma que tem vindo a acontecer a nível da educação, Amante (2011) salienta que o conceito de avaliação tem vindo a evoluir ao longo do tempo, assim como as suas funções, acompanhando a evolução da sociedade e do sistema educativo. Assim,

“a avaliação assume na sociedade contemporânea um papel de destaque no campo pedagógico pois, para além de fornecer dados relevantes sobre o desempenho escolar dos alunos, pode dar-nos igualmente informações essenciais para ajudar o aluno a aprender melhor e, portanto, construir uma escola de qualidade” (Pinto e Santos, 2006. pág.7).

Sobre a perspetiva formativa, Fernandes (2014), na sua reflexão sobre a avaliação, nos diz que a avaliação só realmente fará sentido se fizer parte integrante do ensino e da aprendizagem. Significa que ela *“deve estar fundamentalmente orientada para ajudar os alunos a aprender e a melhorar o que sabem e são capazes de fazer num contexto de paradigmas emergentes quer ao nível do currículo quer ao nível das aprendizagens...”* (p.8). Nesta mesma reflexão, o mesmo autor aponta algumas razões que, segundo ele, por si só são suficientes para mudar a avaliação dos sistemas educativos atuais: o que hoje sabemos sobre o currículo, sobre a aprendizagem e a necessidade de democratizar efetivamente o acesso à educação e formação. O autor enriquece ainda mais a sua reflexão sobre avaliação acrescentando a responsabilidade dos atores educativos quanto a mudança de paradigma em relação a avaliação dizendo que,

“os decisores e responsáveis pelas administrações da educação devem ter um papel relevante no apoio ao desenvolvimento de projetos concretos envolvendo investigadores, formadores e professores, destinado a incentivar as escolas nas políticas de avaliação, que ajudam a melhorar o que os alunos são supostos a aprender” (Fernandes, 2005, p. 11)

Perante as mutações sociais decorrentes e as crescentes reformas do ensino que se vivem atualmente, a avaliação não pode mais ter um papel tão reduzido no ensino, que é o de medir ou simplesmente julgar o aluno. Ela deve permitir recolher informações durante ou após a realização de uma atividade dentro ou fora da sala de aula. *“Os professores podem recorrer a diversos instrumentos para a avaliação das aprendizagens dos alunos: testes, trabalhos de pesquisa, portefólios, registos de participação oral e relatórios de autoavaliação”* (Estanqueiro 2010. p. 83). O mesmo autor faz referência aos materiais avaliativos mais usados pelos professores como os testes e os trabalhos de pesquisa em quase todas as disciplinas, e apela para uma reflexão acerca do uso destes instrumentos avaliativos, na medida em que, no seu entender *“o modo como os professores avaliam condiciona o modo como os alunos aprendem”* (p.83). Assim, o uso destes instrumentos, não devem de forma nenhuma, só se limitar a recolher informações, mas sim, interpretá-las e intervir. Devem contribuir também para mudanças das práticas pedagógicas do professor e contribuir também para um novo olhar sobre a aprendizagem dos alunos e conseqüentemente as suas avaliações.

Este novo olhar que se deseja sobre a avaliação tem vindo, aos poucos, ganhando expressão no campo pedagógico e a avaliação tem vindo a adquirir novos significados. No campo pedagógico, ela é vista como um meio para atingir os objetivos preconizados pela educação e promover o sucesso escolar dos alunos. Isto acontece segundo Pinto e Santos (2006) quando o ato de avaliar, fornece ao professor indicações sobre a forma e o melhor meio de gerir o programa e uma oportunidade para refletir sobre o processo ensino-aprendizagem de forma a retificá-lo através de novas atitudes e mudanças nas suas práticas, nos seus instrumentos de avaliação sempre que necessário.

Na ótica de Pinto e Santos (2006), através da avaliação formativa, atribui-se à avaliação uma dimensão pedagógica, cujo objetivo é orientar a ação sobretudo do professor, privilegiando a autoavaliação e o autoconhecimento, através de instrumentos de avaliação nomeadamente o teste em duas fases, o relatório, o portefólio entre outros, que auxiliam também a aprendizagem do aluno,

1.2.1 Avaliação formativa

A avaliação formativa tem ganhado destaque no ensino e aprendizagem mudando principalmente a perspetiva sobre a avaliação no ensino e aprendizagem. De acordo com Martinez e Carvalho (2005), a noção de avaliação formativa foi introduzida por Scriven

em 1967, em oposição à avaliação sumativa. Estes mesmos autores citam Abrecht (1994), realçando que a diferença entre estes dois tipos de avaliação, reside no papel do erro em cada uma delas. Assim, na avaliação sumativa, por exemplo, o erro é encarado como uma falta, e na avaliação formativa esta falta é apenas momentânea, fazendo assim parte integrante do processo de aprendizagem. Embora a função da avaliação e principalmente a da avaliação formativa ainda não esteja clara para muitos no campo educativo, nota-se em muitos estudos que é unânime a percepção acerca dos benefícios deste tipo de avaliação no campo educativo. Alguns desses benefícios para o ensino são apontados por exemplo por Fernandes (2005), no seu artigo *“Avaliação das aprendizagens: refletir, agir e transformar”* dizendo que nos últimos 30 anos, várias pesquisas têm mostrado que a avaliação em particular a avaliação formativa contribui de forma significativa e efetiva para a melhoria da aprendizagem dos alunos, principalmente aqueles que apresentam mais dificuldades (p.18). Entretanto, para que avaliação formativa cumpra este papel no ensino, é preciso, segundo o mesmo autor, que estas perspectivas avaliativas façam parte da formação contínua dos professores e que a avaliação das aprendizagens esteja nos programas de formação docente de acordo com as diferentes disciplinas.

Em muitos casos, esta lacuna sobre a avaliação das aprendizagens em termos pedagógicos, - teóricos na formação docente inicial e contínua, mencionadas pelo autor, faz com que ainda alguns professores desconheçam que o ensino e aprendizagem e a avaliação andem lado a lado e, portanto, indissociáveis. O desconhecimento desta *“parceria”* entre a avaliação e o ensino aprendizagem leva a que muitos professores estejam ainda *“presos”* à avaliação sumativa e a métodos tradicionais de avaliação que são aplicados aos alunos. Alguns professores desconhecem que, a avaliação formativa é uma das intervenções práticas com mais influência no desempenho escolar dos alunos, aumenta o rendimento dos mesmos, promove motivação, autonomia e participação (Mendes e Camargo, 2013). De acordo com Perrenoud, (citado por Grego, s.d., pag. 180),

“toda a avaliação formativa parte de uma aposta muito otimista, a de que o aluno quer aprender e tem vontade que o ajudem. Por outras palavras, baseia-se na perspectiva de que o aluno está disposto a revelar as suas lacunas e as suas dificuldades na compreensão das tarefas.”

Esta razão é que por vezes alguns alunos não fazem tarefas que lhe foram incumbidas, não porque não quiseram, mas sim porque não perceberam e ao pedir ajuda não tiveram retorno do professor que achou que ele tinha o dever de perceber a tarefa que lhe foi dada.

Conforme Abrecht (citado por Pinto e Santos, 2006) a avaliação formativa fornece ao aluno uma consciência da sua própria dinâmica de aprendizagem, que se opõe a um caminho cego teleguiado pelo professor. Para demonstrar o quão importante a avaliação formativa é para a aprendizagem do aluno, Mendes e Camargo (2013) destacam o trabalho de pesquisa feito em 1998 por Paul Black e Dylan William dizendo que

“A pesquisa aponta que os alunos que frequentam aulas cuja concepção é baseada na avaliação formativa, aprendem mais e melhor do que os alunos que frequentam aulas em que a avaliação é predominantemente sumativa. Da mesma forma os alunos que frequentam aulas em que a avaliação é formativa e obtêm maior resultado nos exames externos do que os que frequentam aulas em que a avaliação é sumativa.” (p. 379).

Isto demonstra que a avaliação formativa de acordo com Pinto e Santos (2006), pode-se tornar num poderoso alicerce para a construção de uma escola organizada sobre o aprendente, contribuindo assim para ajudar os alunos a ultrapassar as suas dificuldades, e por outro lado fazer dele alguém comprometido com a sua aprendizagem.

Embora na opinião de Black e William (citado por Monteiro, 2002), não exista ainda um significado definido e consensual acerca da avaliação formativa, Pinto e Santos (2008), refutam essa preocupação dizendo que; *“seja qual for o sentido que atribuímos a avaliação formativa, há algo invariável. Trata-se de um processo que move por um objetivo pedagógico, isto é, tem por fim último contribuir para a aprendizagem dos alunos”* (pag.23). Contribuir para a aprendizagem do aluno, passa por lhe prestar atenção durante o seu ensino, ajudá-lo a encontrar caminhos, orientá-lo e sobretudo ajudá-lo a perceber em que pé está a nível de desenvolvimento da sua aprendizagem e ajudá-lo a encontrar alternativas para ultrapassar as suas dificuldades. Tudo isto pode ser feito pelo professor junto do seu aluno durante a aula, através de atividades com objetivos claros.

Ainda sobre o conceito e compreensão sobre este tipo de avaliação e procedimentos durante as aulas relativamente a aprendizagem do aluno, Pinto e Santos (2008) acreditam que a avaliação formativa, são *“todas as atividades levadas a cabo pelo professor e /ou seus alunos, que fornecem informação que podem ser utilizadas como feedback conducente à modificação das atividades de ensino e aprendizagem”* (p. 13). Neste sentido, ela precisa fazer parte da rotina do professor na sala de aula ou fora dela.

Relativamente a importância da avaliação formativa e o papel do professor, Scriven (citado por Monteiro e Pais, (2002, p:43), acrescenta mais um aspeto importante, quando realça que, *“a avaliação formativa, dirige-se mais ao professor, porque, o leva a atualizar os seus conhecimentos didáticos, a procurar coerência entre os seus critérios e as escolhas didáticas, a relativizar o peso da sua pessoa no comportamento avaliador.”* Ainda no tocante a este tipo de avaliação, a avaliação formativa que continua ignorada, com pouca relevância ou desconhecida por muitos agentes educativos, no Boletim Oficial (B.O), I serie de 31 de dezembro de 2015 artigo 5º, está claro que,

“a avaliação formativa é um processo contínuo e sistemático de recolha de informações através de instrumentos diversos. Esta avaliação centrada no aluno, pretende fazer uma avaliação individual do aluno ou de grupos de alunos facultando-lhes informações pertinentes para que possam ultrapassar as suas dificuldades e desenhar o seu percurso de sucesso.”

Feita desta forma, a informação recolhida pelo professor transforma-se num ato de avaliação de natureza reguladora. Da mesma forma, engloba-se o feedback que deve contribuir para facilitar a aprendizagem do aluno de forma a superar as suas dificuldades e poder prosseguir para novas aprendizagens. À medida que o professor vai aproveitando o erro e fornecendo feedback para ajudar o aluno a corrigir e aprender, ele vai também refletindo sobre as suas práticas inovando e melhorando o seu ensino. No dizer de Pinto e Santos, (2006, p. 23), ao proceder desta forma *“uma ligação forte e frutuosa em termos de aprendizagem, entre avaliação e aprendizagem será provavelmente uma das condições para que a avaliação faça sentido em plano pedagógico.”*

Os autores nos chamam a atenção para as consequências de uma avaliação usada apenas com objetivo de medir aprendizagens. Segundo estes uma avaliação apenas como medida, é relativamente inútil no plano pedagógico, é cientificamente frágil, e socialmente injusta. Neste sentido, esta forma de pensar a avaliação em nada beneficia os alunos, e consequentemente, a ideia de educação para todos e de qualidade deixaria de fazer sentido, já que é unanime a ideia de que alguns tipos de avaliação, principalmente a tradicional, baseada apenas nos testes escritos com procedimentos de correção e

atribuição de uma nota quantitativa, deixa alunos para trás, contribuindo de certa forma para o insucesso e a exclusão social.

Tratando-se neste estudo do ensino da língua inglesa, Santos et al. (2012, p.5), nos dizem que:

“O ensino de uma língua estrangeira tem uma função educativa que extrapola os aspectos linguísticos e adquire relevância na formação global do aprendente (...). visa não só o formar para o desenvolvimento da competência comunicativa, mas também capacitar o aluno a utilizar a língua para ampliar os seus conhecimentos e para a sua inserção no mundo real, e sensibilizá-lo a perceber o outro e a refletir sobre as características da sua própria realidade e a de outros povos.”

Assim, qualquer instrumento de avaliação ao serviço da aprendizagem do aluno, seja na disciplina de língua inglesa ou em outra disciplina, terá de ter em mente todos estes aspetos do currículo e com objetivos claros, de forma a ajudar o aluno a desenvolver as competências mencionadas, sem, no entanto, descartar o seu contexto, ou seja, diversificando assim as experiências dos alunos e direcionar a sua aprendizagem às suas necessidades.

Quanto ao contexto e tempo de realização da avaliação formativa, Rodrigues 2008 (p.5), nos diz que a avaliação formativa pode ser realizada em diferentes contextos ao longo do ano letivo, servindo para coletar dados dentro da sala de aula através de instrumentos diversificados. Esta coleta de dados, pode ser feita também fora da sala de aula quando se realizam atividades tais como visitas de estudos ou de outra natureza.

1.2.2. Razões para a prática da avaliação formativa

Mudar e melhorar práticas de avaliação formativa no ensino implica que o seu significado seja claro para os professores, tanto mais que são muito fortes e complexas as suas relações com os processos de ensino e de aprendizagem (Fernandes, 2006: p. 22). No entanto a avaliação das aprendizagens seria de mais fácil compreensão se independentemente das teorias, o professor ensinasse e avaliasse os seus alunos com os olhos postos na aprendizagem.

No tocante ao objetivo e os fins da avaliação, Rodrigues (2008), faz referência de que o ato avaliativo deve ser direcionado para a melhoria da aprendizagem do aluno. Por esta razão deve ser feita de forma contínua e integrada. Este autor considera que na avaliação formativa, o aluno, ao longo do processo de aprendizagem, vai reestruturando o que aprende através de atividades que executa. O autor acrescenta ainda que, do ponto de vista cognitivo a avaliação centra-se em compreender o funcionamento da construção do conhecimento.

Sobre o papel deste tipo de avaliação, a avaliação formativa, encontramos Jorba e Samnati citado por Rodrigues (2008) afirmando que,

“a avaliação formativa tem como finalidade fundamental a função ajustadora do processo de ensino e aprendizagem para possibilitar que os meios de formação respondam às características do aluno. Pretende-se detetar os pontos fracos da aprendizagem, mais do que determinar quais os resultados obtidos com esta aprendizagem” (p.123)

Existem evidências de que a avaliação formativa. Daí a necessidade de conhecer o aluno através de proximidade entre professor e aluno que a avaliação formativa promove permitindo explorar o que este tem de melhor, as suas habilidades bem como detetar as suas dificuldades, no sentido de as superar. A mesma autora acrescenta que *“se a avaliação está ao serviço da qualidade da educação deve promover a função primordial que é a de promover o ensino e contribuir para a formação do aluno e não apenas para a classificação e medição da aprendizagem”* (p.2). É nesta mesma ótica de ideias que Rodrigues (2008), realça que a avaliação formativa parte do pressuposto que a informação que se procura na avaliação permite ajustar o conteúdo pragmático com as aprendizagens, pelo facto de possuir um carácter informativo e regulador oferecendo assim, informações ao professor aos alunos permitindo-os regular as suas ações. Da parte do professor, esta regulação é feita através do desenvolvimento das ações pedagógicas, e para o aluno através da consciencialização das suas dificuldades e buscando novas formas de aprendizagem.

De entre várias outras razões apontados e destacadas para o uso efetivo da avaliação formativa no quotidiano do professor e do aluno, Fernandes (2005) acrescenta que este tipo de avaliação *“permite que o ambiente de avaliação das salas de aula induz uma*

cultura positiva de sucesso baseado no princípio de que todos os alunos podem aprender” (p.68). É com base nestes pressupostos que o professor deve repensar as estratégias de avaliação e do seu ensino, com o objetivo de fazer com que todos os alunos aprendam ou se sentem motivados para aprender e que consigam regular as suas próprias aprendizagens. Neste sentido a autora realça ainda que a avaliação formativa revela a sua importância através da regulação das atuações pedagógicas dando destaque pelo que é feito pelo professor e os alunos na sala de aula através das atividades e dos instrumentos de avaliação formativa do que pelos resultados, buscando também gerir o erro dos alunos.

Rodrigues (2008), também apresenta a sua contribuição no que diz respeito às razões para optar pela avaliação formativa e não outra, e as suas práticas com os alunos, reforçando a ideia de que ela ajuda o professor no seguimento da aprendizagem dos seus alunos, de forma a ajudá-los no seu percurso escolar.

A avaliação formativa, deve ser fundamentada no diálogo, cujo objetivo é reajustar o ensino de forma sistemática e com frequência. Rodrigues (2008), nos diz que para que a avaliação formativa e todos os seus procedimentos deem os frutos esperados, requer a envolvimento, entrega e disponibilidade por parte do professor que vai muito além daquele momento que tira durante a aula. De entre outros aspetos, o professor precisa construir um registo de informações sobre cada um dos alunos, bem como a atualização desses mesmos registos. Da mesma forma, tendo a posse dos registos e análise dos mesmos, ele precisa ainda planejar as atividades e propostas de avaliação feita aos seus alunos e elaborar estratégias diversificadas de acordo com as características, dificuldades e avanços de cada um dos seus alunos. Feita desta forma pode-se dizer que a avaliação formativa tem como função principal contribuir para melhorar as práticas da avaliação e do ensino e consequentemente das aprendizagens dos alunos.

1.2.3. Avaliação reguladora

De acordo com os programas de ensino, a avaliação deve ser orientada fundamentalmente para a regulação contínua da aprendizagem dos alunos e, tanto quanto possível, individualizada, devendo por isso ser uma avaliação formativa e avaliação formadora (Monteiro & Pais, 2002. p. 43). Segundo Estanqueiro (2010), ela não pode ser de forma nenhuma vista como *“uma armadilha para apanhar alunos desprevenidos”* (pag.97). Os alunos devem ser informados de tudo o que diz respeito à sua avaliação. Quem nunca teve um professor que fez uma avaliação surpresa ou ameaça os alunos de que o teste vai ser

surpresa e não vai ser fácil? Para evitar este tipo de atitude e procedimentos avaliativos que só prejudicam e criam stress nos alunos, o mesmo autor faz referência a avaliação contínua, como *“uma espécie de bússola”*, que orienta o trabalho nas aulas. Com base nos resultados atingidos, o professor pode afinar as suas estratégias de ensino e o aluno melhorar as suas estratégias de aprendizagem.

Segundo Pinto e Santos (2006, p. 98), avaliação como “instrumento de regulação pedagógica” entende-se como algo

“associado a uma imagem da escola, que assume a heterogeneidade do seu público, e é capaz de trabalhar curricularmente de uma forma diferenciada, onde a avaliação é essencialmente olhada como um processo de produção de informação para a melhoria do processo de ensino aprendizagem.”

É neste sentido que a coleta de dados sobre a aprendizagem dos alunos se torna um procedimento crucial no ensino aprendizagem, visto que permite detetar as dificuldades do aluno e posteriormente dar a cada um uma atenção pedagógica individualizada e diferenciada.

Os procedimentos pedagógicos já mencionados, indicam que

“A regulação pedagógica acontece através do processo de comunicação, através do diálogo ou por escrito e ainda através de anotações importantes para assegurar o funcionamento de um processo de comunicação, onde os professores e os alunos se entendem mutuamente, ou seja, através do feedback que pode ser avaliativo ou descritivo” (Pinto & Santos. 2006 p.105).

Estes aspetos podem ser considerados como elementos fundamentais na avaliação formativa. Estes mesmos autores acrescentam que, quando se trata por exemplo de uma escrita avaliativa conducente a regulação por parte do aluno da sua aprendizagem, ela deve ser clara, apontando pistas de ação futura, que incentivem o aluno a reanalisar a sua proposta, identificar o que já está bem feito para dar motivação e autoconfiança.

Ainda sobre a regulação pedagógica Dias (2011), no seu trabalho sobre avaliação formativa: Regulação e feedback, cita Ferreira que define o termo regulação associado a *“intenção de correção durante o processo de desenvolvimento de um programa”* (p. 98). Pinto e Santos por sua vez entendem a avaliação formativa como *“meio de regulação no interior de um sistema de formação”* (p. 32).

Existem várias formas de colocar a regulação em prática. Os mesmos autores citam Allal (1986) que nos apresenta duas delas: *“uma que visa assegurar que as características dos*

sujeitos em formação correspondem as exigências do sistema, e outra que pretende garantir que os meios de formação sejam adequados as características daqueles para quem a formação é dirigida” (p.32)

Na opinião destes autores, a segunda forma favorece uma ação educacional mais adequada já que contribui para diferenciar a forma de agir e interagir a nível pedagógico. Os autores reforçam as ideias de Allal que aponta três fases de regulação:

“a recolha de informação relativa aos processos de aprendizagem desenvolvida por cada um dos alunos, a interpretação da informação recolhida e a adaptação das atividades de ensino e de aprendizagem de acordo com a interpretação desenvolvida” (p.32).

É neste sentido que a regulação é vista como um conceito essencial da avaliação formativa, já que permite fornecer dados a quem ensina, a fim de direcionar ou reformular as suas práticas, bem como contribuir para uma aprendizagem harmoniosa de quem aprende, permitindo-lhe ainda trilhar o seu caminho relativamente a sua aprendizagem. Sem a intenção de descartar a importância do aluno neste processo, Pinto e Santos (2005), consideram que o principal agente da regulação é o professor, permitindo-lhe assim acompanhar o processo de ensino aprendizagem, destacando ao longo deste processo as dificuldades dos alunos de forma cuidadosa para não colocar nenhuma barreira no seu processo de aprendizagem.

Perrenoud, citado por Rodrigues (2008) explora três modalidades de avaliação formativa sob a perspectiva das regulações: *“regulações retroativas, regulações interativas, e regulações proativas”* (p.4). Estas regulações não decorrem isoladamente. Elas se relacionam entre si de forma combinada e interligada. As regulações retroativas de acordo com o autor, são aquelas no qual o professor realiza intervenções buscando processos de aprendizagens anteriores. As interativas são aquelas que ajudam o professor a compreender como os processos de aprendizagem estão ocorrendo, percebendo as aquisições e dificuldades dos alunos. Para o aluno este tipo de regulação irá permitir a concretização do seu processo de aprendizagem. Por fim, o autor nos diz que as regulações proativas acontecem como elemento que antecede os procedimentos que estimularão a aprendizagem, investigando sobre o contexto e a aprendizagem dos alunos já solidificados.

No tocante a regulação das aprendizagens, Alves citado por Dias (2011), aponta dois níveis em que se estabelece a regulação na avaliação contínua do aluno. O primeiro se estabelece

“ao nível da ação pedagógica do professor, que avisado dos efeitos do seu trabalho pedagógico altera a sua ação ajustando as suas intervenções.” O segundo nível acontece “a nível das atividades do aluno, o que lhe possibilita ter a noção dos obstáculos com que se depara no seu percurso de aprendizagem para que possa identificar e corrigir os seus erros” (p.41).

Quanto a relação entre regulação e a avaliação, no dizer de Pinto (2016), *“a regulação continua a ser a chave para que a avaliação seja um contributo para a formação”* (p.36). Os autores reforçam esta ideia já abordada neste trabalho de que a tarefa da regulação já não é só do professor, mas sim uma tarefa também do próprio aluno o protagonista da sua própria avaliação. Feito isto, estamos perante a autoavaliação que dá ao aluno a oportunidade de fazer uma reflexão sobre a sua própria aprendizagem.

Relativamente a perspetiva de regulação feita pelo aluno no tocante à sua aprendizagem, William (citado por Pinto, 2026) deixa claro que *“para que a autoavaliação reguladora se desenvolva é necessário perceber onde está num certo momento e onde seria desejável que estivesse de modo a perceber o que fazer para voltar ao trilho de aprendizagem apoiado ou não pelos professores ou pelos seus pares”* (p.37).

Para que esta atitude esperada no aluno seja possível, o feedback permanente e sistemático por parte do professor, o acompanhamento e a orientação por parte do professor na sala de aula são de extrema importância. Só assim o aluno poderá se sentir autónomo e responsável pela sua própria aprendizagem. A regulação contribui desta forma para ajudar no processo de tomadas de decisões relativamente ao ensino aprendizagem implicando mudanças nos programas nas ações e nas estratégias tanto do professor como também do aluno. Ferreira citado por Dias (2001), aponta a importância do feedback e a orientação na regulação, que para este autor, são elementos cruciais *“que se articulam através de um trabalho pedagógico e/ou didático feito pelo professor (regulação externa) ou pelo aluno (autorregulação) ou ainda pelos dois em interação”* (p.41). Tudo isto demonstra que os principais intervenientes neste processo não podem funcionar de maneira alguma de forma separada,

Dias (2011), no seu trabalho sobre a avaliação apresenta alguns aspetos muito importantes que contribuem de forma significativa para uma avaliação de carácter regulador.

- “1. Se dirija ao aluno;*
- 2. Seja parte integrante do processo ensino aprendizagem;*
- 3. Permite que os objetos da aprendizagem sejam conhecidos e apropriados pelos alunos;*
- 4. Tenha enfoque tanto os resultados como os processos;*
- 5. Seja propiciadora da compreensão e reflexão dos processos de aprendizagem dos alunos quer por parte do professor, quer por eles próprios;*
- 6. Incentive a autoconfiança dos alunos na sua aprendizagem;*
- 7. Desenvolva uma postura reflexiva a partir dos dados recolhidos dos diferentes autores envolvidos no processo de modo que todos compreendem o que estão a fazer e porque” (p.40)*

Dito isto, percebe-se mais uma vez que o aluno também é um agente ativo no processo de regulação da aprendizagem, contribuindo para que ela ocorra de forma satisfatória, proporcionando-lhe a compreensão de como o seu conhecimento está sendo construído.

Quanto a função da regulação no processo de ensino aprendizagem, encontramos a contribuição de Cardinet citado por Pinto (2016), acrescentando que a regulação *“se destina a apropriação didática no sentido de fornecer ao professor informações uteis para um funcionamento mais eficaz”* (p.18). Uma vez mais, este autor nos recorda o quanto a coleta e análise de dados sobre a aprendizagem dos alunos é de extrema importância.

1.3. Instrumentos e estratégias para a avaliação das aprendizagens

No decorrer do processo de ensino aprendizagem há sempre a necessidade de avaliar o aluno independentemente da opção ou estratégia adotada pelo professor ou do uso que vai fazer da informação ou resultado obtido pelo aluno. Em muitos casos, nem se fala em opções de instrumentos ou estratégias utilizadas já que o mais habitual e mais fácil são os testes escritos. De acordo com Gonçalves e Larchert (2012), *“Instrumentos de avaliação são procedimentos didáticos utilizados no decorrer da prática pedagógica com o objetivo de conduzir o professor durante o processo de ensino e orientar os alunos quanto as suas aprendizagens”* (p. 65).

Estes autores nos dizem que, na pedagogia tradicional os instrumentos são por vezes confundidos com técnicas de ensino. Nas suas perspetivas não há um instrumento universalmente válido, assim como para proceder a avaliação exige-se um instrumento ou uma metodologia de ensino específico. Por estarmos perante a um grupo de alunos com características específicas *“um só instrumento não dá conta de avaliar todas as aprendizagens de um determinado conhecimento adquirido pelo aluno”* (p.67). Dai a necessidade de diversificar os instrumentos de forma a que todos os alunos possam tirar proveito destes, em termos de aprendizagem e de avaliação, deixando de lado a ideia de que a prova escrita é o único instrumento para medir a aprendizagem. Para nos mostrar o que é a prova/testes tradicionalmente falando e o papel na aprendizagem, Gonçalves e Larchert (2012), nos dizem que a prova, tradicionalmente, consiste em um conjunto de questões que o professor prepara com o objetivo de testar se o conteúdo ensinado foi aprendido pelo aluno. Pode-se constatar que, vários estudos têm vindo a ser feitos no sentido de dar a prova uma outra vertente na avaliação das aprendizagens. De acordo com estudos feitos sobre esta temática a perspetiva sobre a avaliação tem mudado fazendo com que esta vá além de um simples teste de conteúdo. Vários estudos científicos, tem demonstrado que os testes são instrumentos que fornecem ao professor dados que ajudam a ajudar os alunos a aprenderem melhor e ultrapassar as suas dificuldades bem como orientar o seu ensino.

Entretanto percebe-se que ainda existe um longo caminho a percorrer, no sentido de consciencializar os professores acerca desta nova abordagem avaliativa. Relativamente à prova como instrumento de avaliação, e para nos mostrar a falta de mudança de paradigma nesta matéria, Gonçalves e Larchert (2012) dizem que, *“ela foi e tem sido utilizada (o) com um recurso de disciplinamento externo e aversivo sobre os educandos, através das ameaças, da elaboração destorcida de questões, mais para dificultar a resposta do estudante do que para diagnosticar a sua aprendizagem (...)”* (Gonçalves e Larchert, 2012: p.70).

Por esta razão é que todos temos experiências de momentos de tensão e stress em momentos de avaliação relativamente a provas e exames. Para evitar criar estas experiências negativas nos alunos, Gonçalves e Larchert (2012), nos dizem que *“a prova na abordagem de avaliação mediadora é uma negociação entre quem ensina e quem aprende, ambos responsáveis pelo sucesso da aprendizagem escolar”* (p.50). Fazendo

isto o professor não está a facilitar ou favorecer nenhum aluno, mas sim contribuir para uma educação para todos e consequentemente uma sociedade melhor.

Ainda relativamente a prova, neste caso na sua realização, os autores mencionados no parágrafo acima realçam que no momento da aplicação da prova deve haver um clima de concentração e descontração visto que representa mais um momento de aprender sobre os conteúdos. Neste sentido a prova cumpre o papel de um instrumento de reforço da aprendizagem. As autoras não fazem referência ao teste em duas fases tal como é referenciado por exemplo na obra de Pinto e Santos sobre a avaliação das aprendizagens, e em vários estudos feitos por estudantes de mestrado, mas, à semelhança do que Pinto e Santos referem, elas nos dizem, para evitar o stress criado na hora das provas *“as questões podem ser respondidas em casa com mais tempo e mais rigor na elaboração das respostas”* (p.71).

Como instrumento de avaliação das aprendizagens, a prova, quanto à sua correção Gonçalves e Larchert (2012), consideram ser *“o momento de levantamento de dados em que o professor informa o percurso de estudo do(a) aluno(a) e orienta-o(a) para retornar ou avançar para determinados conteúdos”* (p.72). A segurança e a clareza nos objetivos por parte do professor em relação à aprendizagem dos seus alunos, que escolhe instrumentos que correspondem aos objetivos propostos, são chamadas de atenção importantes destes autores e acrescentam que;

“os resultados das avaliações dos alunos deverão ser interpretados e analisados contribuindo para a melhoria do ensino e do desempenho dos alunos permitindo o (re)planejamento das aulas e a elaboração de novas atividades e novas avaliações” (Gonçalves e Larchert, 2012; p.80).

Existem outras ideias quanto ao papel dos instrumentos de avaliação. Rodrigues (2008, p.4), por exemplo realça que os instrumentos são construídos para atender às características dos alunos e permitem a análise e a realização das aprendizagens. Por esta razão e respeitando a diferença de cada aluno mais uma vez, vários estudos têm sido desenvolvidos, designadamente por estudantes de mestrado da Universidade Aberta como, Ana Paula Murçós, Maria Raquel Monteiro entre outros, estudando, testando, analisando e apresentando conclusões e novas propostas de instrumentos de avaliação que contribuem para a aprendizagem dos alunos. Como exemplo estes têm estudado

nomeadamente o portefólio, o relatório escrito o teste em 2 fases entre outros, e o seu impacto na aprendizagem dos alunos em várias disciplinas.

Quanto à elaboração, ao uso/aplicação destes instrumentos e posteriores procedimentos depois de aplicados, Rodrigues (2008), salienta que são utilizados para avaliar os alunos, e que as competências avaliativas devem ser claras para os alunos antes de serem aplicados. O mesmo autor nos diz que as correções dos produtos da avaliação devem analisar as estratégias cognitivas e metacognitivas utilizadas pelos alunos na elaboração das suas respostas. Quanto à conceção dos mesmos, o autor recomenda aos professores um intercambio destes instrumentos entre eles, analisando o que foi elaborado e fazendo observações para contribuir com as suas sugestões para a sua melhoria. Para este autor, para o desenvolvimento de uma avaliação coerente, é necessária uma diversificação de instrumentos que realmente façam o levantamento das múltiplas aprendizagens construídas.

1.3.1 Teste em duas fases

O teste em duas fases é considerado por alguns pesquisadores em matéria de avaliação, principalmente da avaliação formativa, um impulsionador da aprendizagem efetiva dos alunos por várias razões. De acordo com Monteiro e Pais (2010), com turmas heterogenias, constituídas por alunos de diferentes níveis etários e de origem sócio-económicas diversas, há que fazer a diversificação dos instrumentos e das técnicas de avaliação. Em Cabo Verde, o Boletim Oficial nº 86, I série de 31 de dezembro de 2015, artigo 1º, alínea f), refere nos princípios orientadores do SNAA (Sistema Nacional da Avaliação das Aprendizagens), a diversificação dos instrumentos de avaliação bem como as normas que regem a transparências no uso dos mesmos. *“Talvez porque os testes estão muito enraizados na cultura ou porque pensam que são a melhor forma de avaliação, ainda hoje há muitos professores que recorrem quase exclusivamente aos testes e muitos alunos que só estudam na véspera da sua realização”* (Monteiro & Pais, 2010, p. 52). A sua utilização se torna um problema quando através deles a avaliação é reduzida a uma classificação sob forma de números. Para tirar maior proveito dos testes a favor do ensino aprendizagem, Pinto e Santos (2006) nos apresentam de entre outros instrumentos, o teste em duas fases como instrumentos alternativos que auxiliam no ensino-aprendizagem.

Os testes em duas fases,

“são inspirados nas ideias de Van der Blij, são testes que devem conter pelo menos algumas perguntas de natureza aberta. Como o nome indica, são realizados em dois momentos, um primeiro na sala de aula em tempo limitado e um segundo momento fora da sala de aula. Na primeira etapa o teste é apresentado aos alunos que os resolvem na sala de aula, podendo ou não o fazer com consulta. O aluno tem a liberdade de escolher as perguntas que preferir, sendo, no entanto, convidado a desenvolver todas as questões embora podendo fazê-lo pouco aprofundadamente. A primeira metade do teste tem perguntas de respostas e a segunda metade perguntas de desenvolvimento ou de ensaio. Após a primeira fase, o professor fica com os testes, comenta as respostas dadas pelo aluno na primeira fase e toma para si, notas sobre a qualidade do trabalho realizado.” (Pinto & Santos, 2006 pags.131-132).

Terminados os procedimentos e a etapa mencionada, os testes são entregues aos alunos dando-se início à segunda fase. O aluno volta a trabalhar, numa nova folha, onde decide quais as questões em que vai voltar a trabalhar de acordo com o feedback dado pelo professor, podendo, no entanto, fundamentar a sua opção. Concluída a segunda fase, o professor classifica os testes e a classificação recairá sobre *“a qualidade da primeira fase, a qualidade da segunda e a evolução do aluno.”*

Na segunda fase do teste, o aluno vai trabalhar de acordo com o feedback dado pelo professor mediante a correção feita, servindo-se dele para melhorar o seu desempenho e a sua aprendizagem. Posteriormente, o professor pode tirar proveito do erro cometido pelo aluno nas duas fases, tanto para melhorar as suas práticas como também para ajudar o aluno a clarificar o que não aprendeu. Num trabalho sobre a avaliação das aprendizagens feito em 2004 por Leonor Santos (Pinto & Santos, 2006) apresenta as seguintes vantagens do teste em duas fases:

-Criador de situações de aprendizagem-segunda fase;

-Adequado para competências específicas transversais (exemplo comunicação, interpretação, reflexão, resolução de problemas, autoconfiança, responsabilidade, perseverança)

- Contraria “espaço em branco”

- Favorece maior aproximação entre professores e alunos.

A mesma autora apresenta também algumas dificuldades que este instrumento de avaliação das aprendizagens apresenta, que são as seguintes:

-Exige uma prática letiva diária coerente:

-Mais dificuldades e tempo gasto na elaboração e nos comentários:

-Exige adaptação a um novo tipo de classificação;

- Mais tempo despendido na correção;

- Resistência dos alunos na compreensão do que se propõe

1.3.2. O portfólio

Utilizado atualmente como um instrumento quer de avaliação quer de aprendizagem em diferentes níveis de ensino, o portfólio é

“uma ideia inspirada nos artistas e fotógrafos que os usam para transpor algumas das suas melhores obras para as poderem mostrar aos outros, dando assim sentido (...)” ao transpor-se para a educação, significa uma amostra diversificada e representativa de trabalhos realizados pelo aluno ao longo de um período amplo, que cubra a abrangência, a profundidade e o desenvolvimento conceptual. Ele é propriedade do aluno e cabe-lhe decidir o que incluir ou não” (Pinto e Santos, 2006 p. 148).

Segundo Woodward, 2000, citado por Amante (2011), “os estudos sobre a utilização dos portfólios convencionais, ou seja, em papel, são regra geral, unânimes em considerar que estes apresentam um grande potencial constituindo-se simultaneamente como oportunidades de aprendizagem e instrumentos de avaliação” (pag.227). Para que o portfólio tenha este papel e esta utilidade para o desenvolvimento da aprendizagem, terá que ser uma atividade frequente e acompanhado de alguma reflexão e não só de acumular material.

Bowen citado por Greco (s.d), define o portfólio como

“um instrumento de avaliação que envolve registo e revisão do progresso dos alunos, ao longo do curso. Este instrumento de avaliação contém uma coleção de produções escolares dos alunos relacionados com a disciplina do currículo, descrições e apreciações produzidas pelos próprios alunos; pelos seus professores e algumas vezes por elementos externos, (ex. Pais)” (p. 13).

Tendo a função formativa, o portfólio deve ser planejado e negociado com os alunos “*visando ajuda-los a refletir sobre a sua participação no ensino aprendizagem*” Grego (s.d), considera ainda que o portfólio no contexto de avaliação formativa, contribui para o desenvolvimento intelectual e sócio emocional dos alunos, para a sua autoestima e autodeterminação, enriquece o trabalho docente, dado que a riqueza de documentos relevantes fornecem informações ao professor na condução do seu trabalho, nas decisões a tomar para melhorar a aprendizagem dos seus alunos.

Capítulo 2- O ensino e a aprendizagem da língua inglesa em Cabo Verde

2.1. Um Breve Olhar Sobre a nossa História

Segundo Trigueiros (2010), a aprendizagem de uma língua estrangeira tem feito parte da vida do homem desde há muito tempo por ser considerado um instrumento indispensável de comunicação entre vários povos e países. Se no passado as motivações para aprender inglês eram culturais, políticas, como instrumento de promoção social, para o acesso a religião, ou dominação de outro povo, atualmente o ensino e aprendizagem da língua inglesa é imposta pela globalização e o desenvolvimento tecnológico que se assiste a escala mundial.

Relativamente a história da aprendizagem desta língua, Trigueiros (2010) cita Howat que nos diz que o ensino dessa língua a outros povos de língua diferente teve início na idade média na Grã-Bretanha como consequência das *“convulsões políticas, económicas religiosas e sociais ocorridas na Europa desta época”* (p.94). Assim, sendo Cabo Verde uma das colónias Portuguesas na época, o Inglês chegou às nossas ilhas, pelas razões já mencionadas à semelhança de outras paragens, mais concretamente a partir do século XIX, altura em que a Inglaterra tinha o domínio económico e não só, razão pelo qual o Inglês passou a ser a língua dominante e surgindo cada vez mais a necessidade de a aprender.

“A aprendizagem da língua inglesa passou a ser cada vez mais necessária, e o seu ensino foi-se tornando cada vez mais sofisticado alargando as suas fronteiras à Europa continental, às Américas, á Asia e finalmente a África (Trigueiros, 2010: p.96).”

No século XX, segundo Trigueiros (2010), a independência de muitos países que pertenciam à colónia Britânica espalhados pelo mundo fez com que muitos países adotassem a língua do colonizador, neste caso a língua inglesa. Assim, houve um aumento de procura da aprendizagem desta língua, passando, portanto, a fazer parte do currículo escolar de vários países, Cabo verde não foi exceção.

Trigueiros (2010), considera a aprendizagem da língua inglesa em Cabo verde um fenómeno natural resultante de fatores como a pesca da baleia, a exploração do sal, a procura da urzela, produto utilizado na indústria manufatureira de tecido, o entreposto carvoeiro do porto grande do Mindelo e que resultou na emigração a bordo dos navios. Segundo Trigueiros, num primeiro momento a aprendizagem desta língua deu-se de uma *“forma informal imposta pelos ditames de sobrevivência tanto dentro como fora das ilhas. (p.97)”*

Todas as atividades impulsionadoras da aprendizagem da língua inglesa trouxeram para as ilhas pessoas de outros países nomeadamente os que falavam Inglês que vinham à procura de produtos. A autora nos diz que *“foi assim que muitos navios americanos começaram a escalar regularmente a partir de 1740 em busca de provisões, muito antes dos ingleses”* (p. 89). Segundo a autora, no alvará de 2 de maio de 1778, o estado português autorizou os americanos a praticar a pesca da baleia em suas águas e por isso de entre os navios que faziam a pesca da baleia estava o *“Effie Marissey”* que posteriormente veio a ser chamado de Ernestina por passar a pertencer a donos Cabo-Verdianos. Este navio foi um grande elo entre Cabo verde e os Estados Unidos da América e conseqüentemente impulsionou o encontro entre o povo de Cabo Verde e povos que falavam Inglês.

Toda esta movimentação à volta das ilhas, fez com que os cabo-verdianos precisassem de comunicar com os americanos e os ingleses e *“muitas pessoas que eventualmente pudessem falar esta língua”* (p.92). E assim, de acordo com Trigueiros (2010), esta movimentação fez com que *“a língua inglesa tenha imposto a sua presença nas ilhas muito antes de pensar no seu ensino informal”* (p.93). Trigueiros nos diz que devido à necessidade de sobrevivência, *“o cabo-verdiano foi aprendendo, aprendendo sempre na luta pela sobrevivência”* (p. 92). À medida que necessitava de emprego ou mesmo de um produto, ele era automaticamente obrigado a usar a língua de quem lhe fornecesse o que precisava. *“Essa aprendizagem da língua inglesa acontecia também quando o emigrante americano voltava a cabo verde de férias ou para ficar”* (Trigueiros, 2010, p. 92). Por esta razão *“a aprendizagem do Inglês começou informalmente nas lides do cotidiano por condições impostas pela própria historia destas ilhas”* (Trigueiros, 2010, p.93). Assim, aprender Inglês em Cabo Verde tornou-se uma questão de sobrevivência sendo que no início o Inglês era ensinado, *“não como língua de importância, mas sim como língua de cultura e integração social.”* No seu estudo sobre a língua Inglesa em Cabo Verde, a autora considera a revolução industrial que aconteceu nos finais do século XVIII, que se fez sentir também em Cabo Verde trazendo uma indústria baseada em máquinas, que revolucionou a tecnologia e o sistema de transportes devido à procura de matéria prima, sendo um grande impulsionador da aprendizagem e do uso constante e quase que obrigatório da língua inglesa.

Entretanto quanto ao ensino da língua Inglesa em Cabo verde, Trigueiros nos diz que ele não começa com os factos que marcaram o século XX à escala mundial. Ela aponta

indícios do ensino da língua inglesa nas ilhas que datam de 1860, com documentos que relatam a transferência de uma escola primária da ilha Brava para a cidade da Praia ilha de Santiago, que resultou na criação do Liceu Nacional de Cabo verde (Portaria nº 313-A de 15 de dezembro de 1960) e a língua inglesa foi acrescentada no plano curricular. A autora, no entanto, realça que, mesmo o inglês fazendo parte do plano curricular não há registros da sua materialização, passando mais tarde a aparecer a sua materialização no ensino no Seminário- Liceu de São Nicolau em 1892 (p.99). A partir desta data mesmo com altos e baixos passou a fazer parte do currículo e permanece até aos dias atuais.

Em Cabo verde, de acordo com o programa de reestruturação e expansão do ensino secundário justifica-se o ensino da Língua Inglesa como de extrema importância para o desenvolvimento e vínculo de comunicação entre povos. Assim segundo o documento *“Finalidades do ensino da língua inglesa.”* Neste contexto, o programa de língua inglesa deve não só ir de encontro aos objetivos da educação em Cabo Verde como também desenvolver no aluno a capacidade de ser um cidadão ativo no seu país e contribuir também para o seu enriquecimento pessoal e de sentido de cidadania.

Como disciplina que faz parte do currículo do ensino secundário, algumas das suas várias finalidades são, segundo o mesmo documento, habilitar o aluno para a receção e produção de informações relevantes para as suas necessidades e interesse, bem como desenvolver a autoconfiança e o espírito crítico como elementos fundamentais para a aquisição de outros saberes. No 10º ano os alunos têm uma carga horária de três horas semanais

2.2.A prática avaliativa da língua Inglesa

A prática avaliativa da língua inglesa nas escolas não tem sido diferente das outras disciplinas. Por esta razão é que na maioria das vezes muitos professores da língua inglesa optam por conteúdos que nem sequer são relevantes para que o aluno possa aprender a língua de forma eficaz. Neste sentido, Baxter, citado por Duboc (1997) refere o que

“a opção pelo conteúdo que se deseja avaliar no processo de ensino aprendizagem de uma língua pode parecer simples num primeiro olhar, mas não o é, se consideramos tantos outros aspetos além do sistema linguístico” (p.268).

Dito isto, é importante definir os conteúdos que se querem avaliar de acordo com o objetivo que se quer alcançar, conteúdos estes que contribuem para o desenvolvimento de todas as competências linguísticas que uma língua estrangeira exige. De acordo com

Baxter, citado por Duboc (2007), os professores têm dado prioridade a conteúdos que são fáceis de ensinar, como por exemplo a gramática por ser de fácil correção. Nesta perspectiva, Duboc realça a importância de contextualizar e diversificar a forma de avaliar os alunos. A autora por exemplo levanta a questão relativamente a forma de avaliar o certo e o errado numa determinada cultura e por isso ela apela a necessidade de evitar exercícios e significados de carácter estanque. Por exemplo um aluno pode considerar que “*eating rice*” faz parte de “*breakfast*” porque na sua cultura é normal ou habitual comer arroz ao pequeno almoço e o professor considerar que o que ele respondeu está errado.

No seu estudo, sobre a avaliação da disciplina de língua Inglesa, Duboc realça a predominância da prova escrita como um problema na avaliação da aprendizagem da língua inglesa e “*a ausência de procedimentos que pudessem redirecionar o desempenho dos alunos*” (p.269). O feedback dado aos alunos relativamente aos seus desempenhos e aprendizagem é caracterizado de forma extremamente numérica. A autora realça a dificuldade que alguns professores têm de criar ou desenvolver outros instrumentos e formas de avaliação que acarretem menos formalidade ou burocracia. De acordo com a mesma, “*é preciso esboçar outras abordagens de avaliação que vão além duma simples verificação de conteúdos fixos e memorizáveis dando ênfase a subjetividade, a diferença e a criação atualmente priorizadas*” (p. 271).

À semelhança dum exemplo já apresentado aqui, um exercício em que a professora pede para os alunos escreverem alimentos que fazem parte do “*breakfast*” e levanta a questão cultural e de contexto já mencionado. Ela coloca a hipótese de o aluno escrever “*rice*” já que em algumas culturas o arroz faz parte do pequeno almoço. Duboc sugere que neste caso a professora podia propor para avaliação uma discussão sobre “*breakfast*” em diferentes países e regiões, dando aos alunos a oportunidade de criar significados com maior mobilidade diante das diferenças culturais.

Como elemento de avaliação da aprendizagem na língua inglesa por exemplo, Duboc (2005), sugere o portefólio eletrónico como uma modalidade avaliativa emergente, “*cujas principais preocupações constituem a formação reflexiva do aluno relativamente ao que se aprendeu e como aprendeu*” (pg.275). Para reforçar a importância da diversificação das estratégias de avaliação da língua inglesa

Canan e Paiva (2016), nos dizem que

“na aula de língua estrangeira entre diferentes métodos e técnicas e abordagens de ensino, faz-se necessário rever os critérios avaliativos que devem estar coerentes com os objetivos propostos agregando qualidade ao ensino da língua ensinada” (p.13).

Da mesma forma que não se pode ensinar uma língua estrangeira igual a outra disciplina, a avaliação também se faz necessariamente diferente. Ela terá de ser feita não só de acordo com os objetivos propostos, mas também de forma a que o aluno possa desenvolver todas as competências e habilidades que uma língua exige. De acordo com Canan e Paiva (2016), as competências a serem desenvolvidas nas aulas de língua estrangeira não podem contar com instrumentos avaliativos escolhidos e determinados por apenas uma das partes do processo de ensino. Para fornecer um retorno significativo aos estudantes as autoras nos dizem que os estudantes precisam ser avaliados para progredirem na sua aprendizagem, mas deve ser estimulada a autonomia estudantil, considerando ser o jovem educando o maior responsável pelo desenvolvimento do seu saber.

Os autores acima mencionados, consideram que o ensino da língua não se restringe somente à tarefa de dar aulas, e a avaliação não pode ser dissociada do processo ensino aprendizagem, e que quando são *“feitos de forma desassociada, compromete a prática pedagógica do professor”* (p.23). Mais do que outras disciplinas, a avaliação das línguas estrangeiras precisam ter uma abordagem qualitativa, ou seja, uma avaliação que vai além de uma nota representada por números de forma e encorajá-los a ajudá-los a melhorar. Lembrando mais uma vez que o papel da avaliação, neste caso a *“avaliação qualitativa acontece não para testar ou verificar se o estudante aprendeu, mas sim para ajudá-lo a aprender”* (Canan e Paiva, 2016, p. 25).

Por esta razão, um avaliador qualitativo na sua forma de corrigir promove os acertos sem ignorar que os erros fazem parte da aprendizagem e não os interpreta como um sinal de ignorância. *“O discente deve sentir-se alertado e instigado a aprender com os seus erros e corrigi-los, sem se sentir envergonhado ou reprimido”* (Canan e Paiva, 2016, pag.27).

Para Canan e Paiva (2016),

“quando o professor faz uso ou prioriza apenas um método de avaliação, mostra-se para nós uma maneira deficiente de se promover a aprendizagem de idiomas pois entendemos que uma única metodologia avaliativa não serve de suporte à amplitude do processo de internalização de uma língua estrangeira por dar conta apenas das muitas competências comunicativas que se esperam atualmente com o ensino de idiomas” (pg.39).

Por esta razão faz-se sentir a necessidade de diversificação dos instrumentos e estratégias de avaliação, fazendo com que o ato avaliativo seja direcionado para a aprendizagem do aluno de forma a que ele possa adquirir as competências exigidas ou esperadas numa língua estrangeira.

Capítulo 3-Metodologia

Neste capítulo pretendemos dar conta dos objetivos do estudo, do contexto em que decorreu e dos seus participantes, bem como das razões que estiveram na base da nossa escolha. Damos conta depois das opções metodológicas que fizemos neste percurso de investigação, desde a natureza da pesquisa, aos seus instrumentos e técnicas de recolha de dados no terreno.

3.1. Objetivos

Com esta investigação, pretendeu-se usar instrumentos alternativos de avaliação formativa, a favor de uma turma do décimo ano do ensino secundário da língua Inglesa nível 4, com cerca de 43 alunos, visando melhorar a aprendizagem e o desempenho desses alunos. Tivemos como objetivo, procurar conhecer as potencialidades da avaliação formativa para a aprendizagem da língua inglesa e dos recursos utilizados, designadamente dos instrumentos de avaliação; teste em duas fases e portefólio do aluno. Procurámos ainda verificar a opinião dos alunos em relação à experiência vivenciada, nomeadamente como avaliam a sua aprendizagem e o uso dos instrumentos de avaliação formativa, referidos.

Pretendeu-se neste sentido no sentido encontrar respostas às seguintes questões:

De que forma é que as práticas da avaliação formativa e os seus instrumentos alternativos de avaliação contribuem para melhorar a aprendizagem e o desempenho do aluno?

Qual é a aceitação destes instrumentos alternativos da avaliação formativa por parte dos alunos?

Qual é a visão dos alunos sobre a avaliação anterior a este estudo?

3.2. Contexto do estudo: A escola

A Escola Básica e Secundária Olavo Moniz, pertence ao agrupamento 2-Olavo Moniz-Ilha do Sal/Cabo Verde agrupamento este com um total de 5471 alunos, constituído por quatro escolas. A Escola básica e Secundária Olavo Moniz, é uma escola publica e oferece todos os níveis de ensino básico e secundário geral e do ensino técnico tem um total de 3125 alunos. A sua estrutura física da escola compreende-se 30 salas de aulas normais, com 9 instalações específicas: biblioteca, placa desportiva, laboratório de física, química e ciências naturais, salas de desenho e educação tecnológica, sala de informática,

auditório/sala multimédia, sala de coordenações, sala de música, e sala de acompanhamento dos alunos.

Em termos de serviços administrativos, encontra-se a secretaria e espaços anexos para arrumos e arquivos, e gabinetes do concelho diretivo. Existem também espaços de convívio como os pátios e a sala dos professores. Como serviços de apoio a escola Olavo Moniz possui uma reprografia e também uma cantina. E, termos de instalações sanitárias a escola possui 6 casas de banho para o uso geral dos alunos, 2 casas de banho no bloco administrativo e 4 balneários.

No tocante aos recursos financeiros a escola vive de um orçamento anual privativo, sendo a principal fonte de receita provenientes das propinas e dos emolumentos. Existem ainda apoios de parceiros cujo financiamento pode ser feito quer através de verbas quer através de equipamentos ou materiais fornecidos.

3.3. Caracterização da turma e dos Participantes do estudo

Os participantes deste estudo são alunos do 10º ano da escola secundaria Olavo Moniz na Ilha do Sal/Cabo verde. A turma é composta por 44 alunos oriundos de famílias de diversas ilhas de cabo Verde que se aventuram para a ilha do Sal à procura de melhores condições de vida e emprego. Ela é constituída por 11 rapazes e 23 meninas. Destaque-se que integra vários alunos atletas, desde o futebol ao basquetebol, bem como 2 alunas que já são mães e de referir também que engloba alunas com problemas de várias ordens, designadamente alunas que se aventuram nas ruas a vender bananas por exemplo antes ou depois das aulas, para ajudar a família.

Em termos de aprendizagem e das competências adquiridas na disciplina de língua inglesa, verificou-se que existiam lacunas enormes para alunos do nível IV, quer a nível da escrita da gramática quer a nível do vocabulário. Este facto que foi constatado pela professora/investigadora nas primeiras aulas do início do ano letivo ao pedir aos alunos da turma que se apresentarem em Inglês, oralmente, não tendo estes conseguido fazê-lo. Então foi pedido para que o fizessem por escrito e verificou-se que apenas 4 alunas conseguiram escrever informações pessoais básicas acerca delas, corretamente. No início pensou-se que fosse por timidez, mas ao ler e corrigir as composições, constatou-se que era um misto de falta de bases em Inglês no tocante aos pré-requisitos e timidez por parte de alguns, o que os impedia de serem mais ativos durante as aulas.

Nas reuniões de avaliação da turma que são feitas no fim de cada trimestre, em que estão presentes todos os professores da turma, as reclamações em relação a turma eram as mesmas. Passividade, distração, falta de interesse e indisciplina da parte de 5 rapazes da turma que por causa do mau comportamento tiveram passagens pelo conselho de disciplina da escola, sem contar distrações e conversas constantes durante as aulas.

Em virtude destes aspetos, entendemos que se justificava considerarmos a hipótese da nossa intervenção decorrer nesta turma, da qual a investigadora era também professora, procurando assim provocar mudanças na prática pedagógica, designadamente na avaliação, que favorecessem a aprendizagem e o sucesso destes alunos.

Procurou-se, assim, neste estudo envolver os alunos e conhecer a sua opinião sobre a realidade vivida no decorrer do estudo, bem como conhecer as suas perceções sobre a avaliação. As suas perspetivas sobre a experiência vivenciada serviram de base para contruir evidencias que pudessem responder às perguntas de investigação,

3.4. Opções metodológicas

O objetivo proposto por este estudo, levou com que a investigação tivesse uma abordagem qualitativa de natureza interpretativa por tratar-se de uma investigação direcionada para a prática, a partir do ambiente natural dos participantes, com a pretensão de investigar questões formuladas a partir deste mesmo ambiente. Sendo de natureza qualitativa, desenvolvido segundo um desenho de Investigação-ação, pretendeu-se assim, produzir mudanças nas práticas avaliativas, investigando a própria prática da investigadora. Lopes e Dias (2005), realça que na investigação-ação,

“o conhecimento disponibilizado pela investigação educativa constitui-se uma importante de informação no sentido de ajudar o professor a estabelecer hipóteses alternativas de e outras perspetivas de análise de situações com vista a resolução do problema que desencadeia a investigação” (154).

Day, e Eliot , (citado por Lopes & Silva 2005,) definem a investigação-ação como sendo uma estratégia de desenvolvimento profissional usada por educadores e professores para investigar um problema ou uma área de interesse específica do seu contexto profissional. A investigação- ação dá ênfase ao desempenho dos alunos e permite ao próprio investigador aperfeiçoar as suas práticas já que fornece informações sobre as suas ações pedagógicas e oportunidade de melhorá-las. A nossa escolha está diretamente ligada ao

paradigma qualitativo e ao contexto em que pretendíamos desenvolver este estudo visando investigar o impacto de instrumentos da avaliação formativa alternativos e a sua relação com as melhorias na aprendizagem dos alunos.

Assim, no decorrer desta investigação foram implementados instrumentos e estratégias da avaliação formativa, designadamente o teste em duas fases e o portefólio dos alunos durante os três trimestres letivos.

Segundo Fernandes (s.d) *“o contributo da investigação na prática educativa pode e deve levar a uma participação mais ativa do professor como agente de mudança”* (pg. 8). Segundo a mesma a autora (s.d), a investigação ação considera que *“o processo de investigação é em espiral”* interativo e focado num problema. A mesma autora, invoca Luiza Cortesão e Stephen Stoer que defendem que *“o professor através da metodologia investigação-ação pode produzir dois tipos de conhecimento científico: um que se baseia como professor investigador, e outro que se baseia no desenvolvimento de dispositivo pedagógico”* (p.48). A investigação-ação é também uma metodologia de investigação orientada para a melhoria da prática nos diversos campos de ação, no caso deste estudo, a avaliação das aprendizagens, o que vai permitir transformar a realidade da avaliação educativa no que contexto em que este estudo foi desenvolvido.

A recolha de informação direta pelo investigador em ambiente natural ajudará na compreensão do problema bem como as perspetivas dos alunos. Embora na investigação-ação possam ser utilizados tanto métodos qualitativos como quantitativos, verifica-se o uso do método qualitativo baseado na observação e entrevista, é um dos mais utilizados. A escolha do método qualitativo, tem suporte em Bogdan e Biklen (1991), que apresentam algumas características que passo a enunciar: a situação natural constitui a fonte de dados, sendo o investigador o instrumento chave na recolha de dados, a sua primeira preocupação é descrever e só secundariamente analisar dados, a questão fundamental é todo o processo, o que aconteceu, bem como o produto final, os acontecimentos só podem compreender-se, se compreendermos a perceção e a interpretação feitas pelas pessoas que neles participam, pelo que tivemos a preocupação de considerar a perspetiva dos alunos sobre a intervenção desenvolvida.

3.5. Coleta de dados

As aulas da turma em que este estudo se encere decorreram todas as segundas, terças e quintas feiras, com a duração de 50 minutos cada aula. A coleta de dados foi baseada na

observação participante em aula (registro de notas de campo) ao longo de todo o desenvolvimento do estudo. A observação teve como foco os procedimentos do professor durante a aula e o comportamento dos alunos à medida que se desenvolvia o estudo, anotações estas, do investigador/professor, feitas durante a realização dos testes escritos em duas fases e sempre que aparecia algum episódio pontual relativamente à problemática do estudo.

O pedido aos alunos de um registro escrito da sua opinião acerca do que foi desenvolvido nas aulas, representou também um instrumento de recolha de dados de suma importância. A cada realização do teste em duas fases durante os três trimestres e no fim do último trimestre do ano letivo, altura em que o estudo teve o seu término pedia-se aos alunos que escrevessem as suas reflexões acerca do que vivenciaram.

A juntar a estes instrumentos. no final do estudo foi realizado uma entrevista semiestruturada utilizando grupos focais pelo que a turma foi dividida por grupos, tendo assim sido entrevistados 4 grupos: 4 que a entrevista em grupo permitiria aos alunos expressarem-se mais espontaneamente, permitindo uma recolha de dados mais rica e evitando o constrangimento que poderia colocar uma entrevista individual com o professor.

3.5.1. A observação

Outra forma de recolha de dados, com já foi dito anteriormente é através da observação, tendo o investigador como participante e foi feita durante as aulas acompanhando todo o processo em estudo. Esta observação teve como foco os procedimentos do professor durante a aula e o comportamento dos alunos à medida que se desenvolvia o estudo. Segundo Tuckman (2000), observação é outra fonte qualitativa de recolha de dados, levando em conta o acontecimento em ação, neste caso específico, sem, no entanto, formular questões, e sim olhar o comportamento dos alunos. No caso deste estudo a observação foi feita, com particular incidência, durante a realização dos testes escritos em duas fases e registando as mudanças nas aprendizagens decorrentes da utilização do instrumento em causa, mas também durante as aulas, anotando aspetos relacionados com a aprendizagem e a avaliação formativa que entendemos serem relevantes para o estudo. De um modo geral a observação consistiu em colher informações pertinentes, anotando detalhes que traduzissem alguma ideia ou preocupação, de forma a estabelecer uma

comparação ao longo do tempo. A observação pode revelar-se muito útil para refletir sobre a prática e melhorá-la, sendo importante que se tomem notas de forma detalhada.

3.5.2. Registos escritos

O registo escrito permitiu aos alunos recontar o processo vivenciado registrando as suas experiências, permitindo assim perceber a aceitação do trabalho de pesquisa feito com a turma, e refletir sobre o impacto que as estratégias de ensino e avaliação tiveram nas suas aprendizagens, através dos instrumentos usados.

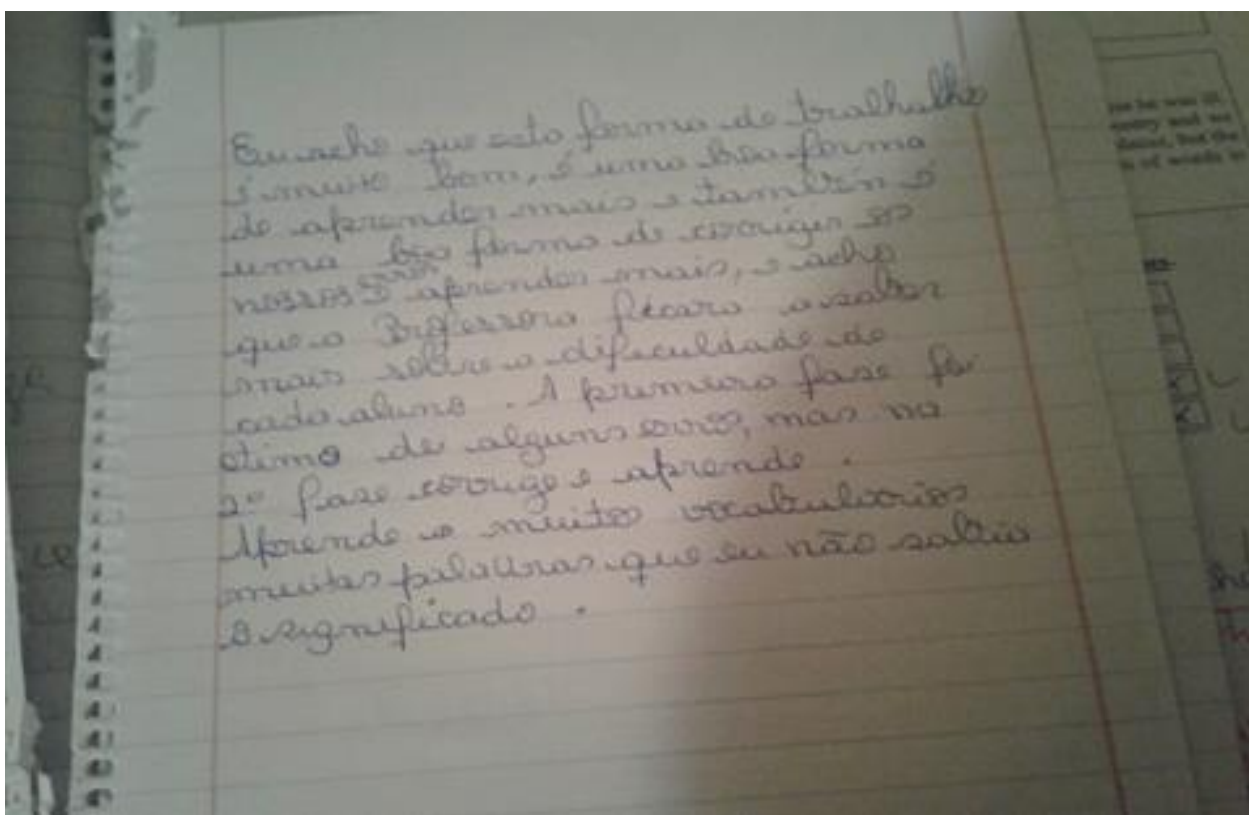


Figura nº 1- Registo escrito pelos alunos

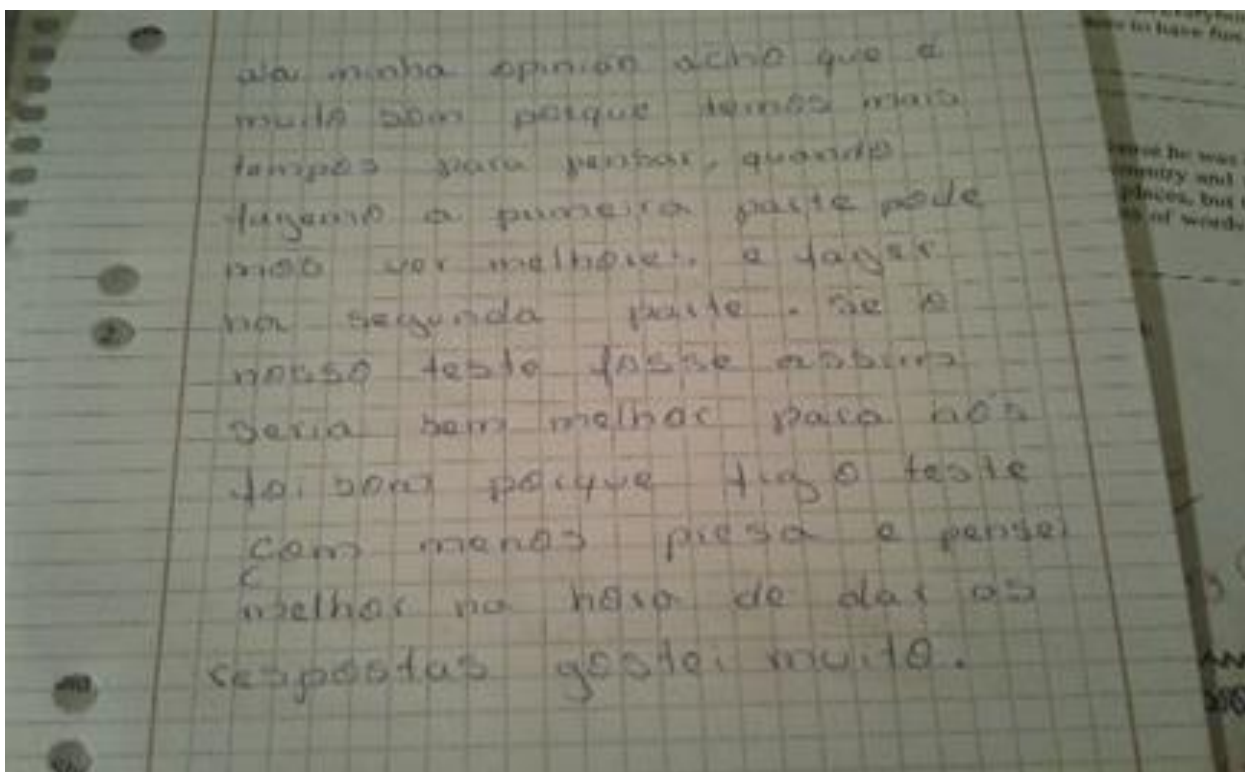


Figura nº 2- Registo escrito pelos alunos

3.5.3. A entrevista

Existem vários tipos de entrevista, (informal, focalizada, semiestruturada e estruturada). No caso desta pesquisa, foi utilizada a entrevista semiestruturada dirigida aos alunos.

Tuckman (2000), nos diz que os investigadores usam questionários e entrevistas não só para transformar em dados a informação diretamente comunicada por uma pessoa, como também para revelar as experiências realizadas por cada um, e o que em determinado momento está a decorrer. O mesmo autor recomenda que, por questões éticas, deve haver consentimento informado, ou seja, o sujeito da pesquisa deve ser informado sobre o objetivo e tudo que diz respeito á investigação. Neste sentido, os alunos foram informados de tudo o que diz respeito a este estudo.

Durante uma aula falou-se com a turma sobre a entrevista pedindo a participação dos alunos, dizendo-lhes que se tratava das atividades e de tudo que foi desenvolvido com eles nas aulas de Inglês, durante o ano letivo enfatizando de que as contribuições seriam muito importantes para o estudo. Foram informados que iam ser divididos em grupos sem nenhum critério de seleção estabelecido e que a conversa com eles ia ser gravada. Como

forma de os tranquilizar, foi lhes dito também que a entrevista não tinha nada a ver com as suas avaliações e que seria usada apenas para a conclusão do estudo em questão. Dito isto, todos os alunos aceitaram colaborar e, portanto, procedeu-se a divisão da turma em grupos de oito alunos. Cada grupo foi informado da data do encontro para a entrevista, o local, e a respetiva sala que neste caso foi a escola. Com auxílio do guião da entrevista, sem perguntas detalhadas, de questões abertas, procedeu-se à conversa com os alunos, aproveitando cada tópico para gerar respostas, visto que, segundo Kvale (1996), quanto mais espontânea for a estrutura da entrevista, mais espontâneas e vivas as respostas.

Assim, com o guião nº 5 (em anexo) pronto e conforme a estrutura do extrato que se segue, procedeu-se às entrevistas de “Grupo focal” no dia 6, 7 e 11 de junho de 2019 no horário habitual das aulas. Como coincidiu com períodos de avaliação em que os alunos recebem os testes e fazem balanço do ano letivo de cada disciplina com os respetivos professores, a estratégia utilizada foi sempre que possível ir à sala ver que alunos já estavam disponíveis para a entrevista e pedia-se ao professor que estivesse na sala para dispensá-los. Por este motivo e para não se perder a oportunidade de falar com eles visto no dia 16 do mesmo mês começarem as PGI (Provas Gerais Internas), o que levaria à sua dispersão fez-se entrevistas com grupos de nove alunos ao invés de oito como planeado inicialmente.

À medida que se conseguia reunir um grupo de alunos procurava-se uma sala de aula e, antes de entrar no assunto da entrevista, procurava-se criar um ambiente descontraído, falando por exemplo de episódios engraçados, ou conversando com eles sobre outros assuntos que nada tinham a ver com a entrevista, conforme nos mostra a primeira parte do extrato do guião de entrevista em anexo.

- ✚ Agradecer a disponibilidade explicar os objetivos e todo o procedimento da entrevista
- ✚ Explicar o problema da investigação em questão
- ✚ Assegurar a confidencialidade e dizer que não vai influenciar em nada a sua avaliação
- ✚ Falar da importância dos entrevistados para a investigação, ou seja, colocá-los em situação de colaboradores
- ✚ Perguntar se tem alguma pergunta ou alguma dúvida
- ✚ Pedir autorização para gravar a entrevista

Extrato do guião de entrevista

Relativamente à manutenção de um clima de confiança e descontração e tendo em vista obter um resultado de acordo com os objetivos da pesquisa, Kvale (1996) nos diz que durante a entrevista o entrevistado deve se sentir confiante para falar livremente. Assim,

quando os alunos já davam sinal de estarem à vontade, começava-se a entrevista tendo em vista aprofundar a sua percepção sobre o impacto da avaliação e do uso dos instrumentos da avaliação alternativa na aprendizagem da disciplina de Inglês bem como, os desafios colocados pela utilização destes mesmos instrumentos.

No bloco 1, conforme o guião apresentado aqui, procedeu-se a legitimação da entrevista, no bloco 2, indagou-se sobre a percepção dos alunos sobre a avaliação e as experiências vivenciadas, no bloco 3 procurou-se saber, sobre a percepção sobre o portefólio e a sua concretização. No bloco 4 visou-se abordar a pertinência das estratégias e instrumentos de avaliação formativa usados; no bloco 5 dava-se a oportunidade aos entrevistados de colocarem alguma questão, ou acrescentarem algo e, por último, no bloco 6 agradecia-se a sua colaboração. As entrevistas aos diversos grupos foram gravadas em áudio e posteriormente transcrita.

3.6. Método de análise de dados

O primeiro procedimento foi, por um lado, a organização dos dados das entrevistas e das reflexões escritas dos alunos e das anotações de campo, e, por outro considerar também os resultados dos testes em duas fases, pois eles são importantes para verificar os progressos dos alunos. De todos estes dados coletados, foi a análise direta do resultado dos testes o que permitiu ter uma noção do desempenho dos alunos em cada uma das fases. Com as opiniões escrita recolhida dos alunos sobre o trabalho realizado com a turma, depois de uma *“leitura flutuante”* do material avaliando a qualidade dos mesmos fez-se uma seleção de trechos que iam de encontro ao que se pretendia estudar ou seja os objetivos traçados para esta pesquisa.

Quanto as entrevistas, na primeira etapa transcreveram-se os dados qualitativos levantados e a marcação daquilo que se considerou relevante na narrativa tendo em conta os eixos estruturados na pesquisa. De seguida fez-se uma pré-análise que consistiu em “realizar a avaliação dos dados coletados que teve um teor descritivo e interpretativo. Em todos os dados recolhidos com exceção dos resultados dos testes procurou-se verificar se existiam aspetos comuns nos dados coletados ou se os temas, assuntos e opiniões mantem uma relação entre si. Tudo isto faz parte de um questionamento que pode emergir e contribuir para a apropriação das informações adequadas. Tentou-se ainda *“ancorar”*

esta investigação no diálogo com os autores que estudaram as temáticas deste estudo ajudando assim a alcançar na análise do conteúdo expresso neste estudo bem como a sua conclusão.

Os dados de uma investigação qualitativa resultantes da observação e de entrevistas, juntamente com outro tipo de documentos, requerem uma forma de tratamento próxima da que habitualmente se designa de investigação etnográfica (Lincoln & Guba, 1985). No paradigma qualitativo os dados não existem por si só emergindo antes na interação que se estabelece entre o investigador e as fontes que utiliza na sua pesquisa. Assim, os dados constituem a construção que se oferece ao investigador, e a sua análise implica a sua reconstrução, atribuindo-lhe novos sentidos e significados de onde surge a interpretação, num processo de inter-relação entre o investigador e a realidade estudada e da qual é também, ele próprio, ator.

Neste sentido, nem sempre a natureza dos dados recolhidos se configura como algo que possa ser tratado com base em técnicas de análise de conteúdo convencionais (Lincoln & Guba, 1985). Assim, a análise de conteúdo apresenta um conjunto de características que revelam grande afinidade com a análise naturalista, mas apresenta particularidades que a distinguem desta. Ainda que atingir o “*significado simbólico*” dos textos constitua uma das preocupações da análise de conteúdo (Bardin, 2013) existindo a preocupação do observador levar em atenção o conhecimento do contexto em que os dados surgiram, a questão que se coloca na análise subjacente ao paradigma qualitativo ultrapassa esse conhecimento, na medida em que esse contexto é ele próprio vivenciado pelo investigador e é, desta forma, determinante na análise que realiza: “*the inferences from data to environment may not be propositional; they may be tacit. Again the importance of creative human involvement in data processing becomes apparent.*” (Lincoln & Guba, 1985, p. 338)

No caso do estudo que aqui apresentamos, considerámos que os dados recolhidos apresentavam por vezes uma natureza distinta, consoante os objetivos e as características do instrumento de recolha utilizado e entendemos realizar outro tipo de abordagem face à análise das notas de campo resultantes da observação e das próprias entrevistas de grupo realizadas aos estudantes. Assim optámos por procedimentos que se enquadram na abordagem qualitativa dos estudos de caso, procurando dar conta da sua especificidade, utilizando técnicas de análise qualitativa dos dados, de natureza indutiva (Lincoln & Guba, 1985; Miles & Huberman, 1994), a que juntámos procedimentos descritivos

relativos aos registos escritos resultantes da reflexão dos alunos sobre a realização dos testes em 2 fases, que fomos interpretando em interligação com os restantes dados recolhidos, designadamente os próprios resultados dos testes em 2 fases. Assim a nossa análise inscreve-se numa metodologia descritiva e interpretativa da situação vivenciada como docente e como investigadora, neste projeto de investigação-ação. Procurámos deste modo ir narrando os acontecimentos, estabelecendo interligações e reconstruindo sentidos que nos conduziram à interpretação da realidade em estudo e da qual procuramos dar conta no capítulo seguinte deste trabalho.

Capítulo 4- Intervenção na Sala de Aula

4.1. O Desenvolvimento do estudo

Começou-se o estudo em dezembro de 2018. Como é habitual no início do ano letivo os professores costumam fazer um teste diagnóstico aos seus alunos com o objetivo de verificar a ausência ou presença de requisitos aprendidos ou não no ano letivo ou nível anterior. Durante o teste diagnóstico feito a todas as turmas do 10º ano, na turma onde este estudo se insere, verificou-se que a maioria dos alunos apresentavam muitas dificuldades na disciplina de língua inglesa principalmente a nível da escrita. Com o resultado obtido no teste diagnóstico, os erros evidenciados pelos alunos foram aproveitados para começar a delinear as estratégias de ensino numa perspetiva formativa. Assim, este projeto veio mesmo a calhar.

Embora o projeto de pesquisa tenha sido apresentado aos alunos de todas as cinco turmas do 10º ano, explicando-lhes de forma clara e objetiva do que se tratava, o entusiasmo, o interesse e a adesão, bem como o resultado do teste diagnóstico que evidenciava muitas lacunas a nível da aprendizagem da língua inglesa do nível 4, foram decisivos na escolha do 10º Ano, turma F.

Mesmo com este tipo de turma com todas estas dificuldades já descritas, sentiu-se uma motivação em implementar estes instrumentos e estratégias de avaliação apresentadas ao longo deste estudo, pois, independentemente desta passividade, e problemas de comportamento, a forma como os alunos abraçaram a proposta foi impressionante. Sentia que estava perante uma turma que precisava de ajuda e que de certa forma podia tirar proveito deste trabalho e melhorar a aprendizagem e as suas atitudes perante o estudo através destes instrumentos alternativos de avaliação. Outro motivo impulsionador da concretização deste estudo nesta turma, além das dificuldades apresentadas em termos da disciplina como já foi referido, era a heterogeneidade da turma e os diferentes níveis etários. Assim, existiam inúmeras razões para diversificar os instrumentos de avaliação apontadas por exemplo por Monteiro e Pais (2010) que dizem que, com turmas heterogêneas, constituídas por alunos de diferentes níveis etários e de origem sócio-económicas diversas, há que valorizar ainda mais a diversificação dos instrumentos e das técnicas de avaliação.

Este estudo, que tem o papel de investigar e agir, visa também nesse âmbito encorajar os alunos a aprender a refletirem e contribuírem de forma significativa para a sua própria aprendizagem. Coloca a avaliação ao serviço da aprendizagem do aluno, dando-lhe uma

vertente pedagógica e não somente de julgamento da aprendizagem apresentada sob a forma de números.

Reforçando as informações previamente dadas a todas as turmas acerca o projeto, foi dito então aos alunos que, no referido ano letivo a avaliação ia ser trabalhada numa perspectiva formativa e reguladora, cujo objetivo principal visa avaliar para aprender. Ou seja, que os momentos de avaliação, principalmente os testes escritos e o portefólio servir para os ajudar a melhorar a aprendizagem na disciplina de língua Inglesa.

4.2. Informações e orientações sobre o teste em duas fases

Normalmente, em Cabo Verde os alunos do 10º ano fazem 2 testes por trimestre que correspondem a 80% da nota final de cada trimestre. Os 20% são adquiridos através do OEA, (Outros Elementos de Avaliação), que tem a ver com os trabalhos de casa, a participação nas aulas, a assiduidade, o comportamento, os trabalhos de grupo. O tipo de avaliação que os alunos estão acostumados, relativamente aos testes, consiste em fazê-lo em 50 minutos, se conseguirem fazer tudo e bem ou se não conseguirem fazer nada no tempo e dia estipulado, é indiferente para o professor e para o próprio sistema. Portanto, esta modalidade de realização de teste, o teste em duas fases, feita em duas etapas, é algo impensável e fora do comum no contexto escolar onde este estudo se insere.

As informações transmitidas aos alunos em relação a este tipo de avaliação foram as seguintes: ao longo do ano letivo seriam feitos 5 testes. O primeiro seria feito de forma tradicional, o segundo do primeiro trimestre feito em duas fases, dois no segundo trimestre e um no terceiro trimestre, também em duas fases. A estrutura dos testes seria a mesma das outras turmas, mas teria um pouco mais de escrita e exercícios de desenvolvimento ao invés de apenas preencher espaços em branco para completar ou apenas com perguntas de interpretação, como estão habituados. A parte gramatical consistia em fazer os alunos construir as suas próprias frases e ideias ao invés de preencher espaços com tempos verbais. Os testes teriam também perguntas de desenvolvimento em que os alunos teriam de ser capazes de escrever corretamente as suas reflexões na língua inglesa sobre tópicos tratados e treinados durante as aulas no sentido de ajudá-los a melhorar a escrita. Com este formato pretende-se que a resposta deles vá além de um “yes” ou “no” obrigando-os a aprender a escrever corretamente.

Nos excertos que se seguem, de diferentes testes realizados, relativos aos “*modal verbs*” e “*family*” como tópicos, podemos ver que não foi pedido aos alunos para preencherem com “*should, may, must, can...*” ou com tempos verbais que fazem parte da estrutura gramatical, mas sim que construíssem frases demonstrando a função de cada um desses “*modal verbs.*” bem como responder a perguntas sobre família. Alguns alunos conseguiram adaptar a este tipo de exercício, mas, outros não.

<p>. Write sentences expressing the following:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Ability _____ 2. Advice _____ 3. Inability in the past _____ 4. Something forbidden _____ 5. An obligation _____ 	<ul style="list-style-type: none"> - Write with your own words a definition of Family? - Why is family so important? <p>Answer the following questions according to the discussions during the classes.</p> <ul style="list-style-type: none"> - What is friendship? <p>-Make a short composition about “Internet friendship” (80 words)</p>
--	---

Extrato de um teste em duas fases

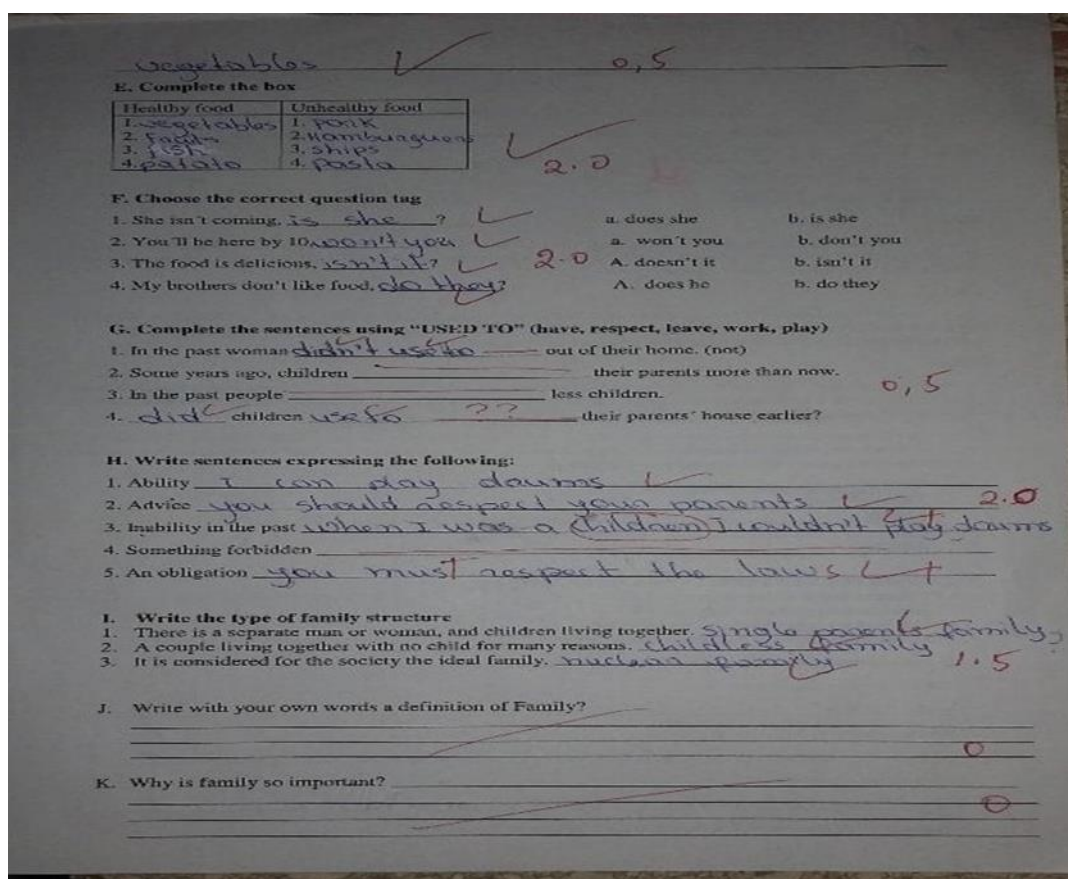
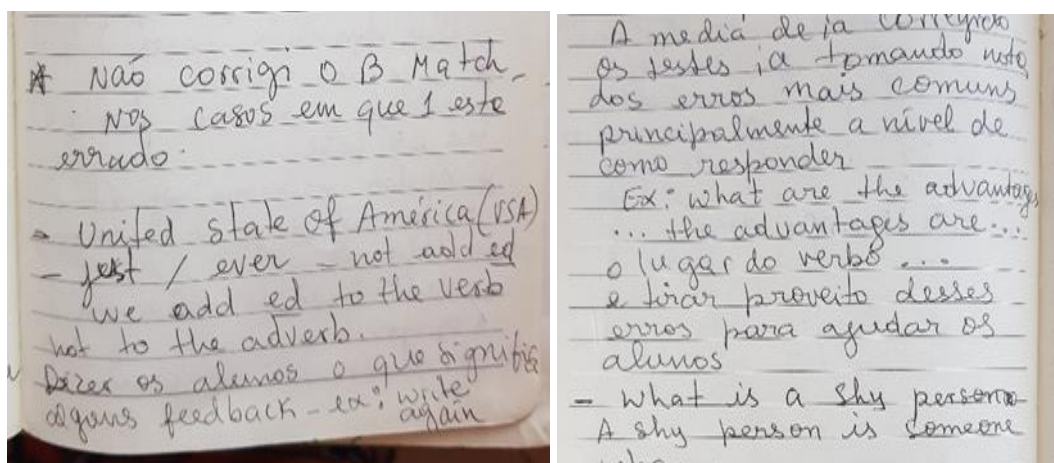


Figura nº 3: Excerto de um teste em 2 fases

No excerto do teste o aluno deixou as partes de desenvolvimento para a segunda fase e não recebeu nenhum feedback escrito no teste evitando escrever no seu teste. Eu podia por exemplo escrever: Porque deixaste as atividades sem fazer? Qual a tua dúvida? Ao

invés de escrever nos testes ou dar pistas que impede o aluno de refletir sobre o seu erro, foi feito anotações como se vê no extrato que se segue que caso fosse um erro da maioria da turma, tomava-se nota o conteúdo ou conteúdos eram trabalhado outra vez antes da segunda fase do teste.



Figuras nº 4, 5-Notas de campo- março de 2018

Foi dito aos alunos da turma que o teste escrito ia ser feito em duas fases, nos três trimestres, e que a segunda fase permitiria completar e melhorar o que não fizessem na primeira, estudando em casa. Ou seja, a segunda fase ia ser feita, mediante o feedback recebido com um (X) nas respostas erradas e com (V) nas respostas corretas ou ainda como forma de evitar escrever tanto no teste do aluno, este recebia um feedback oral durante a entrega do seu teste, no sentido de perceber porque é que o aluno errou e ajudá-lo a perceber porque errou e assim corrigir o seu erro. Caso estas estratégias de feedback nos testes não surtisses efeito, fornecia-se ao aluno pistas para que pudesse corrigir o seu erro. A anotação dos erros e das dúvidas durante os testes e durante a correção da primeira fase serviu também para orientar os alunos na sua aprendizagem, visto que, quando havia erros comuns, aproveitava-se durante uma aula, antes da segunda fase, para esclarecê-los. Isto permitiu reensinar os conteúdos e fazer os exercícios em que os alunos apresentaram maior dificuldade. Ainda sobre a realização da segunda fase, os alunos iam voltar a trabalhar numa folha em branco nas questões que tiveram dificuldades, e assim o fizeram em todos os testes. Quanto à duração da prova foi previamente negociada com os alunos. Foi acordado que a primeira fase seria de 50 minutos e a segunda fase seria de 30 minutos. Relativamente à escala de avaliação, seria de zero a vinte. O aluno só teria a cotação máxima na segunda fase em cada um dos exercícios caso mostrasse evolução, ou seja, ter um número considerável de exercícios certos. Caso não demonstrasse nenhuma evolução

em todo o teste, qualquer exercício que fizesse correto seria dividido por dois. Embora Pinto e Santos (2006) nos digam que a primeira fase dos testes pode ser entregue aos alunos sem atribuição de uma nota, quantitativa ou qualitativa, optou-se por atribuir a nota na primeira fase numa escala de zero a vinte, realçando a transparência na avaliação fomentado e a confiança dos alunos no projeto e para que eles pudessem ter uma noção do conjunto e o quanto necessitavam melhorar na segunda fase, dado que estavam muito habituados a ter notas.

Apesar de notar-se uma “onda” de entusiasmo e muita expectativa quanto à participação no projeto de pesquisa por parte dos alunos, notou-se ao mesmo tempo uma certa desconfiança no tocante ao teste em duas fases, pois para eles até agora, fazer testes escritos para avaliação nesta modalidade que implicava ter contacto com o teste duas vezes, era impensável. Ou seja, os próprios alunos têm dificuldade em aceitar que a avaliação tem objetivos de formação e não apenas de classificação.

Durante o estudo foi realizado um teste no primeiro trimestre, e dois no segundo trimestre e um no terceiro trimestre todos em duas fases. No terceiro trimestre o segundo teste é um o PGI, (Prova Geral Interna) que consiste em o mesmo teste elaborado na escola e aplicado a todos os alunos. Após a realização de cada teste escrito em duas fases, os alunos escreveram uma reflexão sobre seguintes aspetos:

- 1) Como correu o teste;
- 2) Que dificuldades encontraram, em que questões ou conteúdos tiveram mais dificuldades?
- 3) Valeu a pena ou não fazer o teste em duas fases?
- 4) O que aprenderam? Mudou alguma coisa nas suas aprendizagens e na sua forma de ver a disciplina de língua inglesa?

4.2.1.A realização do primeiro teste do primeiro trimestre: análise do resultado

No primeiro trimestre, no dia 31 de outubro, altura em que o estudo ainda não tinha sido iniciado, foi feito o primeiro teste, de forma habitual (tradicional/habitual) que todos os professores e alunos estão habituados. Nesta modalidade, o teste é realizado pelos alunos em 50 minutos, num só dia. Findo este tempo, os alunos entregam os testes aos

professores que posteriormente, feita a correção os entregam aos alunos com a referida “avaliação/nota” que normalmente é quantitativa.

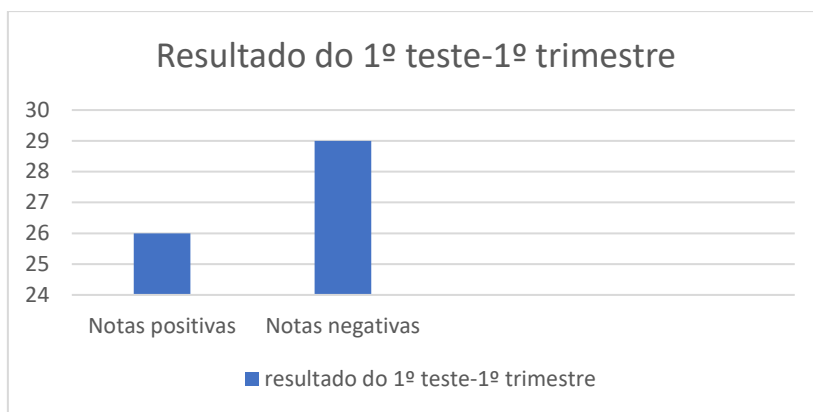
De acordo com o resultado obtido, no referido teste, numa escala de 0 a 20 valores, num universo de 43 alunos e uma ausência, houve um total de 17 notas positivas e 26 notas negativas como nos mostra o quadro que se segue.

Quadro nº1: Resultado do 1º teste: 1º trimestre

Alunos	Notas	Alunos	Notas	Alunos	Notas	Alunos	Notas
A 1	18	A 2	18.5	A3	9.5	A 4	18
A 5	15.5	A6	12 .5	A7	6.5	A 8	12.5
A9	9.5	A 10	-----	A 11	19.5	A 12	7.25
A13	7.0	A14	15	A 15	6.5	A 16	8.0
A 17	6.0	A 18	2.0	A 19	10	A 20	8.0
A 21	10	A 22	3.0	A 23	3.0	A 24	6.0
A 25	13.5	A 26	15.5	A 27	9.0	A 28	6.0
A 29	4.0	A 30	7.5	A 31	3.0	A 32	15.5
A 33	7.5	A 34	10	A 35	6.5	A 36	18
A 37	7.0	A 38	7.0	A 39	5.0	A 40	6.5
A 41	11	A 42	5.0	A 43	5.0	A 44	16.5

A= Aluno

Gráfico nº 1



Houve um total de 16 notas positivas. Apenas os alunos A1, A2, A 4, A 11 e A 36, ou seja, cinco alunos, tiveram uma nota acima dos 18 valores, 12 alunos tiveram nota positiva com menos de 10 valores. A presença do número elevado de negativas, permitiu deduzir a existência de lacunas no processo de ensino aprendizagem. Assim, sentiu-se a necessidade de reformular o que foi ensinado através de mudança de práticas e estratégias pedagógicas e orientar os alunos no sentido de melhorarem a sua aprendizagem como se evidencia nas anotações de campo que se seguem.

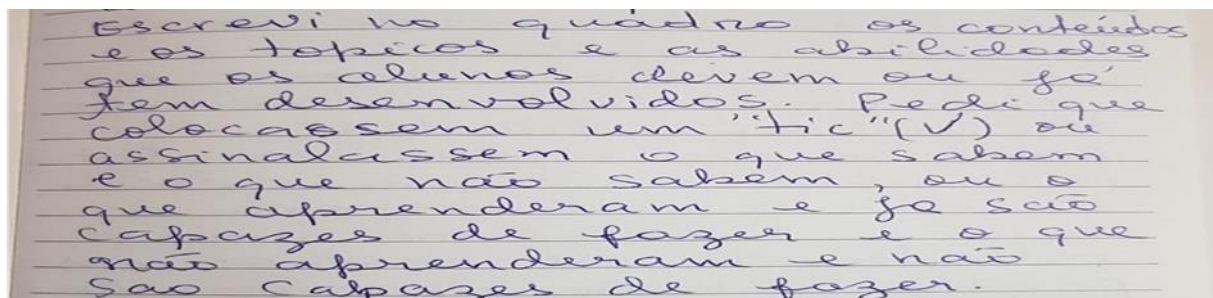
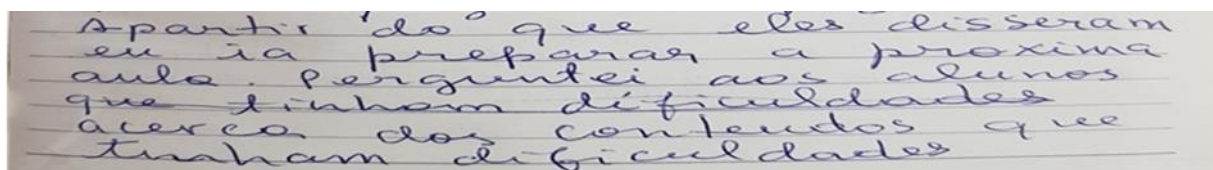


Figura nº 6-Nota de campo- outubro 2018

Uma das estratégias utilizadas foi “*checking students progress*” cujo objetivo é fazer o levantamento das dificuldades dos alunos de forma a delinear estratégias de ensino no sentido de os ajudar a ultrapassar as dificuldades a nível de aprendizagem. Assim, como demonstra o extrato de anotações de campo escreveu-se no quadro durante uma aula as matérias e o conhecimento que era suposto os alunos terem apreendido e estes por sua vez assinalaram o que já sabiam e o que ainda não sabiam. Como já foi dito, esta estratégia ajuda o professor a saber exatamente onde é que precisa reforçar e o aluno onde está e o que precisa melhorar. Este procedimento advém de uma afirmação de Luckesi (2011) que no seu estudo sobre a avaliação das aprendizagens, apela ao professor que procure saber o que o aluno não compreendeu e em que ainda necessita de ajuda. (p.373). Assim mais

uma vez, o excerto que se segue aponta ao procedimento feito depois da correção dos testes e da análise dos resultados obtidos pelos alunos.

Posto isto foi fornecido aos alunos trabalhos extras para fazerem em casa com as devidas orientações, que seriam sempre corrigidas nas aulas seguintes.



A partir do que eles disseram eu ia preparar a próxima aula. Perguntei aos alunos que tinham dificuldades acerca dos conteúdos que tinham dificuldades

Figura nº 7-Nota de campo-outubro 2018

Neste sentido a avaliação apresenta-se como um *“instrumento de regulação pedagógica”* definida por Ferreira (citada por Dias, 2011) como um procedimento associado a *“intenção de correção durante o processo de desenvolvimento de um programa.”*

Apos este primeiro procedimento, foi feita a correção do teste no quadro, explicando ao mesmo tempo cada um dos exercícios e das tarefas pedidas na sua realização. Este procedimento faz parte da regulação das aprendizagens. Alves citado por Dias (2011), dá ênfase à avaliação contínua do aluno nos níveis apontados pela autora: o primeiro se estabelece *“ao nível da ação pedagógica do professor, que avisado dos efeitos do seu trabalho pedagógico altera a sua ação ajustando as suas intervenções.”* O segundo nível acontece *“a nível das atividades do aluno, o que lhe possibilita ter a noção dos obstáculos com que se depara no seu percurso de aprendizagem para que possa identificar e corrigir os seus erros”* (p.41). Assim fez-se com que os alunos tivessem conhecimento das suas aprendizagens, não só através da entrega e correção do teste, como também ao pedir-lhes para assinalarem os conteúdos que aprenderam e os que ainda tinha dificuldades, ajudando-os a realizarem a sua autoavaliação.

Durante duas aulas foi feita a revisão do que os alunos ainda tinham dificuldades, com atividades feitas na sala e também propostas para fazerem em casa. A nota de campo que foi tirada numa das aulas depois dos procedimentos e estratégias acima mencionados revela a reação de uma aluna.

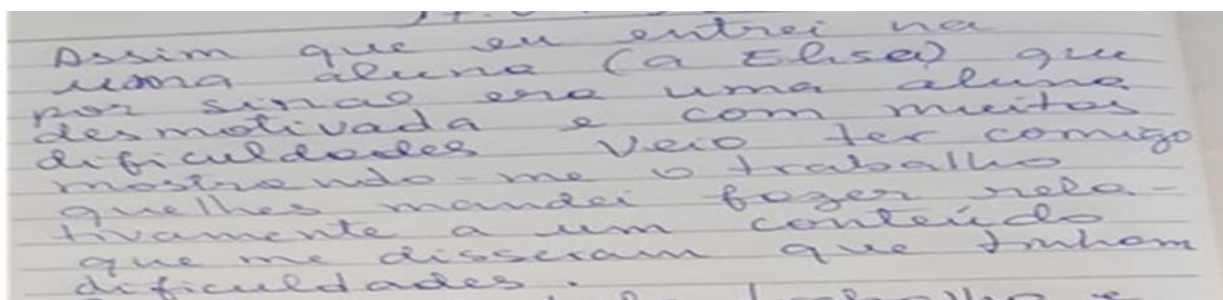


Figura nº 8- Nota de campo-dezembro de 2018

O excerto de anotações feitas durante as aulas, retrata a mudança de atitude de uma aluna da turma perante os seus estudos, quando começa a se preocupar em perceber as aulas e cria motivação para ultrapassar as suas dificuldades a nível de aprendizagem.

4.2.2. A realização do primeiro teste em duas fases: análise dos resultados

Estudos tem demonstrado que teste em duas fases é um instrumento de avaliação formativa que contribui para a melhoria da aprendizagem dos alunos visto que permite uma certa descontração pois, o aluno tem a oportunidade de verificar o que não aprendeu e melhorarem além de que estimula o aluno a ir aprender de forma autónoma para a realização da segunda fase.

Depois de realizado o primeiro teste do trimestre, realizou-se o segundo, no mês de dezembro, desta vez feito em duas fases de acordo com a proposta deste estudo. De acordo com as anotações de campo que se seguem, quando os alunos entraram na sala de aula encontraram todos os testes em cima das carteiras no lugar de cada um dos alunos.

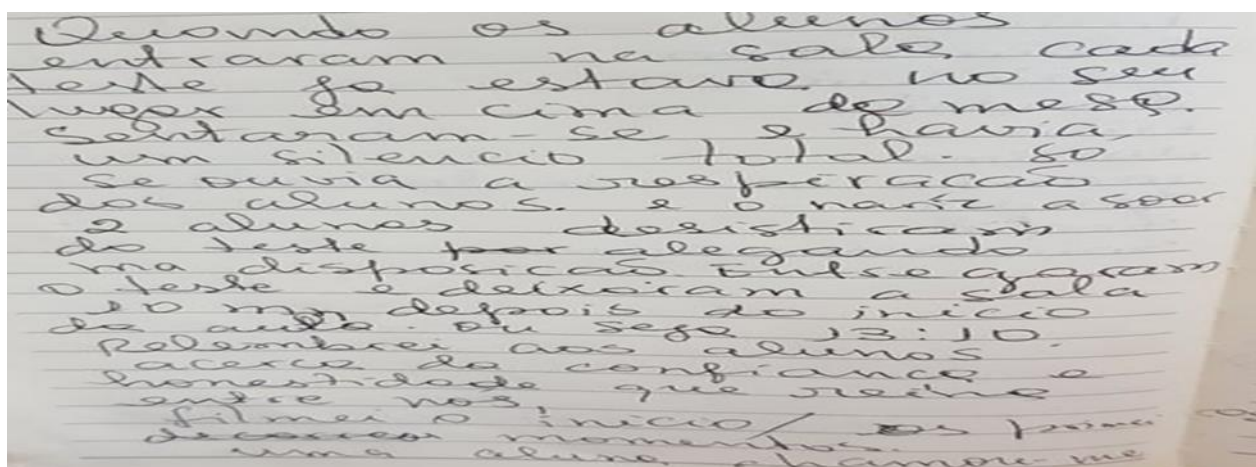


Figura nº 9-Nota de campo-dezembro 2018

Os alunos sozinhos e em silêncio realizaram o teste, sem pedir esclarecimento sobre os exercícios, proporcionando-lhes deste modo oportunidade de explorar a sua autonomia a nível de compreensão.



Figuras nº 10, 11, 12

Registo da realização do teste em duas fases- dezembro de 2018

Terminado o tempo estipulado para a realização do teste que foi de 50 minutos os alunos entregaram os testes, para posteriormente serem corrigidos e entregues aos alunos para proceder a realização da segunda fase.

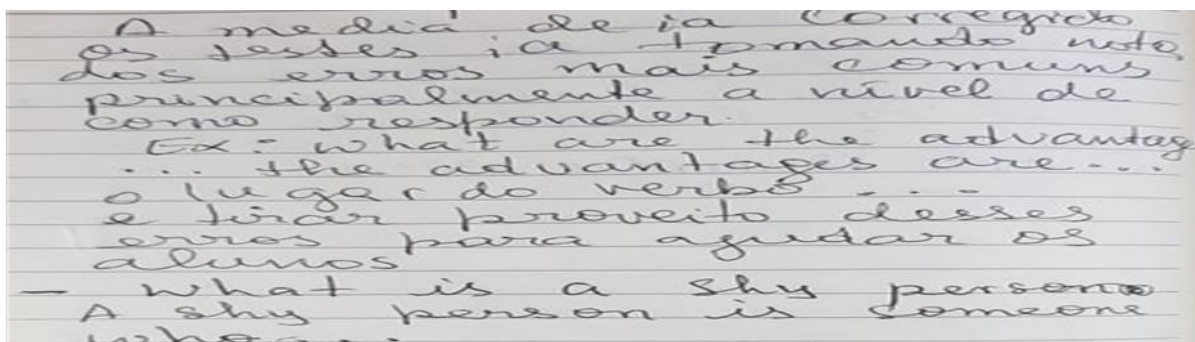


Figura nº 13-Nota de campo-dezembro 2018

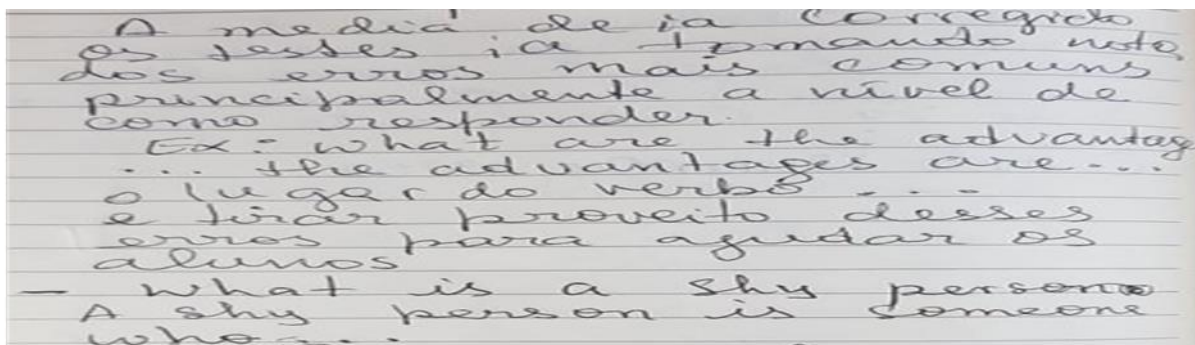


Figura nº 14-Nota de campo-dezembro 2018

A medida que se ia fazendo a correção dos testes tomava-se notas de campo, nomeadamente dos erros mais comuns, dos alunos que mais erraram, e das questões que os alunos tiveram maior dificuldade para delinear estratégias de ensino e dar apoio aos alunos com mais dificuldades de forma individualizada.

Rodrigues (2008) considera que o ato avaliativo deve ser direcionado para a melhoria da aprendizagem do aluno. Ou seja, o levantamento das dificuldades dos alunos indica que se está *“Fazendo uma avaliação formativa, que permite ao professor através das suas estratégias responder as características individuais dos alunos bem como destacar os seus pontos fracos e fortes”* (Rodrigues, 2005: p.2).

Faz-se importante, não só tomar nota de reflexão dos erros mais comuns como também fazer uma lista de alunos que apresentam maior dificuldades e procurar conhecer as razões que os levam a errar como nos mostram as anotações de campo que se seguem. Oito alunos foram assinalados no sentido de conversar com eles sobre os exercícios que erraram bem como o motivo que os levou a errar.

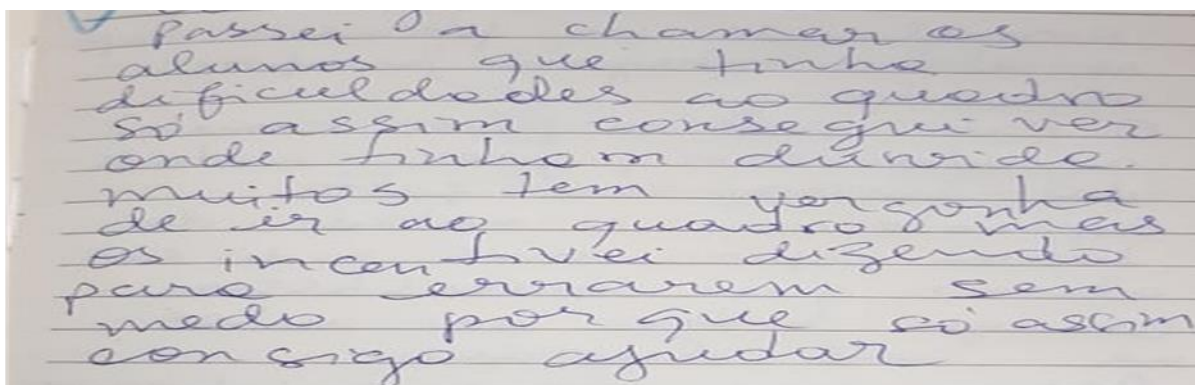


Figura nº 15-Nota de campo- fevereiro de 2019

O excerto nos mostra a importância de fazer com que os alunos saibam que errar é normal e que faz parte do processo de ensino aprendizagem, uma aprendizagem reguladora, que ajuda os alunos a aprender melhor e o professor a delinear e rever as suas estratégias de ensino.

Feita a primeira fase, o teste foi corrigido e devolvido com o respetivo feedback deixando pistas sobre o que fizeram bem e o que precisavam rever e melhorar. Os alunos receberam o teste e fizeram as correções. A segunda fase foi realizada dois dias depois da primeira,

de acordo com o horário semanal da disciplina. O tempo da primeira fase foi menos em relação à segunda fase dependendo de um balanço geral do resultado da primeira fase.

Feita a segunda fase mais uma vez os alunos recebem o teste com a cotação que é junção da pontuação obtida na primeira e na segunda fase. Em alguns estudos feitos por alguns pesquisadores, utilizaram uma grelha de classificação holística. Pelo desconhecimento da aplicação desta escala por parte da pesquisadora/professora e por parte dos alunos optou-se pela cotação de zero a vinte de forma a evitar uma certa confusão na avaliação, preferindo assim manter a classificação a que os alunos estão habituados. Deste modo, de forma quantitativa numa escala de zero a vinte, o quadro nº2 mostra o resultado da primeira e da segunda fase. Essa junção dará a nota total/final do teste. O resultado do primeiro teste em duas fases, revelou uma melhoria significativa em termos de resultado, como nos mostra o quadro mencionado.

4.2.3. Resultado da primeira e segunda fase do primeiro teste - Primeiro trimestre

O primeiro teste em duas fases foi realizado em dezembro de 2018, e era o segundo e último teste realizado no primeiro trimestre, já que em Cabo verde, os alunos fazem dois testes por trimestre.

O teste continha: “*Eating habits,*” e “*Types of family*” como tópico que foi estudado durante as aulas com discussões, leitura e interpretação, atividades escritas e orais, em termos de conteúdos gramaticais (*language function*) havia; “*modal verbs, question tags e use to*” O quadro abaixo dá-nos conta dos resultados obtidos em ambas as fases do teste em duas fases.

1º teste em duas fases

Quadro nº2: resultado do primeiro teste em duas fases-1ª e 2ª fase

Alunos	Resultado		Alunos	Resultado		Alunos	Resultado		Alunos	Resultado	
	1ª fase	2ª fase		1ª Fase	2ª fase		1ª fase	2ª fase		1ª fase	2ª fase
A2 1	13	5	A 2	17.5	2.5	A3	5.0	9.5	A 4	12.5	6.5
A 5	17	3.0	A6	6.5	5.0	A7	4.5	5.0	A 8	17	1.5
A9	7.5	---	A 10	5.75	7.75	A 11	15.5	3.5	A 12	10.5	5.5
A13	7.5	3.5	A14	9.0	5.0	A 15	5.25	7.5	A 16	7.5	10.5
A 17	4.0	11	A 18	8.0	6.25	A 19	5.0	--	A 20	10	4.5
A 21	3.5	7.5	A 22	7.0	3.0	A 23	7.5	2.0	A 24	3.25	3.25
A 25	7.0	4.25	A 26	16.5	12	A 27	7.5	5.0	A 28	4.0	6.0
A 29	6.5	6.5	A 30	7.5	12.5	A 31	8.5	4.5	A 32	7.0	7.0
A 33	5.5	14	A 34	9.5	7.0	A 35	8.0	6.5	A 36	9.75	7.25
A 37	8.5	6.5	A 38	3.0	5.73	A 39	4.5	3.0	A 40	5.0	4.0

A 41	5.0	6.75	A 42	9.0	1.5	A 43	14.5	4.0	A 44		
------	-----	------	------	-----	-----	------	------	-----	------	--	--

Alunos

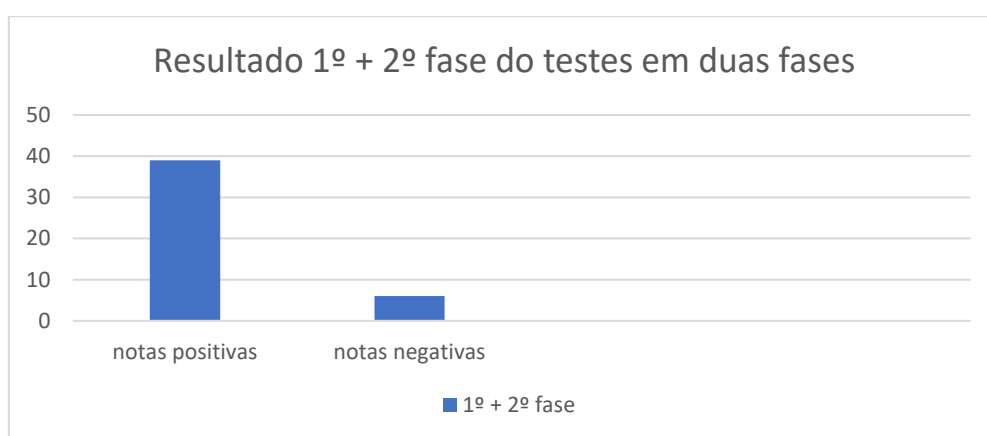


Alunos que mantiveram nota abaixo de 10



Primeira e segunda fase do teste

Gráfico n° 2

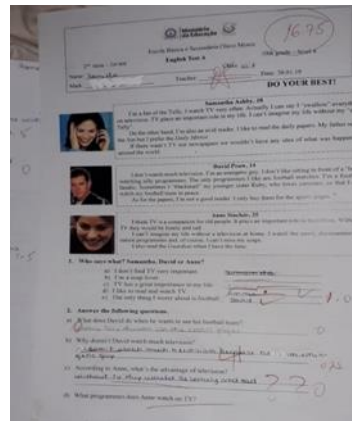
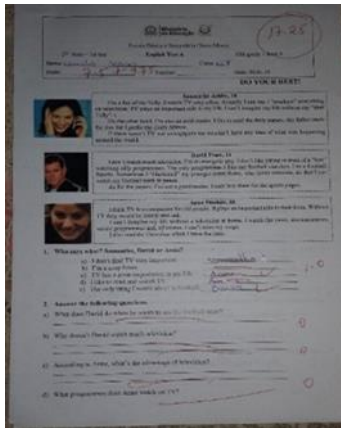


Se no primeiro teste realizado no trimestre de forma tradicional houve 26 notas negativas, abaixo de dez, no primeiro teste em duas fases houve apenas sete alunos com nota negativa. Os alunos A7, A9, A 23, A 24, A 38, A 39, e A 40, foram os que mantiveram negativa.

4.2.3. O Primeiro teste em duas fases – 2º Trimestre

O segundo teste em duas fases foi realizado em janeiro como planeado. O tema trabalhado para a realização do teste foi “*Mass Media*” daí o título escolhido para a parte de leitura e compreensão e na sequência todas as atividades no teste. Em termos de funcionamento da língua foi trabalhado “*passive voice, e compounds.*”

A parte do teste que os alunos tiveram mais dificuldades foi “*compounds*” e outros deixaram a parte de interpretação do texto sem fazer. Por estas razões, antes da realização da segunda fase houve uma aula dedicada a reforçar este conteúdo.



Figuras 15, 16- Testes em duas fases realizado pelos alunos

Escola Básica e Secundária Olavo Monteiro

2nd term – 1st test English Test B 10th grade – level 4

Name: _____ Class: _____

Mark: _____ Teacher: _____ Date: 30.01.19

DO YOUR BEST!

The Power of the Media



Samantha Ashby, 17
 I'm a fan of the Telly. I watch TV very often. Actually I can say I "swallow" everything on television. TV plays an important role in my life. I can't imagine my life without my "dear Telly".
 On the other hand, I'm also an avid reader. I like to read the daily papers. My father reads the *Sun* but I prefer the *Daily Mirror*.
 If there wasn't TV nor newspapers we wouldn't have any idea of what was happening around the world.



David Praw, 14
 I don't watch much television. I'm an energetic guy. I don't like sitting in front of a "box" watching silly programmes. The only programmes I like are football matches. I'm a football fanatic. Sometimes I "blackmail" my younger sister Ruby, who loves cartoons, so that I can watch my football team in peace.
 As for the papers, I'm not a good reader. I only buy them for the sports pages.



Anne Sinclair, 27
 I think TV is a companion for old people. It plays an important role in their lives. Without TV they would be lonely and sad.
 I can't imagine my life without a television at home. I watch the news, documentaries, nature programmes and, of course, I can't miss my soaps.
 I also read the *Guardian* when I have the time.

- Who says what? Samantha, David or Anne?
 - I don't find TV very important. _____
 - I'm a soap lover. _____
 - TV has a great importance in my life. _____
 - I like to read and watch TV. _____
 - The only thing I worry about is football. _____
- Answer the following questions.
 - What does David do when he wants to see his football team?

 - Why doesn't David watch much television?

 - According to Anne, what's the advantage of television?

1. Match the pictures with the TV programmes

- An entertainment program in which contestants answer questions _____
- Something having a specified influence or effect _____
- A serial drama dealing with daily events in the life of the same group of characters _____
- A presentation expressing factual events _____
- A program in which famous guests are asked questions about their life _____
- Moving images that tell us a story _____

- a. Quiz show b. News c. movie d. Soap opera e. Talk show f. Documentary

2. Imagine that you are a reporter and you want to ask some questions to your favourite singer.

- _____?
- _____?
- _____?
- _____?

3. Fill in the gaps with passive voice

- This Children's program _____ (watch) by my little brother every day. (present simple)
- This soap _____ (broadcast) in Channel "Globo" every week. (present simple)
- Lots of actors _____ (interview) by TV reporters every day. (present simple)
- This magazine _____ (buy) by my father. (past simple)
- A lot of money _____ (spend) by the government on TV shows. (past simple)
- My cuisine _____ (see) on TV yesterday. (past simple)

4. Complete with may, must, a lot of

- How _____ money do you need? b. I don't need _____ c. Have you got _____ CDs? d. Yes, I buy _____ every month. e. How _____ times do you go swimming? f. Not often. I don't have _____ time.

5. Complete the sentences with some, any, no, every and their compounds.

- We don't have _____ eggs in the fridge. So, we cannot make _____ cookies today.
- Be quiet please! Sara has _____ to say.
- I cannot buy this dress. I have _____ money in my pocket. Can you lend me _____?
- Don't ask me _____ I have _____ to say about what happened here.
- When I am with you, _____ is perfect. I love it!
- Carlos is a good boy. _____ likes him.
- _____ is perfect. _____ makes mistakes.

6. What is your favourite TV program and why? or What are the advantages and disadvantages of watching TV (40 words):

Figuras 17, 18 - Teste em duas fases

Todos os alunos fizeram a primeira fase, com exceção dos alunos A 13 e A 15 que faltaram a segunda fase do teste. Apenas 12 alunos tiveram nota positiva na primeira fase. A aluna A 23 manteve a nota abaixo de 10 valores. Da junção da nota da primeira fase e da segunda fase, apenas 2 alunos tiveram nota abaixo de 10 valores. As alunas A 17 e a 23, são alunas com um nível demasiado baixo para o 10º ano nível 4, e por esta razão sempre recebem orientações para poderem melhorar.

Os alunos, A 13 e A 15 não fizeram a segunda fase do teste porque faltaram a aula.

Quadro nº 3- Resultado do 1º teste em duas fases 2º Trimestre

Alunos	Resultado		Alunos	Resultado		Alunos	Resultado		Alunos	Resultado	
	1ª fase	2ª fase		1ª Fase	2ª fase		1ª fase	2ª fase		1ª fase	2ª fase
A2 1	14	4.0	A 2	17.5	1.75	A3	5.5	10	A 4	7.5	9.75
A 5	15.5	2.5	A6	6.25	9.0	A7	10.5	5.0	A 8	19	1.0
A9	10.0	5.75	A 10	5.75	7.75	A 11	19	1.0	A 12	12.25	9.5
A13	8.25	---	A14	8.75	8.0	A 15	5.75	---	A 16	7.5	10.5
A 17	4.5	3.5	A 18	7.25	7.5	A 19	11.25	8.0	A 20	10.5	6.5
A 21	6.5	11	A 22	13.75	4.0	A 23	4.0	4.0	A 24	5.0	7.75
A 25	7.5	5.25	A 26	12.75	4.0	A 27	7.0	10.25	A 28	5.0	8.0
A 29	7.5	8.5	A 30	11	5.75	A 31	5.25	5.25	A 32	9.5	5.0
A 33	5.5	14	A 34	9.5	7.25	A 35	8.5	3.0	A 36	13.75	6.25
A 37	12.5	0.5	A 38	6.75	4.5	A 39	9.5	5.5	A 40	9.75	5.0
A 41	12	4.25	A 42	6.5	9.75	A 43	13.5	4.0	A 44		

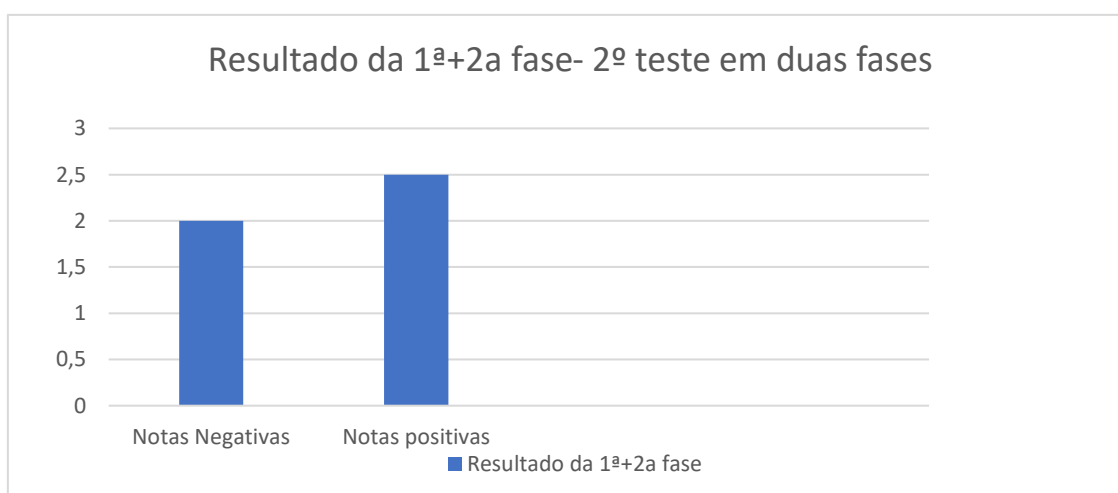


Gráfico nº 3

4.2.4. Primeiro teste em duas fases- 2º Trimestre

No mês de fevereiro realizamos o primeiro teste em duas fases do 2º Trimestre. Esse teste que pode ser consultado em anexo, e a semelhança dos outros testes aplicados apresenta tópicos que foram selecionados de acordo com o programa de língua inglesa do 10º ano nível IV, obedecendo ao “*critério de relevância e facilitando a adaptação à vida ativa*” facilitando a comunicação na vida cotidiana. Desta vez incidiu sobre “*Internet friendship*” como tópico de estudo durante as aulas, desenvolvendo a leitura, a escrita, a compreensão e a produção oral, em que os alunos refletem sobre esse tema em todas as suas vertentes, através de textos que lhes possibilita usá-los como referência para as suas

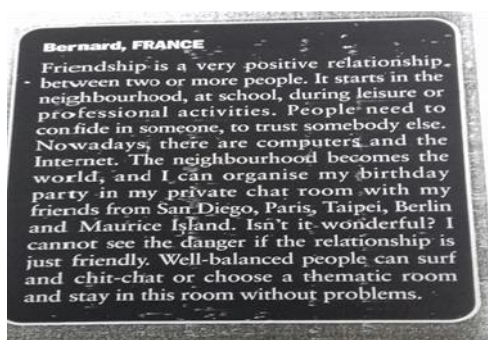
escritas evitando que a língua inglesa seja tratada como qualquer outra disciplina. Desta forma possibilita maior aprendizagem, contrapondo a afirmação de Duboc (2007), dizendo que “...os professores em geral avaliam aspetos gramaticais e lexicais negligenciando outros aspetos que a aprendizagem de uma língua estrangeira abarca” (p.267-268). Estes aspetos englobam desenvolver competências como: a oralidade, a produção de textos em língua inglesa sobre assuntos do quotidiano.

Os conteúdos gramaticais por sua vez, fornece ao aluno o conhecimento das estruturas linguísticas fundamentais, desenvolver nele a capacidade do seu uso eficaz nas suas intenções comunicativas. Assim, em temas gramaticais este teste baseia-se na utilização de “*linking words*” fazendo com que haja coesão entre as frases o que os possibilita expressar melhor comunicação em inglês visto que estas palavras clarificam a ideia que se quer expressar.

Neste teste pediu-se aos alunos para escreverem as suas próprias frases usando “*linking words*” o que favorece uma maior flexibilidade no seu desempenho durante o teste. Tudo isto fez parte das práticas durante as aulas e mesmo como atividade para desenvolverem em casa. Outro conteúdo gramatical foi o “*present perfect*” trabalhado sempre fazendo com que os alunos sejam capazes de expressar corretamente. A composição escrita permite avaliar a capacidade de se expressar bem como o vocabulário.


 ESCM- Escola Básica e Secundária Otaivo Moniz
 Second English Written Test-10th Grade Level 4-2nd Trimester B
 Name: _____ Class _____ Date _____ Score _____ Teacher _____

A. Read the text carefully and answer the questions in full



1. According to Bernard, what is friendship?

2. How does a friendship start?

3. What is Bernard's opinion about internet friendship?

B. Match

- | | |
|--|---|
| 1. It's easier to communicate on-line | a. than personally |
| 2. People are finding on the chat rooms | b. than with people you see personally |
| 3. People who seek friends on-line have | c. a poor life |
| 4. Communication through chats is easier | d. What they cannot find in the real life |

A. Change the questions and negative sentences into passive voice

1. We didn't receive an e-mail _____
2. Did you make the photos _____
3. The children don't eat the chocolates _____
4. They don't buy magazines every day? _____
5. Does Peter write the letters? _____
6. She didn't write the book _____
7. Did you prepare the report? _____
8. Mary doesn't create a new e-mail account _____

B. Create short sentences by using:

- 1- (when) _____
- 2- (while) _____
- 3- (since) _____
- 4- (as soon as) _____
- 5- (after) _____
- 6- (before) _____
- 7- (until) _____

C. Complete

1. The present perfect is formed by the verb _____ in present simple and the _____ of the main verb.

D. Use the words and make sentences in the present perfect

1. _____ (you/ever/cook/fish-soup)?
2. _____ (finish/already/ my work/I)
3. _____ (I /yet/not finish the test)
4. _____ (we/just/from holiday/come back)

E. Write a short composition about Voluntarism or Internet friendship (90 words)

Figuras 19, 20-  teste em duas fases-2º Trimestre

Alunos	Resultado		Alunos	Resultado		Alunos	Resultado		Alunos	Resultado	
	1ª fase	2ª fase		1ª fase	2ª fase		1ª fase	2ª fase		1ª fase	2ª fase
A 1	16.0	3.0	A 2	20	---	A3	0.25	3.0	A 4	5.0	7.0
A 5	11.25	7.25	A6	9.0	3.0	A7	6.0	8.0	A 8	20	
A9	6.5	8.75	A 10	---	---	A 11	20	---	A 12	4.0	10.5
A13	1.5	6.5	A14	8.75	8.0	A 15	4.0	5.75	A 16	2.25	11.5
A 17	4.0	3.5	A 18	5.55	5.0	A 19	1.5	9.0	A 20	14.0	2.5
A 21	1.5	11	A 22	4.25	5.0	A 23	2.5	1.0	A 24	4.0	3.5
A 25	4.5	---	A 26	15.0	2.0	A 27	1.5	5.25	A 28	10	10
A 29	1.75	12.5	A 30	10.25	7.5	A 31	12.0	2.5	A 32	7.75	8.0
A 33	1.5	10.5	A 34	6.0	7.5	A 35	3.5	7.0	A 36	17.0	3.0
A 37	5.5	7.0	A 38	2.0	4.5	A 39	2.0	15.0	A 40	3.5	3.5
A 41	---	----	A 42	3.5	10.0	A 43	2.25	16.0	A 44		

Quadro nº 4- Resultado do segundo teste em duas fases-2º Trimestre

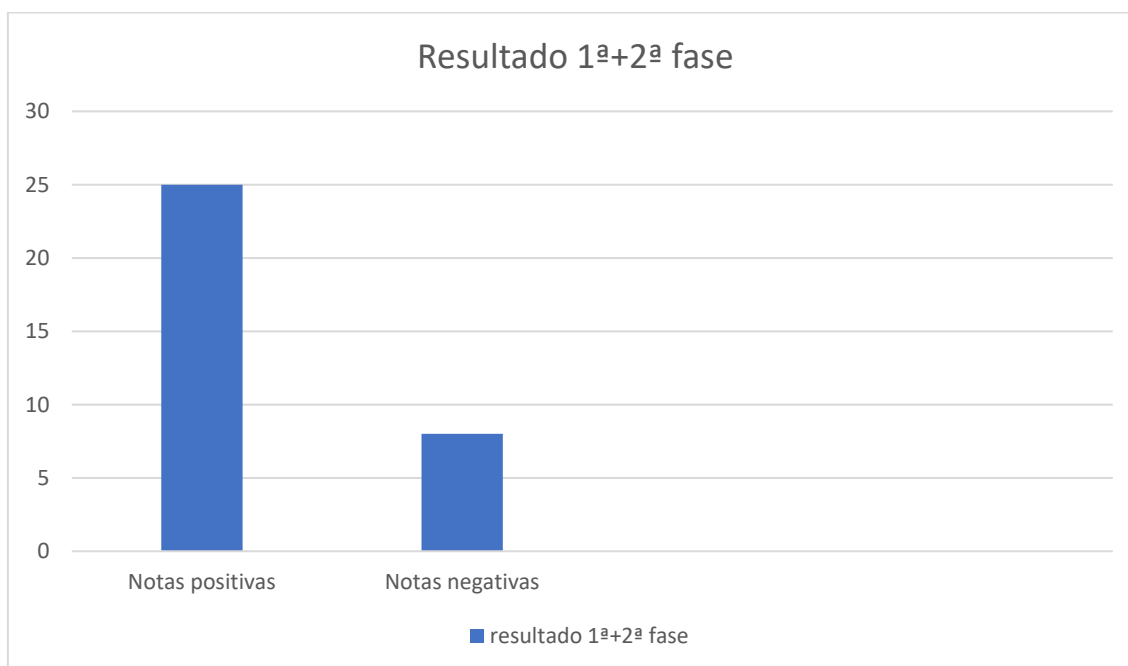


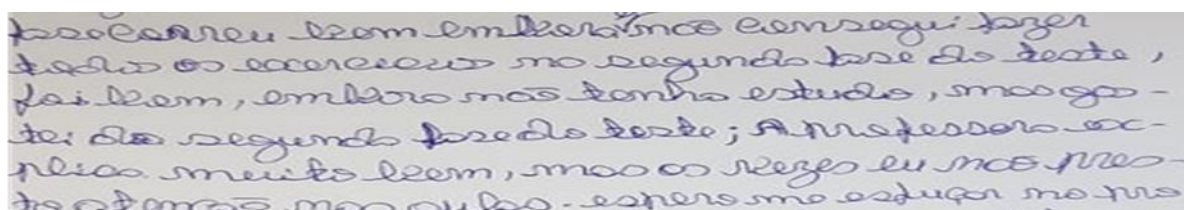
Gráfico nº 4

Neste 2º teste em 2 fases realizado no 2º trimestre, houve um aumento de notas negativas em relação ao segundo teste do primeiro trimestre e o primeiro do segundo trimestre. Como se pode constatar no quadro acima, os alunos, A 3, A 13, A 17, A 22, A 23, A 24,

A 38 e A 40 foram os que tiveram nota negativa em ambas as fases e com a soma da primeira e da segunda fase. O aluno A, 41 não fez nenhuma fase do teste. Os alunos A2, A 8 e A 11, tiraram a nota máxima na primeira fase do teste. Apenas 8 alunos conseguiram nota acima de 10 valores na primeira fase. Portanto a maioria dos alunos tiveram nota negativa na primeira fase do teste. 17 alunos conseguiram ter nota positiva na segunda fase. Pelo quadro com as notas, verifica-se que as notas positivas se devem a segunda fase do teste.

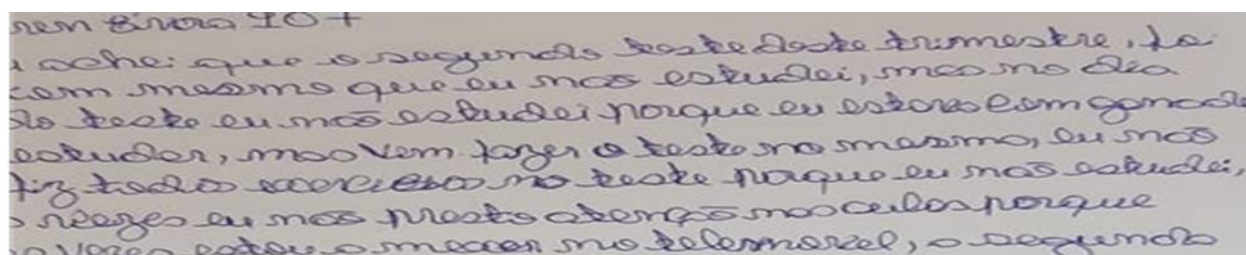
Os alunos A 17 e A 23 não conseguiram melhorar a nota apesar de terem sido sempre acompanhados e apoiados durante as aulas. O aluno A 17, demonstra uma certa falta de interesse, o que implica falta de atenção nas aulas e aos estudos. No excerto que se segue, relativo às reflexões dos alunos sobre a experiência vivenciada nas aulas de inglês, a aluna relata que não estuda e que não presta atenção nas aulas afetando também o seu desempenho nas duas fases do teste escrito.

Figura nº 21 Excerto de Registo escrito da aluna A 17



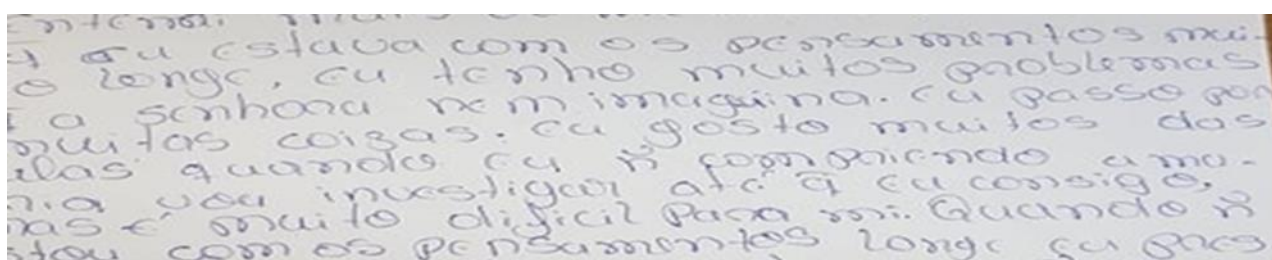
...fazer bem em ambas as fases e conseguiu fazer
tudo o exercício na segunda fase do teste,
fai bem, embora não tenha estudado, mas go-
stei da segunda fase do teste; A professora ex-
plica muito bem, mas os regras eu não pre-
sto atenção nas aulas. espero me estudar no pro-

Figura nº 22-Excerto de registo da Aluna A 23



...em 10+
...a noite: que a segunda fase deste trimestre, fa-
zi com mesmo que eu não estudei, mas no dia
do teste eu não estudei porque eu estava com vontade
de estudar, mas vem fazer o teste no mesmo, eu não
fiz todo exercício no teste porque eu não estudei,
e regras eu não presto atenção nas aulas porque
às vezes estou a mexer no telemóvel, a segunda

Figura nº 23-Excerto de registo da Aluna A 23



...entendi, mas...
...e eu estava com os pensamentos muito
longe, eu tenho muitos problemas
e a senhora nem imagina. eu passo por
muitas coisas. eu gosto muito das
aulas quando eu estou acompanhando a mo-
nha vou investigar até q eu consigo,
mas é muito difícil para mim. Quando não
estou com os pensamentos longe eu não

Figura nº 24: Excerto da escrita da aluna A23

A aluna A 23 também justifica o fraco desempenho com problemas, quando escreve “estar com a cabeça em outro lugar” sem, no entanto, dar pormenores, impedindo-a de prestar atenção nas aulas.

4.2.5. O primeiro teste em duas fases 3º trimestre

No 3º trimestre continuámos a usar o teste em duas fases. Este foi o último teste em duas fases, porque os alunos do 10º ano em Cabo Verde, de acordo com o currículo, fazem 2 testes, mas o último teste é uma prova geral interna (PGI) realizada no fim do ano letivo (3º trimestre). O primeiro teste foi aplicado no mês de maio tendo sido realizado por 42 alunos.

Alunos	Resultado		Alunos	Resultado		Alunos	Resultado		Alunos	Resultado	
	1ª fase	2ª fase		1ª fase	2ª fase		1ª fase	2ª fase		1ª fase	2ª fase
A 1	14.0	6.0	A 2	17.0	1.0	A3	4.0	8.0	A 4	7.0	9.0
A 5	14.0	4.0	A6	10.0	4.0	A7	12.0	4.5	A 8	19.5	0.5
A9	5.0	8.5	A 10	---	---	A 11	17.0	2.0	A 12	5.5	11.5
A13	4.0	8.0	A14	10	7.0	A 15	5.5	7.5	A 16	4.5	10.0
A 17	8.0	4.0	A 18	8.55	4.0	A 19	4.0	10.0	A 20	15.0	3.5
A 21	5.0	10.0	A 22	4.5	8.0	A 23	4.5	5.5	A 24	8.0	6.5
A 25	11	2.0	A 26	11.0	3.5	A 27	6.5	8.5	A 28	11.5	6.0
A 29	6.0	11.5	A 30	11.5	7.5	A 31	13.0	4.0	A 32	7.5	11.0
A 33	5.0	10.5	A 34	8.0	6.5	A 35	6.5	6.0	A 36	16.0	3.5
A 37	4.5	9.0	A 38	4.0	6.0	A 39	5.0	11.0	A 40	5.5	6.5
A 41	---	----	A 42	9.5	6.0	A 43	4.75	14.0	A 44		

Quadro nº 5- O primeiro teste em duas do 3º trimestre

Um total de 15 alunos conseguiram nota acima de dez valores logo na primeira fase do teste. Vinte alunos aumentaram a nota na segunda fase, demonstrando que o desafio de melhoria foi grande dando indícios de uma aprendizagem significativa na segunda fase em relação aos testes anteriores. De acordo com a soma do resultado obtido na primeira e na segunda fase, nenhum aluno obteve abaixo de dez.

Como a esta altura o programa já tinha sido cumprido, as aulas antes deste teste, o último em duas fases, foram praticamente de revisão e esclarecimento de dúvidas.

“Hoje a aula foi praticamente para esclarecer dúvidas sobre o “present perfect,” na qual mais uma vez a professora, registou no quadro e explicou passo a passo a matéria. Se eu tinha dúvida na matéria, já não tinha mais duvidas nesta matéria. A professora fez uma recapitulação do conteúdo que foram dados na aula.”

Registro de um aluno-abril 2019

Esta estratégia que é normal fez muita diferença neste teste. Os alunos fazem autoavaliação anotando os seus progressos e o que falta aprender, e a partir daí o professor age.

“Professora, parece tão fácil desta vez!” olha! Estão todos os exercícios que temos no material que a professora nos deu para estudar. Olha! Quase igual!”

Nota de campo-maio 2019

4.3. A percepção e aceitação do teste em duas fases pelos alunos

Como referimos, pretendemos saber a opinião dos alunos sobre a experiência de avaliação vivenciada usando o teste em 2 fases. Nesse sentido recolhemos as suas opiniões, designadamente durante as entrevistas de grupo.

Abaixo listamos o essencial dessas opiniões

Opiniões expressas pelos alunos nas entrevistas

- ✓ Ficamos felizes com isso
- ✓ No início achei estranho mas devido a isso comecei a perceber os exercícios. Já fico mais tranquilo porque sei que os exercícios que eu não consigo fazer na primeira fase levava para casa para estudar
- ✓ Uma oportunidade de subir a nota na segunda fase quando ela é baixa
- ✓ Eu achei estranho
- ✓ Achei bem estranho. Foi algo novo. Nunca tivemos a chance de fazer teste duas vezes
- ✓ Fiquei feliz porque teria oportunidade de corrigir o que eu fiz de errado
- ✓ Eu achei muito bom e pergunto porque é que todos os professores não fazem assim?
- ✓ Os meus pais nem acreditaram quando lhes disse que íamos fazer teste de inglês duas vezes
- ✓ Eu tinha muita curiosidade em saber como seria o teste em duas fases
- ✓ Fiquei muito curioso porque era a primeira vez que eu ia fazer teste assim
- ✓ Eu fiquei um pouco surpresa e curiosa

Durante a entrevista foi perguntado aos alunos como é que se sentiram quando lhes foi apresentada a proposta de avaliação, especificamente o teste em duas fases, tendo em vista encontrar resposta à pergunta de investigação deste estudo: Qual é a aceitação destes instrumentos alternativos da avaliação formativa por parte dos alunos?

Analisando o quadro pudemos constatar que os alunos aceitaram, em geral, muito bem o teste em duas fases “ficamos felizes” outros demonstrando uma certa expectativa de tranquilidade e uma oportunidade de melhorar as suas notas, “uma oportunidade de subir a nota.” Outros alunos, porém, acharam esta forma de fazer teste estranha e nova ao mesmo tempo. “Achei bem estranho, foi algo novo, nunca tivemos a chance de fazer teste duas vezes.” Além da surpresa, a curiosidade era outro sentimento dominante, por parte dos entrevistados, perante esta “nova” modalidade da avaliação formativa.

“Eu tinha muita curiosidade em saber como seria o teste em duas fases,” “Fiquei muito curioso porque era a primeira vez que eu ia fazer teste assim” “Eu fiquei um pouco surpresa e curiosa”

Excerto da entrevista: alunos do grupo 4 - junho 2019

Os alunos demonstraram que fazer testes escrito desta forma parecia algo que não se praticava no ensino no contexto onde eles estão inseridos e de acordo com o conceito de avaliação que têm e que também é o dos seus pais. Veja-se a afirmação de um aluno que referiu: Os meus pais nem acreditaram quando lhes disse que íamos fazer teste de inglês duas vezes.

A própria família tem uma visão muito redutora da avaliação, não lhe atribuindo qualquer função formativa.

Ou seja, que a avaliação serve simplesmente para lhes atribuir resultados quantitativos, ao invés de uma avaliação direcionada para a aprendizagem dos alunos, permitindo que estes tenham a oportunidade de corrigir os seus erros para aprender mais e melhor. Esta análise nos remete a Pinto e Santos (2006), quando afirmam nos seus estudos *que “o facto de as práticas avaliativas estarem ainda muito centradas numa lógica sumativa, leva a uma visão redutora da avaliação,”* criando assim pouco espaço para a avaliação formativa.

Alguns alunos manifestaram o desejo de ter dois momentos para realizar os seus testes em todas as disciplinas. *“Eu achei muito bom e pergunto porque é que todos os professores não fazem assim?”* Esta boa aceitação demonstrada pelos alunos durante a entrevista deve-se ao facto destes alunos estarem acostumados a um tipo de teste cujo objetivo é julgar o aluno e não de o ajudar.

A prática avaliativa, que os alunos estão habituados a realizar faz parte da “pedagogia tradicional” mencionada por Luckesi, (2001 p.21), dizendo que *“a pedagogia tradicional se fundamenta num olhar estático a respeito do educando e por isso sustenta bem a prática de exames na escola cuja a função é de classificar o já dado, o já acontecido mas não a prática da avaliação da aprendizagem (...).”* Os alunos estão acostumados a fazer teste uma vez só, o teste é corrigido e entregue com a pontuação que obtiveram, assinalado o que fizeram certo e errado. É este resultado obtido que lhes vai dar a nota quer seja ela trimestral, semestral, anual ou final, sem se preocupar se os alunos aprenderam ou não. É

este tipo avaliação que a escola precisa desconstruir se quer melhorar a qualidade do processo de ensino aprendizagem e contribuir para o sucesso dos alunos.

4.3.1. Contributo do teste em duas fases para a aprendizagem

Neste ponto apresenta-se o relato dos alunos da turma que este estudo considerou, procurando saber “De que forma é que as práticas da avaliação formativa e os seus instrumentos alternativos de avaliação contribuem para melhorar a aprendizagem e o desempenho do aluno?”

Qual é a aceitação destes instrumentos alternativos da avaliação formativa por parte dos alunos? De um modo geral, saber se os alunos consideraram que o teste em duas fases, o portefólio e todas as estratégias usadas neste estudo ajudaram, a melhorar a sua aprendizagem da língua Inglesa

Opiniões expressas pelos alunos nas entrevistas

- ✓ Deixo a parte de interpretação que tenho mais dificuldades e assim me preparo melhor e aprendo
- ✓ Consegui melhorar nas perguntas de interpretação
- ✓ Com o teste em duas fases estudo 2 vezes e assim consigo aprender melhor
- ✓ Ajudou porque eu sempre fui péssima em Inglês
- ✓ Fiquei contente por ser duas vezes porque eu ia fazer o que sabia e deixar o que não sabia para a segunda fase
- ✓ teste em duas fases me fez estudar duas vezes
- ✓ Ajuda porque o aluno ao ver o teste na primeira fase faz alguns exercícios e depois vai para casa estudar e fazer na segunda fase
- ✓ Percebemos a matéria melhor, ajuda a ter conhecimento
- ✓ Estudamos mais
- ✓ Ajuda muito na língua porque há palavras que não percebemos e não conseguimos interpretar chegamos em casa, estudamos o que temos dúvida e aprendemos
- ✓ Achei muito bom porque devido a isso eu comecei a entender melhor, comecei a tirar boas notas em Inglês, e a aprender melhor
- ✓ teste em duas fases me fez ter notas altas
- ✓ Estudamos não para fixar a matéria, mas sim para entender
- ✓ teste em duas fases fez mais vontade com a disciplina de Inglês para estudar ao invés de desistir só porque não entendemos e não sabemos fazer o teste
- ✓ É vantajoso, as notas são boas e ajudou muito no vocabulário. Aprendi muitas coisas. As palavras que nunca tinha visto, anoto e faço pesquisas em casa para tirar as minhas dúvidas
- ✓ teste em duas fases é uma forma de aprendizagem porque quando estamos a estudar para a segunda fase já sabemos o que vamos estudar para fazer no teste
- ✓ Ao estudar para segunda fase em casa aprendo alguma coisa
- ✓ Sim. O t2F me ajudou a aprender
- ✓ Sim.
- ✓ Não ajuda na aprendizagem quando por exemplo não estudo nem para a primeira nem para a segunda fase
- ✓ Se estiveres com problemas de aprendizagem não ajuda
- ✓ aluno vai para casa estudar e fazer
- ✓ A melhor coisa que a professora fez porque antes eu não percebia bem o inglês, se não fosse a segunda fase eu teria sempre nota negativa
- ✓ Ajuda muito porque os exercícios são iguais aos que damos na e temos nas fotocópias

Pelos relatos durante a entrevista de grupo constatou-se que os alunos consideraram que o teste em duas fases ajudou efetivamente, a melhorar a aprendizagem da língua Inglesa. Alguns alunos acham que esta melhoria se deve ao fato de lhes proporcionar a oportunidade de estudar 2 vezes e conseqüentemente desenvolver a escrita, o vocabulário e a gramática quando vão preparar-se para fazer a segunda fase.

Esta aprendizagem que o teste em duas fases proporciona acontece principalmente na segunda fase em que o aluno tem a oportunidade de ver os seus erros, descobrir porque errou. Desta forma, em casa, ao estudar para a fase seguinte, aprende através dos seus erros durante a correção feita por si. Nesta perspectiva, este instrumento de avaliação formativa promove a autoavaliação e, a avaliação estará cumprindo o papel de avaliar para aprender, papel este reconhecido pelos alunos como evidenciam as afirmações reunidas no quadro anterior. Nesta perspectiva de avaliação, o teste deixa de ser uma ameaça para os alunos tornando-se um aliado do professor e dos alunos no processo de ensino aprendizagem.

Este tipo de teste ocorre num ambiente tranquilo e de confiança evitando o stress nos momentos da avaliação que fazem muitas vezes que os alunos esqueçam o que sabem e conseqüentemente obtenham maus resultados.

A análise das notas obtidas pelos alunos nos testes realizados, confirma melhorias significativas nos resultados da aprendizagem dos alunos, indo ao encontro da opinião destes expressa nas entrevistas. Nestas entrevistas foi também possível identificar estratégias seguidas pelos alunos. Por norma escolhem sempre os exercícios ou atividades que vão fazer na primeira e na segunda fase, deixando para a segunda fase o que consideram ser mais difícil., como demonstram os seguintes excertos:

“Deixo a parte de interpretação que tenho mais dificuldades e assim me prepare melhor”-A1G5

Fazendo isto, o aluno vai estudar e melhorar a aprendizagem e a compreensão das matérias que tem mais dificuldades.

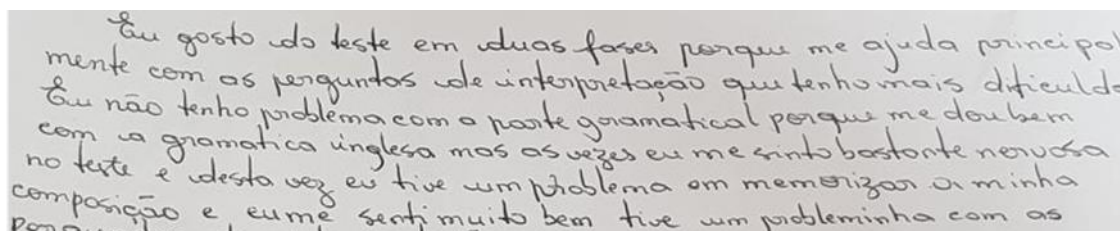
“Consegui melhorar nas perguntas de interpretação” -A3 G4

O teste em duas fases demonstrou que quando os alunos estudam duas vezes aprendem melhor, pois o aluno já sabe o que não sabe e vai estudar para melhorar o seu desempenho na segunda fase.

“O teste em duas fases me fez estudar duas vezes” -A6 G5

“Ajuda porque o aluno ao ver o teste na primeira fase faz alguns exercícios e depois vai para casa estudar e fazer na segunda fase” A2 G1

Neste estudo a prática do teste feito em duas fases revelou o seu impacto na aprendizagem dos alunos sustentando as palavras de Pinto e Santos (2006), para quem *“seja qual for o sentido que atribuirmos à avaliação formativa, há algo invariável. Trata-se de um processo que se move por um objetivo pedagógico, isto é, tem por fim último contribuir para a aprendizagem dos alunos”* (pag.23).



*Eu gosto do teste em duas fases porque me ajuda principal-
mente com as perguntas de interpretação que tenho mais dificuldade
Eu não tenho problema com a parte gramatical porque me dou bem
com a gramática inglesa mas as vezes eu me sinto bastante nervosa
no teste e desta vez eu tive um problema em memorizar a minha
composição e eu me senti muito bem tive um probleminha com as
perguntas*

Figura nº 25-Registo escrito dos alunos- maio 2019

O excerto da opinião desta aluna sobre o teste em duas fases demonstra que na língua inglesa ajuda a desenvolver a compreensão, bem como na composição escrita. Também vemos isso no seguinte excerto de uma das entrevistas:

“Ajuda muito na língua porque há palavras que não percebemos e não conseguimos interpretar chegamos em casa, estudamos o que temos dúvida e aprendemos”

A8 G1

Entende-se também uma melhoria da nota dos alunos o que diminui de certa forma as taxas de reprovação, embora o fim último seja a aprendizagem significativa do aluno:

“A melhor coisa que a professora fez porque antes eu não percebia bem o inglês, se não fosse a segunda fase eu teria sempre nota negativa”

A7 G2

Verificamos assim as vantagens enunciadas por Leonor Santos (2004) designadamente:

-Criador de situações de aprendizagem, quando o aluno leva exercícios para casa para estudar;

-Adequado para competências específicas transversais (exemplo comunicação, interpretação, reflexão, resolução de problemas, autoconfiança, responsabilidade, perseverança).

Querendo saber mais sobre o que este instrumento de avaliação formativa alternativa trouxe para a aprendizagem dos alunos, encontramos mais estas evidências significativas nos seguintes excertos das entrevistas de grupo realizadas:

“E vantajoso. As notas são boas e ajudou muito no vocabulário eu aprendi muitas coisas. Tinha palavras que nunca ouvi e ajudou no vocabulário anoto e faço pesquisas em casa para tirar as minhas dúvidas

“ Acho que é uma forma de aprendizagem porque quando estamos a estudar para o teste para outro dia estudamos quando fazemos os testes não sabemos concretamente os exercícios que vão sair podemos saber a matéria mas não saber como se faz o exercício fazer com alguma dúvida já sabemos o que vamos estudar porque já sabemos o que vamos estudar para fazer o teste”

“ajuda muito na língua porque tem palavras que não percebemos não conseguimos interpretar... chegamos em casa e estudamos o que temos dúvida e aprendemos.”

Excerto da entrevista de grupo- junho de 2019

Como se pode constatar na conversa com os alunos presente no excerto, o aluno tem a oportunidade de tomar nota de palavras que, por exemplo, lhe dificultaram a compreensão de um texto ou responder perguntas de interpretação, ou recordar uma parte gramatical que esqueceu. Quando toma nota e faz isso em casa está melhorando em todos os aspetos que a aprendizagem de uma língua estrangeira requer.

4.3.2. A apreciação dos alunos sobre as duas fases do teste

O quadro que se segue contém opiniões dos alunos, extraídos da transcrição da entrevista de grupo e retrata como eles fazem a primeira e a segunda fase dos testes em duas fases, as estratégias usadas por eles, bem como durante a realização. Neste ponto quisemos também saber como os alunos se para fazer cada uma das fases.

Opiniões expressas pelos alunos nas entrevistas	
✓	A primeira fase é mais difícil por não termos conhecimento do teste, já na segunda fase já sabemos o que esta no teste.
✓	A segunda fase é mais fácil porque já temos a noção de qual matéria precisamos estudar mais.
✓	A segunda fase é mais fácil porque já temos conhecimento do teste
✓	Na segunda fase já sabemos o que temos que fazer.
✓	Eu faço na segunda fase.
✓	A segunda fase é menos tempo e não conseguimos fazer tudo.
✓	Faço a parte gramatical na primeira fase e deixo a parte de interpretação para a segunda fase.
✓	Já tínhamos feito este tipo de teste em francês. As vezes 2 ou 3 dias depois do teste, o professor nos dá a parte de composição para fazer de novo e algumas coisas para corrigirmos.
✓	Na segunda fase eu vejo coisas que talvez eu tenha feito errado e corrijo
✓	Na primeira fase procuro estudar toda a matéria.
✓	Na primeira fase estudo e as vezes fico com duvida com alguns exercicios que fiz de errado levo para casa e tento corrigir na segunda fase para ficarem bem.
✓	Na primeira fase eu tento dominar as matérias mais difíceis, faço o que eu sei e na segunda fase faço as coisas que eu tenho dúvida.
✓	Para fazer o teste eu faço os exercicios que eu domino bem e os que na sabes, levas na memoria e estudas em casa para os fazer na segunda fase.
✓	A segunda fase é mais tranquila, porque tenho mais confiança.
✓	Na primeira fase eu fico um pouco nervosa por ser a primeira vez que tenho contacto com o teste, na segunda fase eu venho com mais confiança porque já sei o que esta no teste e o que eu preciso estudar.
✓	Na primeira fase eu não estudo, eu so estudo na segunda fase.
✓	Na primeira fase eu tento fazer que sei e deixo o resto para a segunda fase.

Podemos verificar, pelas afirmações dos alunos que, regra geral consideram a 2ª fase mais fácil e tranquila, o que se relaciona com o facto de terem oportunidade de se preparar para darem resposta aos aspetos em que sentiram dificuldade na 1ª fase. Claro que também surgem alunos que abertamente referem que só estudam para a 2ª fase, mas como já referimos a nota final resulta do que o aluno faz em ambas as fases, pelo que se o aluno não tiver feito nada na 1ª fase, mesmo que melhore muito na 2ª, o seu resultado reflete esta diferença de desempenho. Contudo, o que se salienta de mais relevante neste conjunto de afirmações é que os alunos acabam por definir uma estratégia de abordagem ao teste e de uma ou de outra forma, essa estratégia passa por procurar dar resposta ao que nele se pede, sendo necessário para tal trabalhar e aprender. Ou seja, se só tivéssemos um teste, sem 2ª fase, os alunos com boa ou com má nota não se esforçavam por melhorar o que tinham errado, ou não tinha realizado. Nesta modalidade sentem-se motivados para corrigir e completar o teste, (aprendendo) pois sabem que isso influencia na sua nota.

Procurámos ainda, na entrevista, conhecer a maneira como os alunos se prepararem para fazer os testes em duas fases. A resposta dos alunos nos permite também, saber se as duas fases do teste têm a função formativa tanto almejada. Desta forma, em resposta a esta pergunta: Como é que os alunos se preparam para fazer o teste tanto na primeira como a segunda fase, os alunos responderam assim:

A1G1: *“eu vejo as matérias que domino, os deixo para estudar mais tarde, e os que tenho dificuldades empenho mais*

A2G2: *“ Primeiro reviso a materia, e passo os exercícios para uma folha e tento resolver. Na segunda fase, levo em mente o que fiz de errado, vou para casa estudar novamente para fazer de novo.”*

A3G3: *“Para a primeira fase procuro estudar toda a matéria, revisar, e para a segunda fases.”*

A4G4: *“Para a primeira fase eu estudo, as vezes fico com duvidas com alguns exercícios que já fiz errado, tento corrigir na segunda fases para ficarem bem.”*

A5G5: *“Na primeira fase eu faço o que sei, na segunda faço as coisas que tenho dúvidas.”*

Excerto de entrevista de grupo - junho de 2019

Os alunos fazem a primeira fase do teste, o professor corrige, e assiná-la onde o aluno teve dificuldades, o teste é entregue ao aluno e este por sua vez vai corrigir ou fazer os exercícios que deixou por fazer na segunda fase. A maioria dos alunos percebeu o objetivo da segunda fase que é o de aprimorar os conhecimentos apreendidos

Alguns alunos tiram maior proveito da primeira fase. A maioria dos alunos, mesmo quem tem dúvidas ou não estudou, tenta fazer sempre alguma coisa na primeira fase já que sabem que quanto menos exercícios deixarem na primeira fase, melhor e menos cansativa será a segunda fase. Os alunos da turma deixaram evidente que depois da primeira fase vão para casa estudar outra vez e tentar perceber o que foi pedido no teste e que não sabiam fazer.

A1: Estuda na casa mo bo tem teste de ingles fase kes exercicio kbo sabe kes kbo k sabe fixas n kabesa txga na casa estuda e bem fases n segunda fase. (Estudas em casa porque tens teste de Inglês, fazes os exercícios que já sabes e os que não sabes memorizas, chegas em casa estudas para vir fazer a segunda fase)

A2: Tive um teste kem ke konsigui faze ne nem primeira nem n segunda porque nke estuda (Houve um teste que eu não consegui fazer nem a primeira nem a segunda porque não estudei)

A3: Nte preferi faze mas n primeira fase kmas kunfiansa. Segunda fase e mais trankuilo. (Eu prefiro fazer mais na primeira fase e fazer com mais confiança) a segunda fase já é mais tranquila.)

A4: Na primeira fase fico um pouco nervosa porque é a primeira vez que estou a fazer aquele teste na segunda fase já fico mais tranquila porque já vi o teste, sei os exercicios que fiz certo e corrigir o que fiz errado para poder corrigir

A5: Na primeira fase nte fase kes kem sabe n segunda nte ba corrigi kes kem fase mariode e kes kem k sabe. (Na primeira fase eu faço o que sei e na segunda fase vou corrigir os que fiz mal e os que eu não sabia.)

P: E tu?

A6: Nke te estuda pa test. Ne segunda fase kem te ba estuda p pode tma positiva. (Eu não estudo para os testes. Na segunda fase que eu vou estudar para poder ter uma nota positiva)

Excerto em crioulo de Cabo verde da entrevista de grupo-junho 2019 grupo 4

Ao longo desta trajetória de avaliação, notámos que no primeiro teste em duas fases que foi aplicado os alunos trabalharam mais na primeira fase. Já nos restantes testes os alunos começaram a deixar mais exercícios para fazer na segunda fase. Esta situação levou a chamá-los atenção relembrando-os mais uma vez o que se pretende com o teste em duas fases. Para evitar que desse impressão de banalização foi diminuído o tempo para fazerem a segunda fase. Assim, haveria esforço responsabilidade e aprendizagem tanto na primeira como na segunda fase. Feito esta chamada de atenção e fazendo-os entender que não estudar para a primeira fase não era uma boa ideia para o desenvolvimento da aprendizagem e para a própria classificação obtida, verificámos que no teste seguinte foi diferente. O excerto que se segue ilustra bem o que estava acontecendo:

A1G1: “Ne primeira fase nke te estuda. Nte faze kes pergunta de interpretação. Nte estuda so n segunda fase nte tenta da nha máximo mas as vez nke te konsigui. (Na primeira fase eu não estudo. Faço as perguntas de interpretação. Eu estudo só na segunda fase, tento dar o meu máximo, mas as vezes eu não consigo.”

A2G3: “Ne primera fase nte tenta estuda mas k e ne tude teste. Ne prim fase nte tenta fase kes kem sabe ne segunda nte corrigi e faze kes kem k sabe. (Na primeira fase eu tento estudar, mas não em todos os testes. Na primeira eu faço o que eu sei e na segunda fase corrijo os que eu não sei.”

Excerto da entrevista -grupo 1

Quando os alunos deixam tudo para estudar na segunda fase, nem sempre conseguem uma boa nota. Tendo em conta que o tempo para fazer a primeira fase e o da segunda fase não é o mesmo, se o aluno deixar quase todo o teste para fazer na segunda fase pode correr o risco de não o terminar. A primeira fase foi de 50 minutos e a segunda de 30 minutos, principalmente para evitar que os alunos parem de se esforçar/estudar para o teste e evitar assim banalizar os momentos da primeira fase da avaliação.

Como nos mostra o quadro acima, alguns alunos apontam a primeira fase como sendo a mais difícil, apontando razões como; sendo o seu primeiro contacto com o teste e não saber o que espera encontrar no teste. *“A primeira fase é mais difícil por não termos conhecimento do teste,” ao contrário da segunda fase, que já sabem o que esta no teste, e sobretudo já sabem o que conseguem e não conseguem fazer. “A segunda fase é mais fácil porque já temos a noção de qual matéria precisamos estudar mais.”* (A1G5)

Se na primeira fase o aluno tem 1 hora para fazer o teste, na segunda fase este tempo pode ser reduzido, como aconteceu neste estudo. Sendo assim, os alunos que não se esforçaram o suficiente na primeira fase, terão dificuldades na segunda fase por causa do fator tempo. *“A segunda fase é menos tempo e não conseguimos fazer tudo.”* (A3G2)

Cada aluno utiliza a sua estratégia de fazer as duas fases do teste, ou seja, sobre o que ele vai priorizar na primeira fase e o que deixará para a segunda fase.

Independentemente das estratégias que os alunos usam para a realização da primeira ou da segunda fase, o mais importante é que no momento do teste seja visto e sentido como um momento de aprendizagem e não como um momento de stress e de julgamento. Esta mudança de perspectiva de avaliação mais propriamente os momentos dos testes nos remete a Estanqueiro (2010), que nos diz que a avaliação não pode ser de forma nenhuma vista como *“uma armadilha para apanhar alunos desprevenidos”* (pag.97).

4.3.3. O ambiente proporcionado pela realização do teste em duas fases

O quadro seguinte apresenta-nos as afirmações dos alunos sobre o ambiente de realização do teste em 2 fases, sobre o qual procurámos a sua opinião no decurso das entrevistas de grupo.

Opiniões expressas pelos alunos nas entrevistas

- ✓ Foi bom porque consegui relaxar na hora de fazer o teste porque antes eu não conseguia relaxar e atrapalhava tudo.
- ✓ Na segunda fase consigo analisar bem os exercícios e consigo fazê-los.
- ✓ Eu aprovo este método de avaliação porque avalia para aprender e não para julgar o aluno. Os testes feitos num dia só ficamos sob pressão, as vezes fazemos coisas que sabemos erradas por causa da pressão. Este tipo de teste fazemos tranquilamente porque sabemos que se não conseguirmos temos uma segunda fase.
- ✓ Fazemos o teste com calma porque sabemos que na outra fase vamos continuar.
- ✓ Ajuda na aprendizagem porque o que não sei levo para casa para desvendar e fazer.
- ✓ Na primeira fase fazemos com calma.
- ✓ Ajuda a entender a gramática que é o que eu tinha mais dificuldades
- ✓ Fiquei a fazer o teste mais tranquilo.
- ✓ No teste em duas fases fazes o que sabes na primeira fase e se tivermos dúvida ou não conseguirmos fazer temos a oportunidade de estudar e fazer na segunda fase
- ✓ teste em duas fases não ajuda quem não estuda, nem a primeira nem a segunda-feira
- ✓ teste em duas fases é oportunidade de melhorar a nota porque se na primeira fase não estas preparado para fazer o teste e fizeres um mau teste tens uma outra oportunidade

Quem não se recorda como os momentos de teste nos deixavam nervosos e tensos e por estas razões muitas vezes esquecíamos completamente o que tínhamos estudado? Os momentos de avaliação costumam ser momentos tensos tanto para o professor como também para os alunos. Se o objetivo é a mudança de paradigma de avaliação, avaliar para aprender, o momento de realização de testes tem um significado crucial para que esta mudança possa acontecer.

Antes de saber como eles se sentem perante o momento dos testes em duas fases, já que durante a revisão de literatura alguns autores dizem que a aplicação de testes em duas fases cria um ambiente de descontração para os alunos, quisemos saber primeiro como é que eles se sentem durante os testes “convencionais.”, pois, como referem alguns autores a avaliação:

“foi e tem sido utilizada (o) com um recurso de disciplinamento externo e aversivo sobre os educandos, através das ameaças, da elaboração destorcida de questões,

mais para dificultar a resposta do estudante do que para diagnosticar a sua aprendizagem (...)” (Gonçalves & Larchert, 2012: p.70).

Muitas vezes os alunos são ameaçados de anulação da prova escrita ou a sua prova já foi anulada porque o professor por algum razão desconfiou que ele estava copiando ou porque teve provas de que o aluno estava realmente copiando ou porque tentou abrir o caderno ou outro material que continha o que foi pedido para fazer no teste.? Historicamente a vigilância da aplicação das provas ou exames tem este papel e este rigor na vigilância cria uma certa tenção no ambiente, que acaba afetando o desempenho do aluno.

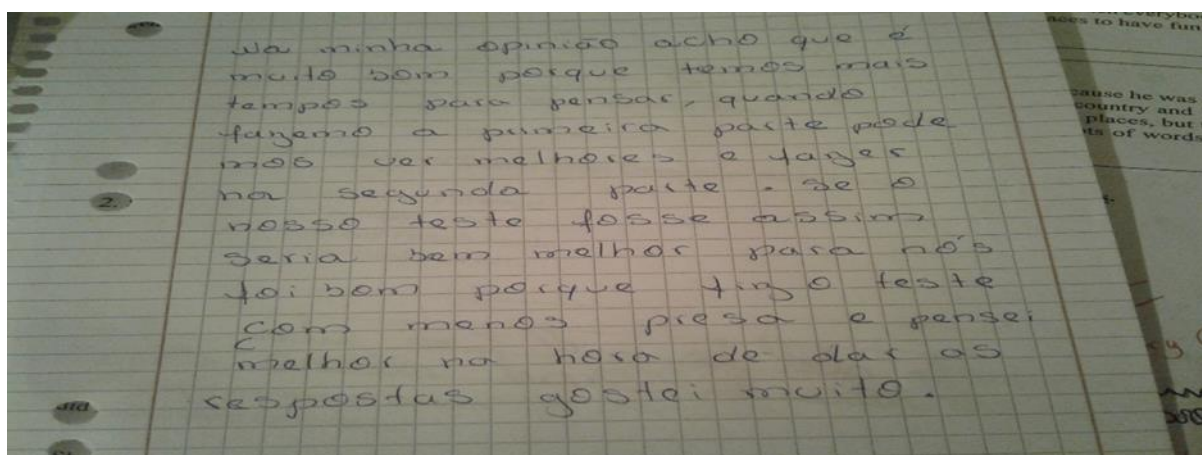


Figura nº 26-Registo escrito por um aluno- maio de 2019

Durante a entrevista e na opinião escrita pelos alunos constatou-se que com esta prática de fazer teste em duas fases os alunos conseguiram relaxar o que antes não era possível. Este aluno por exemplo declara que fez o teste com menos pressa o que lhe permitiu pensar melhor na hora de dar as respostas.

No excerto da entrevista existe indícios de que falta de descontração no momento da realização dos testes escritos anteriores a este estudo, fazia com que esquecessem coisas que já sabiam. *“Foi bom porque consegui relaxar na hora de fazer o teste porque antes eu não conseguia relaxar e atrapalhava tudo.”* A4G1

“Fiquei a fazer o teste mais tranquilo.” A3G3

“No teste em duas fases o que sabes na primeira fase e se tivermos dúvida ou não conseguirmos fazer temos a oportunidade de estudar e fazer na segunda fase.” A2G2

Também nos registos escritos dos alunos, realizados após o teste, encontrámos a referência às condições de realização da avaliação, referindo a tranquilidade, como o excerto seguinte evidencia:

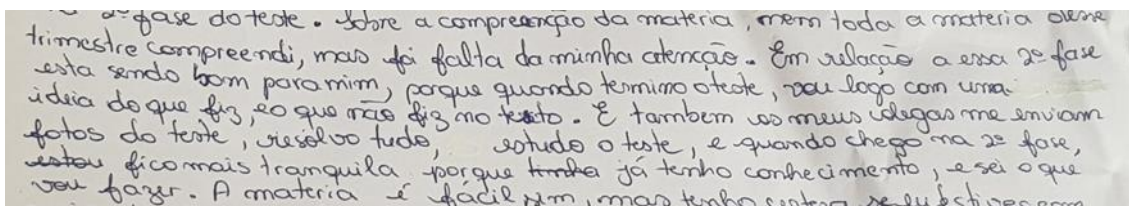


Figura nº 27-Excerto de entrevista Grupo 1- Julho 2019

Estes resultados vão ao encontro do estudo de Pinto e Santos (2006, p:140) quando os autores afirmam claramente que *“o teste em duas fases é um instrumento de avaliação aplicado em dois momentos ou duas etapas, que permite melhorar a aprendizagem dos alunos, proporcionando-lhes um ambiente de trabalho de menor stress e angústia.”* O facto de saber que terão uma nova oportunidade de abordar o teste, proporciona um ambiente tranquilo, pois os alunos vão para casa convictos do que ficou por fazer, tendo a possibilidade de estudar e voltar a trabalhar numa segunda fase.

O teste escrito, feita em duas fases, deixará de ser uma ameaça para os alunos por causa de nervosismo na hora da sua realização, tornando-se assim um aliado do professor e dos alunos no processo de ensino aprendizagem.

4.3.4. O teste em duas fases e outras estratégias de avaliação formativa vivenciadas: opinião dos alunos

Muito antes da entrevista de grupo com a turma que aconteceu em junho do 2019, à medida que os alunos iam vivenciando a experiência do projeto apresentado nesta dissertação pedíamos sempre para escreverem sobre o que íamos fazendo e eles iam vivenciando. Esta escrita tinha também como objetivo detetar as dificuldades dos alunos na disciplina à medida que íamos avançando, bem como dar conta do progresso em termos de aprendizagem. No excerto de escrita que se segue, consegue-se por exemplo ver em qual conteúdo o aluno teve dificuldades e, portanto, permite ao professor ajudá-lo a perceber e a aprender usando novas estratégias de ensino.

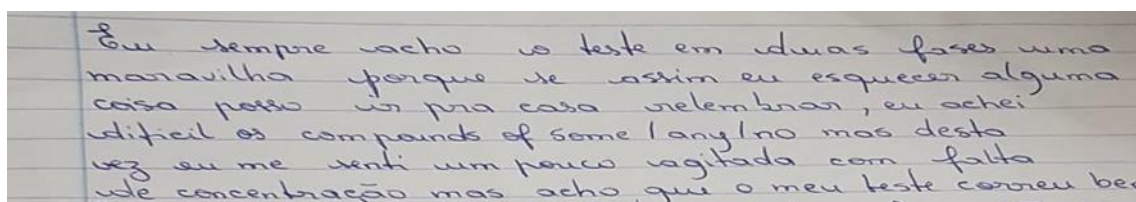


Figura 28-Registo escrito de um aluno - fevereiro
2019

A avaliação formativa como proposta de avaliação no processo de ensino aprendizagem, como foco principal deste trabalho, não passa só pelo uso do teste em duas fases ou pelo portefólio. Todo o trabalho formativo vivido quer pelo professor quer pelos alunos tem como função a regulação das aprendizagens. Para isso é necessário que haja estímulo para a participação dos alunos em todo o processo, já que a avaliação tem para além de várias outras funções, a de regulação, de apoio a aprendizagem, e orientação.

Quanto a realização dos testes em duas fases muitos deram a entender terem percebido a vertente de aprendizagem, a vertente formativa quando demonstram que estão conscientes que irão estudar e voltar a fazer o teste, como nos mostram os extratos que se seguem.

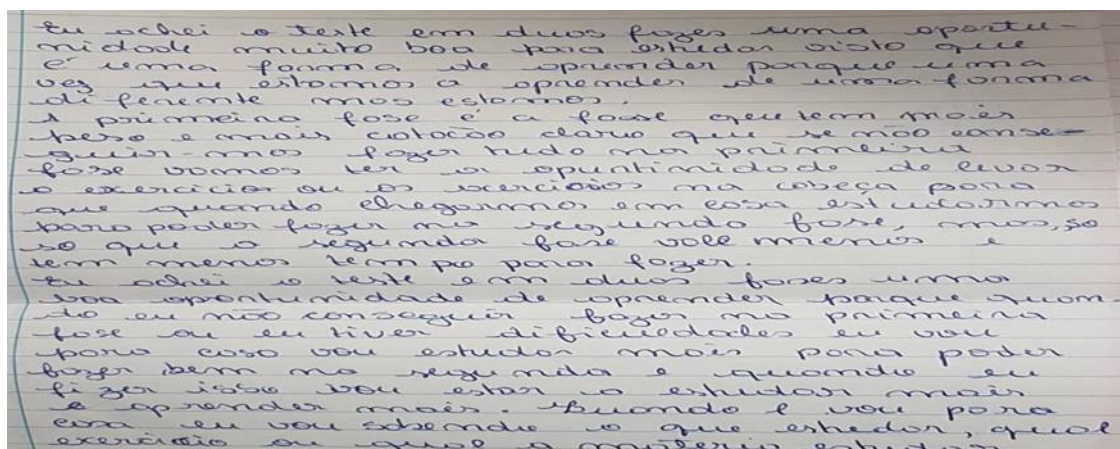


Figura nº 29- Excerto da escrita de um aluno -maio
2019

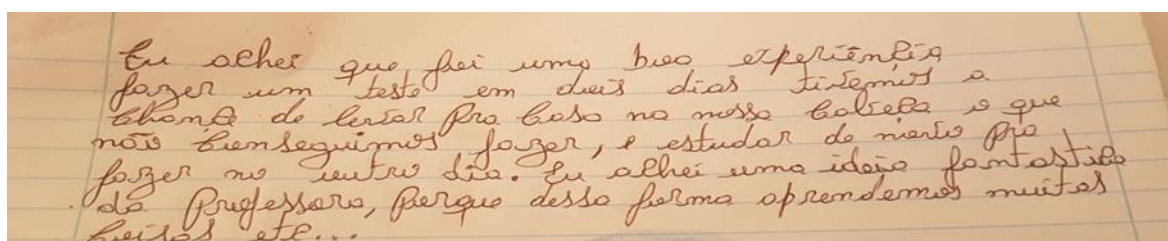


Figura nº 30-Registo escrito de um aluno -
janeiro 2019

Pinto e Santos (2008) acreditam que a avaliação formativa, são *“todas as atividades levadas a cabo pelo professor e /ou seus alunos, que fornecem informação que podem ser utilizadas como feedback conducente à modificação das atividades de ensino e aprendizagem”* (p. 13)

De acordo com as opiniões dos alunos expressos no quadro abaixo, os mesmo declaram ter aprendido muito e gostar de fazer todos exercícios que são solicitados dentro e fora da sala de aula. As estratégias usadas demonstram através da declaração dos alunos que as atividades desenvolvidas, as aulas, trouxeram alguma motivação

“Não faltei nenhuma aula porque a professora nos da moral para assistir as aulas”
A2G2

“Começamos a concentrar nas aulas e a aprender mais” A4G3

“O que mais me chamou atenção foram as reflexões para despertar o nosso interesse”
A5G1

“Aprendi porque a professora fica em cima de nós” A1G4

O quadro que se segue nos fornece pistas e uma visão do aluno sobre a importância de todo trabalho e as estratégias desenvolvidas na sala de aula durante este trabalho de investigação.

Opinião expressa pelos alunos nas entrevistas

- ✓ Aprendi muito, sei muitas palavras em Inglês que eu não sabia. Hoje sei muito
- ✓ Eu gosto dos exercícios que a professora passa para fazer em casa
- ✓ Fiz tudo o que a professora mandou fazer
- ✓ A professora explica bem. No da oportunidade de saber mais coisas
- ✓ Há muitas palavras que eu não sabia, a professora explica e eu percebo
- ✓ Não faltei nenhuma aula porque a professora nos da moral para assistir as aulas
- ✓ A professora explica, dá-nos exemplos para praticar mais exercícios e focamos mais
- ✓ Aprendi muita coisa que eu não sabia, as coisas que a professora passava para ver aprendi Inglês melhor
- ✓ A forma como a professora explica-nos da oportunidade de saber mais coisas
- ✓ Tudo foi útil
- ✓ Começamos a concentrar nas aulas e a aprender mais
- ✓ O que me chamou atenção foi a forma como explica, esclarece todas as nossas dúvidas, e o que não entendemos torna a explicar a matéria
- ✓ Muitas vezes a matéria parece difícil, mas a forma como a professora explica torna tudo mais fácil
- ✓ Quando não percebemos a professora tenta explicar de diversas formas
- ✓ O que mais me chamou atenção foram as reflexões para despertar o nosso interesse
- ✓ Quando estamos a fazer algum exercício a professora repara que alguém tem dúvidas e lhe explica a matéria
- ✓ O que mais me chamou atenção foi a sua forma de nos tirar duvidas e como nos orienta para tirar as nossas dúvidas
- ✓ O que foi mais útil nas aulas foi o teste em duas fases e o portefólio
- ✓ O portefólio foi mais útil
- ✓ As fichas de exercício foram muito uteis porque me fez mais vontade de estudar quando resolvo os exercícios em casa

- ✓ As fichas de exercícios foram muito importantes porque lá estava as matérias que vinham nos testes
- ✓ As estratégias usadas nas aulas me ajudaram na aprendizagem
- ✓ As estratégias só ajudam os alunos que prestam atenção
- ✓ A professora explica, caso não entendermos a professora explica quantas vezes for preciso até entendermos
- ✓ O teste em duas fases feito este ano ajudou muito. Foi a melhor coisa
- ✓ Aprendi porque a professora fica em cima de nós
- ✓ A professora faz o máximo para nos ajudar

Estar atento aos alunos, mesmo com uma turma de 40 alunos é um desafio grande e por isso fez parte de um leque de estratégias usadas neste estudo e poder estar atento as dúvidas e dificuldades dos alunos e poder orientá-los.

“O que mais me chamou atenção foi a sua forma de nos tirar dúvidas e como nos orienta para tirar as nossas dúvidas.”

Tudo isto faz a ponte com as diretivas contidas no Boletim Oficial (B.O), I série de 31 de dezembro de 2015 artigo 5º, onde consta que,

“a avaliação formativa é um processo contínuo e sistemático de recolha de informações através de instrumentos diversos. Esta avaliação centrada no aluno, pretende fazer uma avaliação individual do aluno ou de grupos de alunos facultando-lhes informações pertinentes para que possam ultrapassar as suas dificuldades e desenhar o seu percurso de sucesso.”

Os ganhos obtidos pela avaliação formativa praticada inerente a este estudo, está visível nas declarações dos alunos, embora cada um dos instrumentos usados com impacto diferentes, mas todos com olhos postos numa melhor avaliação e aprendizagem dos alunos

Rodrigues (2008), nos diz que para que a avaliação formativa e todos os seus procedimentos deem os frutos esperados, requer a envolvimento, entrega e disponibilidade por parte do professor que vai muito além daquele momento que tira durante a aula.

Todas as estratégias de avaliação formativa conhecidas e estudadas, só servirão para uma boa aprendizagem e avaliação se houver um bom engajamento, dedicação e entrega do professor.

4.3.5. O teste em duas fases e as suas limitações: visão do aluno

Como qualquer outro instrumento de avaliação das aprendizagens o teste em duas fases apresenta as suas limitações. Ao perguntar os alunos quais as dificuldades que tiveram, as respostas são as que se seguem.

De nada serve fazer o teste em duas fases se o aluno não se consciencializar daquilo que se pretende. Deve também existir uma relação de confiança entre o professor e o aluno. Sem estes elementos o teste em duas fases deixa de fazer sentido e corremos o risco de banalizar a avaliação das aprendizagens.

A1G4: primeira fase vou com o ke sei e segunda fase as vezes vou com cabula. (Na primeira fase o que eu sei, e na segunda fase vou com “cabula”

P: O que te leva a fazer cabula?

A2G4: Pregisa professora (preguiça, professora)

P: Já aconteceu em todos os testes?

A2G4: Não. Nos primeiros eu estava mais concentrado, depois comecei a faltar aulas.

A: A segunda fase é menos tempo e não conseguimos fazer tudo

Então a dificuldade e o tempo?

Extrato da entrevista de grupo 3- junho 2019

Já no fim do ano letivo alguns alunos apresentam um pouco de desleixo em relação os estudos e a aprendizagem já que o teste em duas fases permitiu que eles já tivessem nota para transitar fruto do resultado dos testes e por isso estão despreocupados e consequentemente param de estudar.

4.3.6. A implementação do portfolio para nas aulas de língua Inglesa

Foi dito aos alunos que no ano letivo em que este estudou decorreu, iriam desenvolver um portefólio do início ao fim do ano como sendo mais um recurso da avaliação formativa com o objetivo de os ajudar a melhorar a aprendizagem na disciplina de língua inglesa através da organização e seleção e reflexão do seu material de estudo. Procurámos explicar-lhe que o portefólio, pode representar um instrumento para os seus estudos,

desde que seja feito com dedicação, responsabilidade e assiduidade, dando assim uma certa autonomia ao aluno. Estas informações foram fornecidas durante uma aula nomeadamente mostrando o que é um portefólio, saber se já tinham feito alguma vez, o seu objetivo e sua importância para a aprendizagem, bem como as instruções sobre a sua elaboração.

Segundo as orientações fornecidas aos alunos, precisavam de uma capa, folhas em branco ou mesmo do caderno, recortes, lápis, fotocópias e outro material que achassem necessário. Ficaram a saber ainda que o conteúdo do portefólio seria baseado nas aulas de inglês, tendo como objetivo que depois de cada aula, em casa, passassem para o papel em branco os aspetos fundamentais da aula e todos os trabalhos desenvolvidos, sobre os conteúdos estudados, refletindo sobre as suas dificuldades, sobre o que aprenderam e o que gostaram mais de fazer, incluindo sugestões para as aulas. Foi-lhes dito também que, independentemente das instruções recebidas quanto à elaboração do portefólio, eram livres para escolher o que colocar neste instrumento de avaliação da aprendizagem, desde que fosse relacionado com as aulas.

O trabalho do portefólio seria um trabalho contínuo e que não poderiam deixar conteúdos das aulas acumularem-se. Isto é, para que o portefólio fizesse alguma diferença na aprendizagem, teriam de trabalhar nele três vezes por semana, que corresponde ao número de aulas de Inglês, como se estivessem a estudar depois de cada aula.

Uma semana depois do lançamento desta proposta de realização de um portfolio e de toda a conversa tida com os alunos sobre o trabalho que iria ser realizado durante as aulas e durante todo o ano letivo, 34 alunos da turma do 10ºF apresentaram nas aulas seguintes, uma capa, algumas delas confeccionadas por eles mesmos, mostrando assim, a primeira etapa da criação do seu portefólio.



Figuras 31, 32, 33,34- Exemplo de capa do portefólio dos alunos ano letivo-2018/2019

Alguns compraram capas, uma aluna usou uma agenda e colocou numa capa de forma artística, usaram desenhos ou mesmo as suas próprias fotos dando um toque personalizado ao seu portefólio.

De acordo com as orientações, os alunos apresentaram o portfolio no fim de cada trimestre para verificação do progresso, sendo-lhes dado feedback para mostrar aos alunos o quanto estavam aprendendo e como o portefólio estava rico, bem como sugestões de melhorias, correções da escrita ou chamadas de atenção e pistas que ajudavam e encorajavam a fazer uma autoavaliação. Sempre no sentido de os levar a trabalhar mais e melhor para desenvolverem as suas aprendizagens.

Tendo a função formativa, o portefólio deve ser planejado e negociado com os alunos “visando ajudá-los a refletir sobre a sua participação no ensino aprendizagem.” Grego (s.d), considera ainda que o portefólio no contexto de avaliação formativa, contribui para o desenvolvimento intelectual e sócio emocional dos alunos, para a sua autoestima e autodeterminação, enriquece o trabalho docente, dado que as riquezas de documentos relevantes fornecem informações ao professor na condução do seu trabalho, nas decisões a tomar para melhorar a aprendizagem dos seus alunos.

Na entrevista com os alunos constatou-se que alguns deles já tinham feito o portefólio ou um trabalho semelhante no jardim de infância e em educação artística mesmo com outro objetivo.

O extrato que se segue, nos mostra exemplos de como alguns procederam para elaborar o portefólio.

A: Eu coloquei tudo e nos testes serve para estudar

A: Consegui porque consegui escrever tudo o que aprendi nas aulas com o caderno de inglês ia escrevendo

A: Quando eu fui fazer vi que todos iam fazer com capa e optei por colocar uma agenda onde eu pudesse escrever

A: Como foi fazer o portefólio?

A: Comprei uma capa...tirei um desenho e ficou mais bonito

A: Nas outras vezes dei mais não entendi porque pensei que era só juntar materiais, mas depois vi refletir que era dizer o que aprendemos nas aulas

Excerto da entrevista do grupo 3 Junho 2019

Tendo em conta que o portefólio foi implementado com o objetivo de fazer com que os alunos melhorassem as suas aprendizagens na língua inglesa, ficou claro que não seria

apenas colecionar matérias. A reflexão sobre o material usado nas aulas, sobre o que aprenderam, seria importante principalmente para o desenvolvimento a nível da escrita, quando isto faz parte da rotina do aluno. O professor ao verificar o portefólio do aluno conseguirá acompanhar o desenvolvimento da sua aprendizagem e apoiá-lo onde for necessário. Procurámos que os alunos ficassem com a noção do propósito deste material, descrito por Pinto e Santos (2006):, referindo-se ao portefólio como:.

“uma ideia inspirada nos artistas e fotógrafos que os usam para transpor algumas das suas melhores obras para as poderem mostrar aos outros, dando assim sentido (...). Ao transpor-se para a educação, significa uma amostra diversificada e representativa de trabalhos realizados pelo aluno ao longo de um período amplo, que cubra a abrangência, a profundidade e o desenvolvimento conceptual. Ele é propriedade do aluno e cabe-lhe decidir o que incluir ou não”
(p. 148).

Foi lembrado sempre aos alunos que o portefólio não é uma acumulação de materiais, mas sim algo que contribui para fazer a regulação da sua aprendizagem e a sua autoavaliação.

4.3.7. A percepção e importância do portefólio para a avaliação e aprendizagem

No contexto pedagógico, o portefólio não é simplesmente um mero acumular de materiais ou trabalhos/atividades, mas sim um instrumento de avaliação formativa que contribui para a aprendizagem dos alunos, impulsionado pela reflexão e a organização de materiais selecionados como representativos das aprendizagens realizadas. Assim as figuras que se seguem nos fornece uma visão do que os alunos escreviam nos seus portefólios principalmente no tocante as reflexões sobre as aulas.

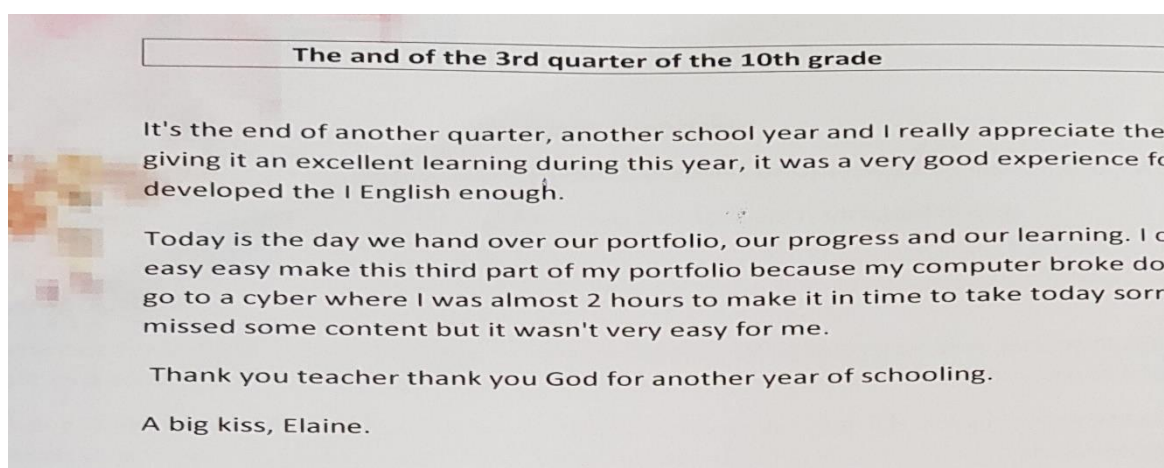
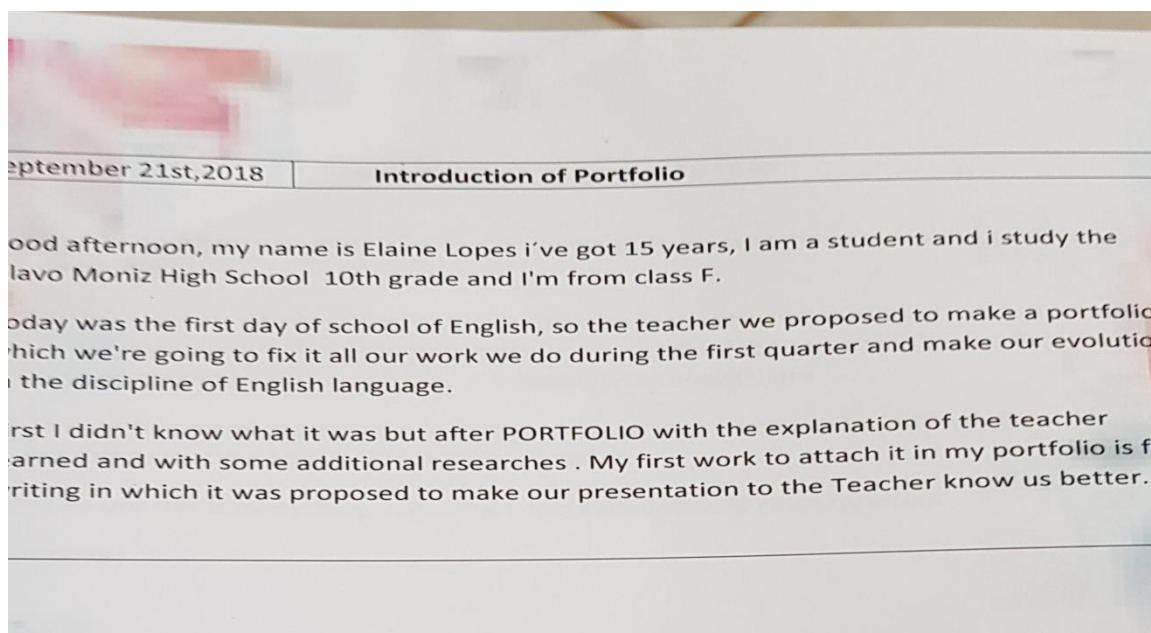


Figura nº 35, 36-exmplo do conteúdo escrito do portefólio dos alunos

Opiniões expressas pelos alunos

- ✓ No primeiro trimestre foi difícil, mas depois ficou fácil.
- ✓ Foi fácil, pois ajudou-me a desenvolver um pouco pois não sou muito de falar.
- ✓ Ajudou-me a escrever e agora estou mais confiante.
- ✓ Estou a aprender mais Inglês e a desenvolver cada vez mais.
- ✓ Ajudou-me sim porque quando eu estou a fazer um trabalho em inglês antes eu dizia que não conseguia perceber e nem era preciso tentar porque inglês não é meu ponto forte. Agora é diferente. Mesmo não sendo o meu ponto forte eu esforço e tento aprender alguma coisa.

- ✓ Quando estamos a fazer o portefólio fico a lembrar a matéria e fico melhor em termos de aprendizagem.
- ✓ Portefólio é organizar todas as matérias que demos no ano letivo.
- ✓ Entender o que aprendemos, as nossas dificuldades para poderem nos ajudar.
- ✓ Portefólio é uma forma de incentivar os alunos, e incentiva a melhorar a nota.
- ✓ É uma forma de ser avaliado pelo professor, expor as nossas dúvidas e ter mais conhecimento.
- ✓ Fazer portefólio é dizer o que aprendemos nas aulas.
- ✓ Comprei uma capa, pus uns desenhos e ficou mais bonito.
- ✓ Foi algo satisfatório.
- ✓ Eu tinha muitas dúvidas e enquanto eu ia fazendo eu ia analisando os exercícios, fui escrevendo e analisando bem e o portefólio me fez ver que a matéria afinal não é difícil.
- ✓ Eu coloco tudo nele, e ajuda a estudar para os testes.
- ✓ Elaborando o portefólio acabas por perceber coisas que passou despercebido nas aulas. Durante as aulas copias coisas que nem sequer entendes e o portefólio ajuda a esclarecer muitas coisas
- ✓ Escrevo nele tudo o que aprendi nas aulas e ajuda a melhorar a minha escrita
- ✓ A medida que vou escrevendo para pôr no portefólio eu uso o dicionário e isso me ajuda
- ✓ Ajuda-me a prender por exemplo quando eu escrevo em português e depois transcrevo em inglês
- ✓ portefólio é uma maneira de aprender e refrescar a memória e preparar para os testes
- ✓ No início fiquei com dúvida mas fui me inspirar na internet
- ✓ portefólio fica como uma lembrança para um dia recordar o 10º ano
- ✓ portefólio ajuda sim a aprender porque damos a matéria na aula, e quando chegamos em casa, passamos tudo numa folha em branco vamos lendo e quando chegamos na aula respondemos as perguntas da prof. A medida que vamos lendo a matéria percebemos melhor
- ✓ Ajudou-me a aprender porque a matéria esta no portefólio ao invés de estar só no caderno

- ✓ Ajudou a desenvolver a minha escrita na língua inglesa quando eu escrevo as minhas reflexões na língua inglesa
- ✓ portefólio me dá incentivo para estudar
- ✓ portefólio é uma capa onde vamos por todo o material do trimestre

Opiniões expressas pelos alunos

Quisemos saber dos alunos se o portefólio ajudou a desenvolver a aprendizagem na língua inglesa de acordo com a proposta inicial de investigação.

Ainda que um ou outro aluno relacione o portefólio essencialmente com uma coleção dos materiais, do conjunto de afirmações dos alunos há várias evidências de que o portefólio os ajudou a aprender mais na língua inglesa.

A1G2 “Foi fácil, pois ajudou-me a desenvolver um pouco pois não sou muito de falar”

A2G4 “Ajudou-me a escrever e agora estou mais confiante”

A3G2 “Estou a aprender mais inglês e a desenvolver cada vez mais.”

A4G3 “Ajudou-me sim porque quando eu estou a fazer um trabalho em inglês antes eu dizia que não conseguia perceber e nem era preciso tentar porque inglês não é meu ponto

forte. “

A5G1 “Agora é diferente. Mesmo não sendo o meu ponto forte eu esforço e tento aprender alguma coisa.”

Excerto da entrevista de grupo

Alem de manter o aluno atualizado ou em dia em relação aos estudos ajuda o aluno a detetar as suas dificuldades, podendo ele mesmo ultrapassá-las sozinho, ou pedir ajuda ao professor ou outra pessoa, constituindo um instrumento que proporciona oportunidade de aprendizagem.

A6G2: Durante e quando eu estava a fazer o meu portefólio eu tinha muitas dúvidas em alguns exercícios eu fui analisando e disse que as matérias não são tao difíceis com eu pensava e aí já não foi tao difícil assim. Fui escrevendo analisando bem...eu acho que o portefólio é muito bom

Excerto de entrevista de grupo

Este excerto demonstra que, quando o aluno faz reflexão sobre o que aprendeu na aula ou qualquer atividade proposta, consegue ultrapassar as suas dificuldades e consequentemente melhorar de forma gradual.

Constata-se que quando os alunos estão a preparar os materiais para organizar o portefólio, à medida que vão escrevendo vão refletindo e praticando, e ao mesmo tempo estudando o que é tratado nas suas aulas. Esta prática contribui também para que o aluno, por si mesmo esclareça as suas dúvidas caso existam. Por vezes o que impede os alunos de aprender é a falta de autoconfiança e por algum motivo acham que não são capazes de aprender. Quando o portefólio aparece no ensino como uma prova possível, visando a diversificação de instrumentos e responder às características de cada aluno, possibilita a realização de aprendizagem e contribui de certa forma para a diferenciação pedagógica e para a inclusão.

Na língua inglesa há alunos que são melhores na oralidade do que na escrita e vice-versa. Uns por timidez e outros porque nunca praticaram o desenvolvimento da língua. Se o professor levar em conta as características diferenciadas dos alunos, a heterogeneidade das turmas, bem como o elevado número de alunos por turma em que não se consegue dar atenção individualizada a todos, o portefólio pode constituir um instrumento de avaliação das aprendizagens por excelência. Todo este potencial oferecido pelo portefólio encontra-se no exemplo do excerto da entrevista que se segue quando este aluno manifesta o quanto o portefólio o ajudou a minimizar as suas dificuldades.

AIG2: para mim foi fácil me ajudou bastante a desenvolver um pouco pois não gosto muito de falar na turma escrever porque tenho medo de tentar, mas me ajudou bastante agora estou mais confiante estou a aprender mais em Inglês e a desenvolver cada vez mais

Excerto de entrevista de grupo

Para que o portefólio cumpra o objetivo que se espera que é o de melhorar a aprendizagem dos alunos, precisa fazer parte da rotina diária. Mas, acima de tudo, o aluno precisa estar consciente dos ganhos para a sua própria aprendizagem. O portefólio é uma forma de consolidar a matéria estudada na aula e para muitos alunos uma forma de estudar.

A1G3: Ao elaborar o portefólio as vezes acabar por perceber coisas que deixaste despercebido nas aulas copias coisa que nem sequer entendes nas aulas no portefólio e esclareces muitas coisas

P: A tua escrita no portefólio e muito boa. Conta-me só o portefólio contribui para isso?

A2G3: Consegui porque consegui escrever tudo o que aprendi nas aulas com o caderno de inglês ia escrevendo.

P: Ajuda na escrita ou já escrevias bem?

A3G3: A medida que vou escrevendo uso o dicionário quando estou a escrever umas coisas

AA4G3: No portefólio eu coloco o que aprendi e o que não aprendi. O professor vê o que não aprendeste para poder ajudar. Uma vez eu escrevi em português e no feedback a professora me disse para escrever em inglês... nke responde (não respondi). Deste vez n responde e n escreve n inglês (Desta vez eu respondi e escrevi em inglês)

A5G3: Acho que é uma maneira de aprender. Refrescar a memoria e preparar para os testes

Excerto de entrevista de grupo

Woodward, citado por Amante (2011), nos diz que “os estudos sobre a utilização dos portefólios convencionais, ou seja, em papel, são regra geral, unânimes em considerar que estes apresentam um grande potencial constituindo-se simultaneamente como oportunidades de aprendizagem e instrumentos de avaliação” (pag.227).

A conversa tida com os alunos durante a entrevista, indica que o portfolio, na sua opinião, proporciona oportunidades de aprendizagem. Existem alunos por exemplo que começaram a escrever reflexões sobre a sua aprendizagem usando a língua portuguesa. O feedback recebido foi de que devia tentar traduzir o que escreveu para a língua inglesa. Na disciplina de língua inglesa, a tradução ajuda a desenvolver habilidades de aprendizagem de uma língua estrangeira. O portefólio tem ainda um outro potencial que é manter o aluno em sintonia com as suas aulas, e ter uma participação ativa durante as mesmas, para que possam recorrer à consulta do material utilizado para a constituição do portefólio. O excerto que se segue comprova algumas destas perceções.

A1G4: Damos a matéria na aula, no txga na casa no kre faze portefólio passamos numa folha vamos lendo para quando chegamos na aula respondermos o que a professora perguntar, vamos lendo a matéria e intende. (Damos a matéria na aula, quando chegamos em casa e queremos fazer o portfolio, passamos numa folha, vamos lendo para quando chegarmos na aula respondemos o que a professora perguntar, vamos lendo e percebendo a matéria)

P: E tu?

A2G4: Ajudou mais ou menos. Quando chego em casa revejo a matéria e coloco no portefólio

P: E tu R, Ajudou ou não?

A3G4: Acho que sim

P: Como?

A4G4; Porque a matéria esta tudo no portefólio não só no caderno. Moda G dez nte passa matéria tude num folha nte pol ne portefolio (Como disse a G eu passo a matéria tudo numa folha e coloco no portefólio).

Excerto de entrevista de grupo - grupo 4 - junho de 2019

O facto de o aluno rever a matéria de cada aula, reescrever numa folha a parte para colocar no portefólio como se nota no relato que se segue, já é um exercício de estudo e dedicação que o ajuda certamente a aprender melhor a nível de escrita, vocabulário e raciocínio, como evidenciam estes excertos de entrevista.

A5G4: Ajudou a desenvolveu na escrita porque sempre que escrevia numa folha para pôr no portefólio, fazia uma reflexão do que aprendei e quando eu faço isso vou aprendendo mais umas coisas como se escreve em inglês.

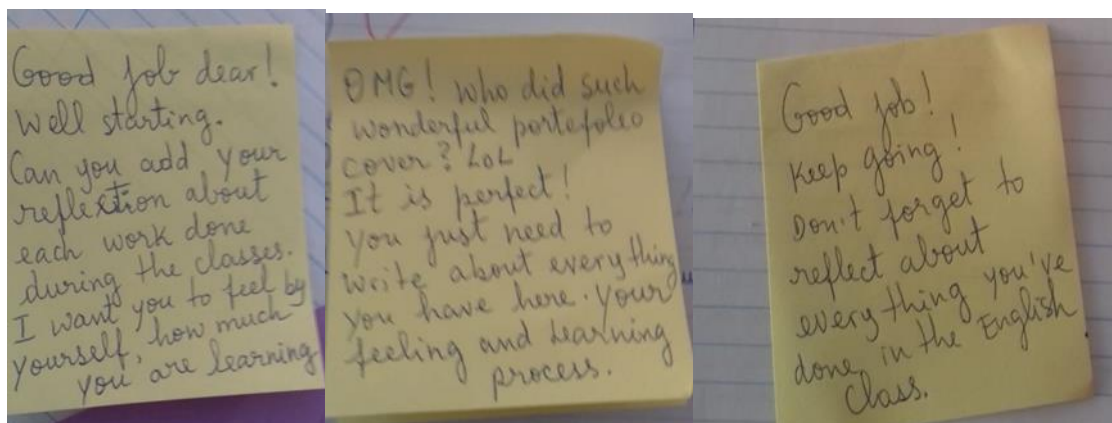
Excerto de entrevista de grupo

4.3.8. Avaliação do portefólio da turma

O que se pretendia com o portefólio era que este instrumento alternativo da avaliação formativa além de ajudar os alunos a aprenderem melhor, os ajudasse também na organização do seu material de estudo, e que servisse de um instrumento para estudar e preparar-se para os testes. Este trabalho exige dedicação e responsabilidade e ser feito com assiduidade a fim de tirar melhor proveito dele.

Os alunos já conheciam todos os critérios descritos aqui e que ia fazer parte dos (OEA) outros elementos de avaliação, que faz parte da avaliação sumativa do Sistema Educativo de Cabo Verde. Por esta razão, durante o processo da construção os alunos sempre

recebiam um feedback escrito para fins de correções e encorajamento como se vê nas figuras 37, 38 e 39.



Figuras nº 37, 38-Exemplos de feedback recebido no portefólio

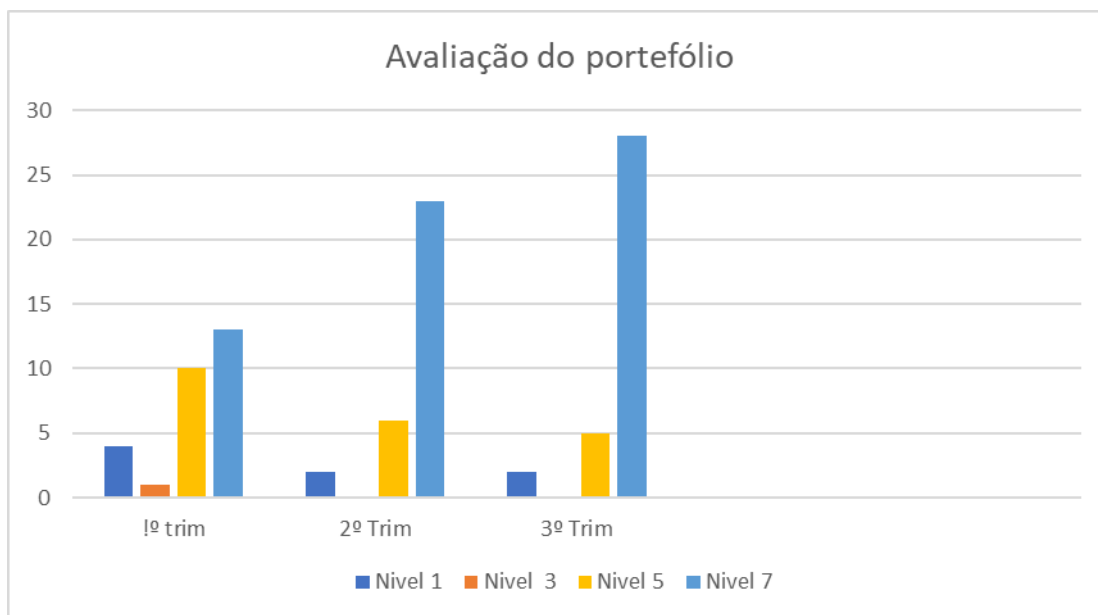
Tendo em conta que os alunos receberam instruções para desenvolver os seus portefólios, o feedback que os alunos recebiam visava sobretudo acompanhar a construção a organização bem como o conteúdo contido para que o resultado fosse, de um bom portefólio que contribuísse para alcançar os objetivos preconizados neste estudo que é ajudar a melhorar a aprendizagem na língua inglesa. Este feedback vai de encontro a ideia de Grego (s.d) “...ajudá-los a refletir sobre a sua participação no ensino aprendizagem”

O feedback recebido tinha também como foco, contribuir para fomentar o desenvolvimento individual, a motivá-los a continuar a estudar e a não desistir e até certo ponto expandir o conhecimento que gera motivação para mudança. Por isso, houve a preocupação sempre em indicar aspetos que precisavam melhorar através de um feedback orientado que os levará a alcançar novos conhecimentos a nível da aprendizagem

Quadro N° 6: Avaliação do portefólio

Turma F 10º Ano- Inglês	Classificação	1º trimestre	2º Trimestre	3º Trimestre
		Nº de alunos	Nº de alunos	Nº de alunos
Trabalhos não realizados	1	4	2	2
Reflexão pouco coerente Ausência de reprodução dos conteúdos Nenhuma criatividade Ausência de atividades de pesquisa	3	1	0	0
Trabalho bem organizado indicando conhecimento medio Materiais organizados de acordo com as orientações	4	15	12	8
Trabalho bastante organizado demonstrando melhorias Apresentação de materiais de acordo com as sugestões e os conteúdos estudados Trabalhos de indicam que o aluno é capaz de expressar bem em Inglês	5	10	6	5
Apresentação muito criativa e organizada Diversidade de trabalhos que mostram interesse nos estudos e melhoria da aprendizagem Apresentação de todos os conteúdos estudados nas aulas	7	13	23	28

Gráfico nº 5



No primeiro trimestre quatro alunos não tinham feito o portfólio. Já no segundo e terceiro trimestre apenas 2 alunos não fizeram o portfólio: de acordo com os critérios da avaliação do portfólio, 13 alunos alcançaram a nota de 7 como cotação máxima, no segundo trimestre 23 alunos, e no terceiro trimestre o número aumentou para 28 alunos. A medida que os alunos iam recebendo o feedback iam consequentemente melhorando o trabalho. No segundo e terceiro trimestre nenhum aluno revelou o critério número 2 no seu trabalho, demonstrando assim um engajamento e entendimento do que seria desenvolver o seu portfólio escolar.

4.3.9. Percepção dos alunos sobre avaliação

No exercício da nossa profissão como docentes e mesmo como alunos, constatamos que o foco da avaliação está na aprovação e reprovação, estando estas duas decisões dependentes simplesmente de uma nota e não de uma aprendizagem efetiva, inteligível e consistente.

Tendo em conta que o presente estudo é sobre avaliação, mas concretamente a avaliação formativa achou-se ser interessante e oportuno saber o que os alunos pensam deste assunto no contexto escolar e de que forma eles encaram os momentos de avaliação. Neste sentido, durante a entrevista realizada em grupo focal, foi pedido aos alunos que falassem sobre a avaliação com o objetivo de saber qual a percepção que eles têm sobre esta

temática, para que ela serve e se eles têm a noção ou são informados de como são avaliados. Em todos os grupos como pode ser confirmado com o áudio e a transcrição da entrevista, percebe-se que os alunos ainda têm a percepção de que a avaliação é algo que tem a ver com números e classificação, com medição da aprendizagem, ou seja, realçando simplesmente a vertente sumativa, classificatória e de medida. As respostas apresentadas no excerto seguinte da entrevista em relação a este assunto vão ao encontro da perspectiva de Fernandes (2005), que afirma que a prática mais usual na avaliação da aprendizagem tem sido direcionada para a classificação. A palavra que traduz a avaliação, mais escutada na entrevista quando se fala da avaliação foi “nota”. Assim em resposta às questões: O que é que vos vem à mente quando vos falamos sobre a avaliação? O que é avaliação para vocês? Porque é que acham que são avaliados? Para que serve a avaliação? Obtivemos, entre outras as seguintes respostas:

“P: Quando temos falta de nota em qualquer disciplina e fizemos um teste sabemos que precisamos da nota fico com medo de não tirar a nota”

“A2G: Porque a avaliação ajuda muito nas notas e se tiver a faltar 1 ou 2, quanto mais se for no final do ano. Se tiveres uma boa avaliação, mas se não...”

“A3G2: Para ajudar nas notas dos alunos, mas nem todos os professores levam em consideração...levam a avaliação de todos os alunos em conta só as notas dos testes”

“P: E tu S o que me dizes”

“A4G4: Avaliação te sirvi p esda gente na nota” (A avaliação serve para nos ajudar na nota)

Entrevista de grupo - Junho 2019

Como podemos constatar, para os alunos, a nota significa números que ditam a sua transição ou retenção num ano letivo. As palavras de Zabalza, (2010, p. 2) confirmam o que na realidade continua a prevalecer em termos da avaliação nos contextos escolares afirmando que, basicamente a avaliação é considerado como um instrumento sancionador e qualificador em que o sujeito da avaliação é o aluno e somente o aluno, e o objeto da avaliação são as aprendizagens realizadas segundo certos objetivos mínimos para todos.” Esta afirmação do autor confirma-se nas palavras dos próprios alunos no excerto da entrevista que se segue. Para eles a avaliação serve para:

<i>"A1G1: Testar os nossos conhecimentos"</i>
<i>"A2G1: Saber se o aluno aprendeu a matéria"</i>
<i>"A3G1: Avalia tudo o k já no tem fzide na aula" (É tudo o que já temos feito na aula)</i>
<i>"A4G1: Processo que permite verificar se os alunos adquiriram conhecimento ou não ao longo do tempo"</i>
<i>"A5G1: Testar a capacidade dos alunos"</i>

Excerto de entrevista de grupo - junho 2019

<i>"AG2: Professores te faze avaliação porque es tambe e avaliode, p pode sabe tudo o que alunos já aprende, o que kes da" ("os professores fazem avaliação porque eles também são avaliados, para poder saber se os alunos já aprenderam o que eles ensinaram")</i>
<i>"AG3: saber se os professores estão a ensinar bem aos alunos, a explicar bem.."</i>
<i>"P sabe se bo aprende algum koza" ("Para saber se o aluno aprendeu alguma coisas")</i>
<i>"Para saber se esta capacitado na matéria no teste..."</i>
<i>"AG1: N t otxa k obrigatorio professor avalia um aluno porque pal pode sabe sel ta aprende ou não" (Eu acho que é obrigatório o professor avaliar um aluno para poder saber se ele está a aprender ou não")</i>

Entrevista de grupo aos alunos da turma - junho 2019

O que é que o professor faz com as respostas que advém da avaliação, ou seja, dos testes que ele faz aos seus alunos não se sabe. O certo é que, ele precisa saber se o aluno aprendeu para efetuar a classificação seja ela trimestral ou no final do ano, classificação esta que se confunde com avaliação, e que decide se o aluno transita ou fica retido. Esta perspectiva contradiz, portanto, a ideia contida nas palavras de (Gonçalves e Larchert, (2012, p.89), realçando que

"a avaliação deve ter um carater de investigação dos progressos e das dificuldades dos alunos para se efetivar um projeto de trabalho para o aluno, ou seja, ela deixa de ser um fim em si mesmo e se torna um meio de alcançar os objetivos propostos"

Relativamente à informação que o aluno deve possuir sobre a sua avaliação ou seja o que se espera dele, verificou-se que eles sabem que são avaliados pelos testes, pelo trabalho de casa, pelo comportamento nas aulas, pela assiduidade, pela participação nas aulas como se constata no excerto da entrevista que se segue:

<i>"P: Vocês sabem como são avaliados?"</i>
<i>"AG4: Pelo comportamento pela participação nas aulas"</i>
<i>"A: Os professores avaliam de forma diferente com comportamos, que vão ao quadro que participam mais que trabalha mais"</i>
<i>"AG2: Testes comportamento pela participação e assiduidade"</i>

“AG1: Cada professor avalia p aluno de uma forma. Uns pelo comportamento, outro por assiduidade, outros por participação nas aulas...que vão ao quadro”

“P: E tu M?”

“AG4: Se falas na sala, o comportamento, há professores que baixam a nota do aluno só por causa do comportamento”

“P: Queres dizer que o comportamento conta muito na avaliação na vossa avaliação.”

“AG3: Sim”

Excerto de entrevista com alunos da turma junho 2019

Perante a cultura da avaliação praticada nas escolas, com os critérios e elementos mencionados pelos alunos durante a entrevista, pode-se perguntar que relação existe entre a assiduidade, a participação e o comportamento na aprendizagem do aluno? O que é que estes elementos têm a ver com a avaliação da aprendizagem que se pretende? Na avaliação formativa o objetivo não é classificar o aluno pelo seu comportamento, mas sim fazer com que ele aprenda e seja um elemento importante na regulação da sua aprendizagem. Será que um aluno que chega atrasado as aulas, que se comporta mal nas aulas não aprende ou merece reprovar? Isto pode servir de matéria para outro estudo.

De nada adianta inovar no ensino e na avaliação se o aluno não recebe retorno por parte do professor. Por isso o professor pode e deve aproveitar o resultado da avaliação dos alunos como um momento oportuno para o fazer, dando informações que contribuem para o seu melhoramento e para o sucesso a nível da aprendizagem. Isto significa adaptar o ensino conforme o resultado da avaliação.

Praticar avaliação formativa no ensino, sem dúvida passa pelo uso do resultado de qualquer trabalho ou tarefa que foi proposto aos alunos e fazer um bom uso dele para que possa ter efeito na aprendizagem. É nestes momentos que importa promover a regulação da aprendizagem levando o aluno a refletir sobre o que tem de melhorar. O resultado dos testes e a forma como são encarados pelos intervenientes educativos, professor e aluno, pode constituir uma excelente oportunidade de pôr em prática a avaliação formativa dando ênfase à regulação.

Capítulo 5- Considerações finais

5.1. Conclusões

Pretendeu-se com este estudo contribuir de forma significativa na busca de novos caminhos para a avaliação dos alunos com foco na aprendizagem, procurando afastar das práticas dos métodos tradicionais de avaliação e demonstrando que a avaliação formativa é um parceiro forte e fundamental do ensino aprendizagem, quer para alunos, quer para professores. Os testes escritos podem ter um carácter formativo, bem como todo o trabalho desenvolvido pelo aluno dentro e fora da sala de aula. Estes mesmos testes constituem um instrumento de ensino aprendizagem e não devem ser usados como um mero instrumento classificatório e de julgamento. Se a avaliação formativa for desenvolvida e aplicada de forma rotineira as classificações dos alunos também beneficiarão, porque irão refletir a aprendizagem efetivamente realizada.

Neste estudo pretendemos consciencializar os alunos de forma a entenderem de que o momento da realização dos testes pode ser formativo, servindo para aprender, deixando de ser um momento de grande ansiedade e tensão e passando a ser sim, um momento de responsabilidade, envolvimento e aprendizagem. Pretendeu-se ainda demonstrar que é possível implementar práticas e estratégias da avaliação formativa no quotidiano da sala de aula, mesmo com todas as limitações e barreiras que são apontadas, nomeadamente, turmas numerosas e alunos desmotivados e demonstrar como estas estratégias de avaliação podem levar os alunos a uma tomada de consciência da sua própria aprendizagem, a estarem mais motivados e conseqüentemente serem capazes de acompanhar e decidir o seu próprio percurso no ensino e aprendizagem.

Nos dias de hoje existem vários estudos que demonstram que é possível encontrar instrumentos de avaliação diversificados e que podem de certa forma corresponder às características de cada um dos alunos, das competências a serem avaliadas e aos desafios que a educação da sociedade atual impõe. Este trabalho que aqui apresentamos corrobora esta posição, evidenciando que quer o teste em duas fases, quer o portefólio constituem instrumentos de avaliação muito válidos e formadores, contribuindo para o sucesso dos estudantes e para o seu envolvimento no processo de aprendizagem.

Apesar da existência de normativos e recomendações sobre a avaliação formativa vindos do Ministério Educação de Cabo Verde que recomenda a diversificação dos instrumentos da avaliação de forma a ter um carácter formativo, pretendendo fazer com que todos os alunos aprendam e avancem, verifica-se que simultaneamente a estes normativos,

emanam da mesma origem orientações sobre várias provas e exames com o intuito simplesmente de julgar os alunos e classificá-los. Ou seja, se por um lado existem estes normativos e legislações que propõem mudanças de paradigma em relação à avaliação, exaltando a avaliação formativa, por outro lado continuam existindo recursos de julgamento que são denominados de avaliações,adoras da aprendizagem dos alunos e que em nada contribuem para o tipo de avaliação e ensino aprendizagem que se pretende. O resultado do julgamento que é feito aos alunos, serve simplesmente para projetar imagens exteriores de caráter meramente quantitativo e nunca no sentido de fazer com que a avaliação tenha realmente uma perspectiva formadora e reguladora. Por esta razão Luckesi, 2001 p.21, diz que

“a pedagogia tradicional se fundamenta num olhar estático a respeito do educando e por isso sustenta bem a prática de exames na escola cuja função é de classificar o já dado, o já acontecido, mas não a prática da avaliação da aprendizagem (...).”

Com este estudo, pretendeu-se alargar e ampliar o conhecimento sobre a avaliação, no contexto de uma escola em Cabo Verde, com foco nas práticas de avaliação formativa; conhecer as potencialidades deste tipo de avaliação para a aprendizagem da língua inglesa e dos recursos utilizados; compreender o que os alunos pensam e como encaram a avaliação e os seus diferentes momentos; conhecer a reação dos alunos perante o uso de novos instrumentos e estratégias da avaliação formativa; conhecer as potencialidades e as limitações destes instrumentos alternativos de avaliação formativa; melhorar a aprendizagem e o desempenho dos alunos.

Para orientar o trabalho levou-se em consideração três questões de investigação, análise dos dados recolhidos no decorrer do estudo e reflexões decorrentes da análise realizada, no sentido de encontrar respostas sobre a problemática da avaliação com foco na avaliação formativa e os seus instrumentos alternativos.

Existem evidências de que estas práticas da avaliação formativa, quando passam a fazer parte da rotina do professor e dos alunos melhoram as práticas do professor consequentemente a aprendizagem e o desempenho do aluno que começa a perceber que o professor não é um juiz, mas sim alguém está interessado em ajudá-lo a ultrapassar as suas dificuldades a nível da aprendizagem e ver o seu progresso. Esta perspectiva demonstra de que a avaliação deixa de estar voltada apenas para a classificação dos alunos como nos demonstra a perspectiva dos alunos sobre a avaliação no decorrer da análise das

entrevistas. Nas entrevistas de grupo todos os alunos disseram que normalmente sentem nervosos e ansiosos nos momentos de avaliação influenciando de certa forma os seus desempenhos nas provas escritas. Este estudo nos mostra que as práticas da avaliação formativa levadas a cabo, melhoram o aproveitamento e a aprendizagem dos alunos. Estes conseguem bons resultados só pelo facto de saberem que, mesmo que não saibam muito sobre um determinado conteúdo ou se o esqueceram, não precisam ficar nervosos no momento da prova, pois têm uma oportunidade de estudar, corrigir e aprender. Pinto e Santos (2006), dizem-nos que os instrumentos de avaliação alternativos, podem ser geradores de novas práticas e neste sentido a avaliação formativa adquire toda a sua pertinência, pois ela pode contribuir de forma significativa para *“ajudar os alunos a ultrapassarem as suas dificuldades”* (p.9).

Neste estudo, com a prática da avaliação formativa a professora/investigadora apresentou aos alunos novos instrumentos e novas formas de melhorar a aprendizagem, ou seja, alternativas viáveis que contrapõem as formas tradicionais de ensinar aprender e avaliar como evidenciam os resultados através da análise das entrevistas e da opinião escrita pelos alunos. Este estudo sobre a avaliação com foco principal na avaliação formativa, veio sustentar a perspectiva de Fernandes (2005) apontado este tipo de avaliação como algo que *“permite que o ambiente de avaliação das salas de aula induz uma cultura positiva de sucesso baseado no princípio de que todos os alunos podem aprender”* (p.68).

De acordo com o que foi observado e registado, foi notório o desaparecimento de tensões e nervosismo durante os testes escrito devido às estratégias de avaliação formativa adotadas na turma em questão durante o ano letivo em que decorreu este estudo. Existem ainda evidencias de mudanças de atitude perante o estudo, na motivação, bem como mudanças graduais positivas na aprendizagem designadamente na apreensão dos conteúdos ensinados, a nível da escrita na língua inglesa. Isto deveu-se principalmente a exercitação tanto com a escrita e reflexão no portefólio como também na segunda fase dos testes. A exercitação é considerada um passo muito importante no processo de aprendizagem principalmente tratando-se de uma língua estrangeira e, portanto, *“não há como tomar posse de um conhecimento sem exercitação”* (Luckesi, 2011: p.21).

Este estudo veio provar que, tanto o teste em duas fases como o portefólio, além de ajudar na proximidade entre professor/alunos estimularam o gosto e interesse pela disciplina de língua Inglesa, os alunos ficaram mais competentes a nível da escrita, uma vez que nos testes, por exemplo, sempre deixaram a parte de composição escrita e interpretação para

a segunda fase e ao praticarem em casa para fazê-los ganharem competências significativas. Isto prova que a forma como a avaliação foi feita representou “*um momento de aprendizagem*” sustentada por Pinto e Santos (2006),

Estes mesmos instrumentos por sua vez viram colmatar a falta de estudo regular, o hábito de escrever numa língua estrangeira bem como na organização dos seus apontamentos escolares permitindo aos alunos a estarem “em dia” ao invés de estudar só na véspera dos testes escritos, instrumentos de avaliação considerado prioritário no sistema educativo,

“Talvez porque os testes estão muito enraizados na cultura ou porque pensam que são a melhor forma de avaliação, (...) há muitos professores que recorrem quase exclusivamente aos testes e muitos alunos que só estudam na véspera da sua realização” (Monteiro e Pais, 2010, p. 52).

Este estudo nos permite realçar evidências de que realização da segunda fase dos testes, trouxe também mudanças na forma de encerrar o erro que por si só já é um avanço positivo na aprendizagem, uma vez que permite ao aluno voltar a refletir sobre as questões e conteúdos dos testes fazendo até certo ponto uma regulação das suas aprendizagens, incentivando a autonomia. É neste sentido que Perrenoud, (citado por Grego, s.d., p. 180), afirma que “*toda a avaliação formativa parte de uma aposta muito otimista, a de que o aluno quer aprender e tem vontade que o ajudem.*”

A melhoria da aprendizagem dos alunos, evidenciados neste estudo, não se deu apenas pelo uso dos instrumentos alternativos da avaliação formativa em si, mas sim pelo trabalho pedagógico feito com a turma, uma vez que é necessário acompanhar a par e passo todo o processo do ensino e aprendizagem. Em Cabo Verde o Boletim Oficial (B.O), I serie de 31 de dezembro de 2015 artigo 5º, deixa claro que,

“a avaliação formativa é um processo contínuo e sistemático de recolha de informações através de instrumentos diversos. Esta avaliação centrada no aluno, pretende fazer uma avaliação individual do aluno ou de grupos de alunos facultando-lhes informações pertinentes para que possam ultrapassar as suas dificuldades e desenhar o seu percurso de sucesso.”

Neste sentido a melhoria da aprendizagem dos alunos deve-se também ao facto de que, quer durante os testes escritos e a realização do portefólio, quer durante as aulas, a investigadora esteve atenta às dificuldades dos alunos adotando sempre que necessário estratégias pedagógicas de regulação, algo que fez parte da rotina diária deste estudo. Com efeito,

“a avaliação assume na sociedade contemporânea um papel de destaque no campo pedagógico pois, para além de fornecer dados relevantes sobre o desempenho escolar dos alunos, pode dar-nos igualmente informações essenciais para ajudar o aluno a aprender melhor e, portanto, construir uma escola de qualidade” (Pinto e Santos, 2006. pág.7).

Ambos os instrumentos foram bem aceites por parte dos alunos. Entretanto o teste em duas fases foi o que mais despertou euforia nos alunos da turma em questão, precisamente devido à relevância dos testes sumativos e o seu peso no ato avaliativo imposto pelo próprio sistema educativo. Para os alunos fazer o mesmo teste duas vezes, ter oportunidade de corrigir os seus erros era algo impensável. Muitos deles disseram na entrevista que se não fosse o teste em duas fases a nota seria negativa e nunca teriam tido uma nota alta. Por esta e outras razões eles manifestaram o desejo de continuar a fazer teste escrito desta forma.

No que se refere ao portefólio, Woodward, 2000, citado por Amante (2011), nos diz que

“os estudos sobre a utilização dos portefólios convencionais, ou seja, em papel, são regra geral, unânimes em considerar que estes apresentam um grande potencial constituindo-se simultaneamente como oportunidades de aprendizagem e instrumentos de avaliação” (pag.227).

Da mesma forma o presente estudo indica que tanto o portefólio como o teste em duas fases, instrumentos alternativos da avaliação formativa adotadas nas aulas de língua Inglesa no decorrer desta investigação, desenvolveram competências expressas no currículo da língua inglesa tais como: o conhecimento da estrutura da língua bem como a escrita da mesma. Na análise das entrevistas os alunos evidenciaram que o uso do teste em duas fases por si só ajudou a desenvolver competências na escrita e na interpretação quando preparam esse tipo de atividade para desenvolver na segunda fase. Da análise da fala dos alunos na entrevista sobre estes instrumentos de avaliação formativa, destaca-se que permitem corrigir os erros e com eles aprender mais e estudar com mais frequência.

Ainda sobre o desenvolvimento da aprendizagem da língua Inglesa, proporcionado por estes instrumentos e tudo o que foi feito na sala de aula com a turma em questão durante o ano letivo em que este estudo decorreu, existem evidências de que o feedback recebido no decurso da utilização destes instrumentos foi da maior importância. Na segunda fase do teste quando deixam, principalmente as composições ou questões sobre temas transversais para preparar/praticar em casa para posteriormente fazer a prova, verificou-se que os feedbacks dados contribuíram para o desenvolvimento de várias competências

na disciplina de língua inglesa. Esta evidência presente neste estudo veio provar a afirmação de Santos et al. (2012, p.5), de que:

“O ensino de uma língua estrangeira tem uma função educativa que extrapola os aspectos linguísticos e adquire relevância na formação global do aprendente (...). visa não só o formar para o desenvolvimento da competência comunicativa, mas também capacitar o aluno a utilizar a língua para ampliar os seus conhecimentos e para a sua inserção no mundo real, e sensibilizá-lo a perceber o outro e a refletir sobre as características da sua própria realidade e a de outros povos.”

No que diz respeito ao portfólio, o seu grande potencial para o processo de ensino aprendizagem é de poder ser usado como instrumento de avaliação e de aprendizagem em qualquer disciplina, ajudando o aluno de forma gradual a desenvolver o raciocínio, a escrita e a ortografia, quando prepara o seu material de estudo. No caso específico da disciplina de língua inglesa este instrumento não potencializou por exemplo a oralidade principalmente a pronúncia, constituindo esse aspecto uma limitação deste instrumento. Contudo, os alunos que levam o portfólio “a sério” melhoram o seu nível da aprendizagem em qualquer disciplina. Sabe-se que por vezes os professores passam tarefas como trabalhos de casa e nem sempre conseguem corrigir todos os trabalhos de cada um dos alunos, nomeadamente tratando-se de turmas numerosas. Com o portfólio como instrumento de aprendizagem, os alunos acompanham a correção nas aulas refazem o seu trabalho e colocam corretamente de forma a fazer parte do seu material escolar.

Neste sentido a avaliação feita neste estudo cumpriu o seu papel de favorecer a regulação por parte do aluno. Com efeito vários alunos afirmaram que as práticas adotadas lhes proporcionaram o entendimento nomeadamente dos seus erros e ficaram mais competentes a nível da escrita e conseqüentemente do vocabulário. No que se refere aos resultados obtidos quer a nível qualitativo (aprendizagem) quer a nível quantitativo (notas) pudemos constatar que houve melhorias e que muitos alunos ultrapassaram dificuldades, melhorando a sua aprendizagem e conseqüentemente as suas notas, tendo sido igualmente visível o aumento de interesse pela disciplina e um maior nível de confiança nas suas capacidades.

Quanto à noção que os alunos possuem sobre a avaliação convencional, de acordo com as entrevistas, nota-se que para muito deles e, estamos em crer mesmo para muitos professores (ainda que não tenhamos trabalhado as percepções deste grupo, conhecemos

as suas práticas) as novas perspetivas sobre a avaliação das aprendizagens ainda são desconhecidas. Para os alunos, falar de avaliação, é sinónimo de “nota” e “números”, o aluno que não tem a nota definida pelo currículo e pelo sistema de avaliação, não transita e conseqüentemente “fica para trás.” A nota é a maior preocupação do aluno, dos professores e do próprio sistema educativo, o que sustenta a afirmação de Pinto e Santos (2006), de que *“o facto de as práticas avaliativas estarem ainda muito centradas numa lógica sumativa, leva a uma visão redutora da avaliação,”* havendo pouco espaço para a avaliação formativa.

A perceção de que os testes ou qualquer outro trabalho pedido pelos professores, pode constituir momentos e oportunidades que impulsionam e favorecem as suas aprendizagens, não existe, ou, pelo menos não existia até terem participado nesta investigação.

Deduz-se que, com turmas numerosas o professor não consegue fazer um trabalho pedagógico eficaz, no sentido de responder às dificuldades de todos e ajudar os alunos a aprenderem mais e melhor. O estudo demonstrou que, apropriando-se do uso do teste em duas fases e outros instrumentos alternativos e estratégias da avaliação formativa como aliados da aprendizagem e do ensino, é possível criar situações e momentos de aprendizagem eficazes, visto que o próprio aluno tendo oportunidade de regular a sua própria aprendizagem, como foi o caso da segunda fase do teste escrito, consegue identificar e até mesmo corrigir o seu próprio erro e reforçar o que ele não conseguiu aprender durante a aula. Ou seja, como já se fez referência, estes instrumentos incentivaram a autonomia do aluno e coresponsabilizam-no pelo seu próprio processo de aprendizagem.

5.2. Recomendações

A Avaliação precisa ser desligada de uma pedagogia de certa forma ultrapassada, adotando assim um paradigma qualitativo com estratégias e instrumentos que auxiliam o aluno na sua aprendizagem e desta forma romper com os padrões existentes impostos pelo próprio sistema educativo, em que se valoriza o quantitativo e não o qualitativo. A mudança na avaliação passa por mudar a sua conceção e conseqüentemente as práticas

do cotidiano da sala de aula. Este trabalho centra-se na aplicação de novos recursos e novas estratégias de avaliação formativa, tentando implementar uma nova cultura de avaliação no ensino, baseada na perspectiva de avaliar para aprender centrado na motivação, na diversidade e numa postura positiva em relação à aprendizagem e à avaliação. Parte do princípio de que todos os alunos conseguem e têm vontade de aprender quando o professor tem também vontade de ensinar e testar estratégias e instrumento que melhor auxiliem o aluno no seu percurso de aprendizagem. Nesta perspectiva, o presente estudo pode perfeitamente ser alargado a outras áreas disciplinares, pois em todas elas importa mudar as práticas avaliativas que continuam muito presas à sua função de classificação e não à sua função formadora, como se deseja.

Importa contribuir para que o aluno saia do ensino secundário capacitado para enfrentar os desafios impostas pela sociedade atual. Esses conhecimentos adquiridos na escola precisam ser sólidos e precisam de promover nos alunos a sua capacidade de se autoavaliarem e regularem a sua aprendizagem, ou seja aprender a aprender.

Relativamente ao teste em duas fases recomenda-se um trabalho de sensibilização e consciencialização com os alunos antes de implementá-lo, no sentido de fazer os alunos perceberem os benefícios para a sua aprendizagem a longo prazo, visto que este estudo demonstrou que para os alunos menos motivados há sempre a tentação de deixar de se esforçar quando acham que têm uma nota quantitativa suficiente para transitar.

Em termos metodológicos, sabe-se que há um longo caminho a percorrer no sentido de conciliar a avaliação e a aprendizagem dos alunos. Houve manifestação de curiosidade e interesse por parte de alguns professores em relação a este trabalho e houve até quem tentasse aplicar, mesmo que à sua maneira, o teste em duas fases. Assim, pensamos que este estudo também contribuiu para motivar outros professores a envolverem-se numa investigação-ação no sentido de refletir e inovar as suas práticas avaliativas direcionadas para uma cultura de avaliação para aprendizagem.

Propõe-se ainda a realização de workshops bem como momentos de partilha e discussões sobre a avaliação formativa e os seus instrumentos alternativos direcionados a uma nova cultura de avaliação e mudança de paradigma neste campo. Os encontros de coordenação disciplinar deveriam ser aproveitados para organizar e testar a aplicação destes instrumentos e posteriormente programar também encontros de partilha e reflexão.

Referencias bibliográficas

Amante, L. (2011). A Avaliação das aprendizagens em contexto on-line: o e-portefólio como instrumento alternativo. In Paulo Dias & António Osório (orgs.) Aprendizagem (in)formal na web social. Centro de competência da Universidade do Minho. Braga.2011.

Disponível em http://www.academia.edu/6931695/A_Avalia%C3%A7%C3%A3o_das_Aprendizagens_em_Contexto_Online_O_e-portef%C3%B3lio_como_instrumento_alternativo em 10.10.2018

Bardin, L. (1995). Análise de conteúdo, Lisboa: Edições 70.

Boletim oficial de Cabo verde (dezembro de 2015) Aprova o novo Sistema Nacional da Avaliação das Aprendizagens dos Ensinos Básicos e Secundário, decreto-Lei nº72/2015 disponível em

<https://www.google.com/search?q=avalia%C3%A7%C3%A3o+formativa+em+cabo+verde&ie=utf-8&oe=utf-8&client=firefox-b>

Boletim Oficial de Cabo verde (dezembro de 2015) Disponível em <https://www.slideshare.net/SlviaSousa2/novo-sistema-de-avaliacao-das-aprendizagens-dos-ensino-bsico-e-secundario>

Canan, V. Paiva S. (2016) Avaliação da Língua Inglês na sala de aula: uma construção coletiva. URFN-Linguística, Literatura e Arte. Edufrn.

Disponível em <https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/123456789/21451>

Carmo, C Ferreira M. (2015). Metodologia de Investigação: Guia para Autoaprendizagem; 2ª edição: Universidade aberta, Portugal

Estanqueiro, A. (2010). Boas Práticas da Educação: O Papel do Professor, Presença, Lisboa

Duboc, A. (2007) A Questão da Avaliação da Aprendizagem da Língua Inglesa Segundo as teorias de Letramentos. USP. Universidade de São Paulo. Brasil. Programa do Curso d Pós-Graduação de Estudos Linguísticos e Literários em Inglês.

Disponível em [http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/Ingles/duboc\(1\).pdf](http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/Ingles/duboc(1).pdf)

Fernandes, D. (2008). Avaliação das Aprendizagens. Desafios às Teorias, Práticas e Políticas. Lisboa: Texto Editores

Fernandes, D. (2006) "Para uma Teoria da Avaliação formativa. Revista Portuguesa de Educação, 19 (2), 21-50. Disponível em: <http://repositorio.ul.pt/handle>

Grego, D. M., S. (s.d) A Avaliação Formativa: Resignificando Conceções e processos. Disponível em https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/65810/1/u1_d29_v3_t05.pdf

Mayring, Philipp (2000). Qualitative Content Analysis [28 paragraphs]. Forum Qualitative Sozialforschung / Forum: Qualitative Social Research, 1(2), Art. 20, <http://nbnresolving.de/urn:nbn:de:0114-fqs0002204>.

Programa da disciplina de Língua Inglesa - <https://mail.google.com/mail/u/0/#inbox/164b981ae5239ab9?projector=1&messagePartId=0.1>

Pais, A. Monteiro, M. (2002). Avaliação uma Prática Diária. Presença, Lisboa

Pinto, J.; Santos, L. (2006) Modelos de Avaliação das Aprendizagens. Lisboa: Universidade Aberta.

Pinto, J. (2016) - A Avaliação em Educação: da linearidade dos usos à complexidade das práticas. In L. Amante & I.O.Liveira (Coord.) Avaliação das Aprendizagens: Perspetivas, contextos e práticas. Lisboa: LE@D- Universidade Aberta (3-40).

Santos, L. (2008) "Dilemas e Desafios da Avaliação Reguladora". Projecto Área. Disponível em: <http://repositorio.ul.pt/handle/10451/5286>

Luckesi, C. (2011), Avaliação das Aprendizagens: Componente do Ato Pedagógico, São Paulo, Cortez.

Monteiro, M. (2010) O Teste em duas Fases e o Relatório Escrito na Avaliação das Aprendizagens em Ciências Naturais: 3º Ciclo de Ensino. USP. Universidade de São Paulo-Brasil. Faculdade de Filosofias, Letras e Ciências Humanas. Departamento de Letras Modernas. Programa do Curso Pós-Graduação de Estudos Linguísticos e Literários em Inglês. Disponível em

<https://repositorioaberto.uab.pt/handle/10400.2/1713>

Martinez, L. (2005). A Avaliação Formativa: Auto-avaliação do aluno e auto-avaliação do professor. Revista: Ciência e Educação Vol. 11

Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ciedu/v11n1/11.pdf>

Pereira, M. (2013). A Avaliação Formativa e desenvolvimento da Literacia Geográfica com recurso às tecnologias no processo de aprendizagem: Um Estudo numa Turma do 7º ano de escolaridade. Laboratório de Educação a Distância e eLearning. (LE@d). Universidade Aberta-LE@d. EbookLead

Disponível em https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/6114/1/ebookLEaD_3%20%282%29.pdf

Tuckman, B., (2000). Manual de Investigação em Educação, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian

Zabala, A. (1998). A Prática educativa: Como Ensinar. Porto Alegre: Artemed

Anexos

1. Guião de entrevista

Guião de entrevista

Blocos	Objetivos	Questões orientadoras	Outras questões no momento da entrevista
I Legitimação da entrevista	<ul style="list-style-type: none"> ✚ Agradecer a disponibilidade explicar os objetivos e todo o procedimento da entrevista ✚ Explicar o problema da investigação em questão ✚ Assegurar a confidencialidade e dizer que não vai influenciar em nada a sua avaliação ✚ Falar da importância dos entrevistados para a investigação ou seja coloca-los em situação de colaboradores ✚ Perguntar se tem alguma pergunta ou alguma dúvida ✚ Pedir autorização para gravar a entrevista 	✚	✚
II Percepção da avaliação e experiências vividas	<ul style="list-style-type: none"> ✚ Obter dados sobre a percepção dos alunos relativamente a avaliação, a sua utilidade e experiências vivenciadas ✚ Saber se os alunos tem a percepção de que a avaliação não serve simplesmente para lhes atribuir uma nota. 	<ul style="list-style-type: none"> ✚ O que te vem a mente quando te falam em avaliação ✚ Para que serve a avaliação/porque é que os alunos são avaliados ✚ Como são avaliados ✚ Como é que se sentem antes e depois de serem avaliados ✚ principalmente dos testes escritos ✚ Qual é o o feedback que o professor vos dá, em relação a vossa avaliação, ✚ o que ele faz com o resultado da vossa avaliação. ✚ E quando erram muito nas provas? O que é que o professor faz com os vossos erros 	✚
III O portefólio	<ul style="list-style-type: none"> ✚ Obter dos alunos dados sobre o protótipo a percepção, utilidade e experiência vivida na sua elaboração 	<ul style="list-style-type: none"> ✚ O que é portefólio para ti ✚ Já tinhas feito ✚ Conta-me como foi fazê-lo, o que sentiste. ✚ Fala-me do feedback recebido durante os trimestres ✚ Contribui para a tua aprendizagem? Como? 	✚
IV Avaliação formativa: pertinência, instrumentos e estratégias	<ul style="list-style-type: none"> ✚ Perceber a perspetiva do aluno sobre os procedimentos da avaliação formativa na sala de aula. ✚ Obter a opinião dos alunos acerca das suas experiências relativamente ao teste em duas fases 	<ul style="list-style-type: none"> ✚ Já tinhas feito testes nesta modalidade ✚ Qual a tua opinião sobre ela ✚ O que te veio em mente quando vos apresentei essa forma de fazer teste ✚ Fala-me da primeira e da segunda fase dos testes durante estes e trimestres ✚ Como te preparavas para a primeira fase? E a segunda fase ✚ Quais foram as tuas dificuldades e em qual delas 	✚

<p>IV Avaliação formativa: pertinência, instrumentos e estratégias</p>	<ul style="list-style-type: none"> ✚ Perceber a perspetiva do aluno sobre os procedimentos da avaliação formativa na sala de aula. ✚ Obter a opinião dos alunos acerca das suas experiências relativamente ao teste em duas fases ✚ Conhecer as mudanças que a avaliação formativa teve/tem na aprendizagem do aluno 	<ul style="list-style-type: none"> ✚ Já tinhas feito testes nesta modalidade ✚ Qual a tua opinião sobre ela ✚ O que te veio em mente quando vos apresentei essa forma de fazer teste ✚ Fala-me da primeira e da segunda fase dos testes durante estes e trimestres ✚ Como te preparavas para a primeira fase? E a segunda fase ✚ Quais foram as tuas dificuldades e em qual delas ✚ O que esta modalidade de avaliação trouxe para a tua aprendizagem ✚ A forma com faço as nossas aulas e as avaliações contribui de alguma forma para a tua aprendizagem? Dê exemplos, como? ✚ O que foi mais e menos útil para ti. ✚ O que podíamos ter feito melhor 	<ul style="list-style-type: none"> ✚
<p>V Questão final</p>	<ul style="list-style-type: none"> ✚ Perguntar ao entrevistado se tem a perguntar ou acrescentar 	<ul style="list-style-type: none"> ✚ 	<ul style="list-style-type: none"> ✚
<p>VI Agradecer pela colaboração</p>	<ul style="list-style-type: none"> ✚ Agradecer os entrevistadores pela colaboração ✚ Informar da transcrição da entrevista para validação 	<ul style="list-style-type: none"> ✚ 	<ul style="list-style-type: none"> ✚

2. Transcrição das entrevistas

Grupo 1

Quando a

Testar os nossos conhecimentos

Saber se o aluno aprendeu a matéria

Avalia tudo o que já não fez na aula

Testar os nossos conhecimentos

Processo que permite verificar se o aluno adquiriu conhecimento ou não ao longo do tempo

Para que serve a avaliação

Testar a capacidade dos alunos

Saber se os professores estão a ensinar bem os alunos, a explicar

Os professores te fazem avaliação porque eles também avaliam, podem saber tudo o que o aluno já aprendeu, o que eles sabem

Porque acham que são avaliados?

Porque que o professor tem que me avaliar? Já pensaram nisso

Pode saber se aprendeu alguma coisa

Para saber se está capacitado na matéria no teste...

Não é obrigatório professor avaliar um aluno porque ele pode saber se aprendeu ou não

Para saber também se o professor tem que melhorar em algum aspecto para o aluno aprender mais

E também se o professor não avaliar o aluno não saberá se está a desenvolver ou não

Testa nos conhecimentos

Se um aluno que fala com a professora, o professor tem que fazer uma avaliação a parte porque ele sabe se tu aprendes ou não

Prof. Keto como?

K te fala nada na aula...k te participa na aula...

Prof: Vocês tem a noção de como são avaliados? Vocês sabem como são avaliados?

Como eu disse vocês tem que se sentir a vontade para falar poque como eu disse quando eu reajo a resposta do aluno eu influencio a sua resposta e quando não manifesto eu influencio. Falem a vontade

Atraves de nota que no tem no teste e no comportamento. voces

Participação na aula e conforme o desempenho em relação a materia

O trabalho de casa. Dever de casa

Mas vocês sabem como e que o professor vos avalia. Como?

Mais ou menos

Nota dos testes e OEA

Comportamento

Hora kbo te txga na sala

Acho que sim

Nota dos testes e OEA

Nota de teste, comportamento, TPC...

Prof: mas os professores vos dizem? Quem e que vos disse que são estes o critérios? Quem vos informa acerca disso?

As vezes tem professor kte indica gente que e kel la e mesmo um aluno já tem noção k

E desde pikinoti no sta ta prendi ke kel la ke avaliação

Prof. Kel la o k?

Faze tpc, comportamento, kes koza la...

Prof. Entao é uma coisa que vem desde de pequeno

Desde de primaria

O professores dizem que ~e assim e os pais também

Prof: Mas os pais sabem como são avaliados?

Os pais podem até não saber. Mas nos aconselham a comportar nas aulas a respeitar os professores ..isto também faz parte

Entao a avaliação é uma coisa que vocês tem a noção desde pequeno que entraste para a escola. Mas foi o professor que te disse ou veio a tua cabeça?

Os professores te fla

As veses nem so os professores mas também os pais dao ajuda

Os pais dao ajuda como

Prof: Isto quer dizer que vocês estao conscientes de como são avaliados. Porque o Edu disse que desde pequeno como é avaliado.

Siiimmm

E vocês também sabem desde pequenos como são avaliados? Desde quando

Desde da primaria desde da quinta classe

Prof: Então a avaliação continua igual desde que estudam a primeira classe ate chagarem aqui?

Naoooo

Mim nke tinha noção de como mim era avaliade

De 5º classe para la

Tinham professores que tinha uma certa paciência ate a 4º classe a avaliação e diferente

Ou seja, A nota que o professor vos da vem de onde? Vocês sabem de onde e que vem

Dos testes professora

A maioria da nota vem dos testes

Os testes são mais importantes

Nem sempre professora porque as vezes tem kes k ne teste es te tem nota boxe mas te das comportamento nota te sbi

Mas raramente

Mas também se aluno tem nota boxe es te comportamento bom professor te dal nota

Acho k depende da classe que estamos. Porque quando eu estava no 8º e 7º se eu tinha 15 nos teste e comportava muito bem a minha tora subia

E ka moda 10º

Tema: Sentimento dos alunos antes da avaliação/testes

Já vi que vocês tem a noção de como sao avaliados, como e que vocês sentem antes e depois de serem avaliados principalmente dos testes

Tem teste kem ke te estuda nke te pode. Principalmente física. Mas ne momento de teste te bem kes ansiedade. Sera ke te tma boa nota

Eu sinto tudo **normal**

Nte senti **confiante**

N pode senti un **ansiedade**

Se for um disciplina que preciso de nota sinto uma **pressão**

Ora kem te estuda nte senti **normal** mas na hora de teste

E tu Yasmine, como sentes antes

Te depende de teste, tem teste k sem k estuda nte fka **nervosa** e nte **eskse** tudo enquanto

E tu fufucha

Nte senti **normal**. Mada a ver

Porque sentes **normal**?

Confiscs

O que te da esta confiança?

Se studa ou nke studa nta xinti **normal**

Porque:

Porque eu normalmente não estud

Quando o professor te da o resultado

Eu apanho a matéria so nas aulas

Eu não estudo

Antes de tomar o teste é um suspense

E tu leilany?

Depende da nota que eu tirei

Ficamos com medo por causa da nota baixa. Se eu tomar negativa fico xatiada

O feedback na avaliação da aprendizagem

Procedimento depois da avaliação

Quando tomas nota baixa ficas Chateada. E qual e o feedback o retorno que o professor te da em relação a nota baixa vossa avaliação. Feedback e o retorno.

Não foi desta vez

Nada e ska ta fla

E ska ta fala gente nada

Uma vez eu tomei um teste a professora me disse ki nten capacidade e ke mim ki ta da pa dodo

Professora: Sim. Eu já ouvi isso de ti. A desperdiçar esta inteligência

Tem professor que as vezes sentem o prazer de teres nota baixa

E devra

Professora. O que te faz pensar isso?

Porque tem professor ki k te motivobe tra nota olte

Tem uns prof que te parse k e ska tem formação, soe s bem da aula. Te trata nos moda nos es grande

K te incentiva...

Tem professor ki te dez já nos es grande es te da gente ficha pe gente bai desenrasca

Prof te so da gente fotocopia se bo tra nota bo tra...

Atitude do professor perante o erro/ o uso do erro

Prof: Imagina que numa disciplina a maioria dos alunos tiveram uma nota ma. O que o professor faz com o resultado?

El ta fka te comenta ke nos ki ka ta empenha...e resultado dnos brincadera

Ficam a comentar

E ska ta faze nada pa muda

A reclamar

Nem tudo professor. Tem uns k se maioria tma negativa el te faze algum koza p aluno sbi nota

Te uns ki ke te faze nada

Konde maioria de turma te tma nota boxe culpa k e so de aluno pode ser k professor k te explica dretu

Ora knos e txeu no ke te pode percebe mute drete

As vez nke te mute comporta e el te influencia n avaliação

Aluno também tem culpa. Porque ne um turma sempre tem kes aluno ki te tra nota boxe

Aluno tb tem culpa. E falta de atenção, não fazer TPC influencia a aprendizagem

Prof: Nota baixa significa que eram muito. O que o professor faz com os vossos erros?

As vezes os professores fazem a correção explicando de novo a matéria para tentar no máximo que a turma as vezes professor te tra tempo notes aula p explica aluno pa isda aluno aprofunda p pode intende

O portefólio e a sua execução

O portefólio foi uma proposta de avaliação que lancei na vossa sala que faz parte do estudo e penso que deve ter vos servido de alguma coisa

Quando vos falo de portefólio o que vos vem a cabeça?

Um capa onde vamos por tos os indtrumentos que aprendemos durante o trimestre e que serve na avaliação de nota

E um tipo de avaliação p sabe se aluno teve um bom ano ou se passou so na brincadeira

Já tinham feito alguma vez.

Não

Já fizeram? Sim

Cont. Grupo 1

Em desenho? Conta-me como foi o portefólio de desenho. Pra que que ela disse que servia. Falou da importância?

Juntava a nota dos trabalho e as notas do teste e nos dava a nota

Como foi fazer o portefólio?

Foi cool pq as vezes se bo ka tem nota el te esdobe sbi bo nota el pode esdobe na nota. Através do portefólio o professor pode ver o teu desempenho kel te faze algum koza-

Mas falem-me e que foi fazer o portefólio que eu vos propus? As dificuldades...

Eu não fiz

Te isdobe sbi nota

Sob tiver nota boxe el pode isdobe

As vezes e difícil. Ora kbo ba entregal se bo comparl

E tu como foi yasmine?

No primeiro trimestre foi difícil mas depois ficou fácil porque era quando me explicaram

A B já tem portefólio, Entao B conta-me como foi?

B. para mim foi fácil me ajudou bastante a desenvolver um pouco pois não gosto muito de falar na turma escrever porque tenho medo de tentar mas me ajudou bastante agora tou mais confiante tou a aprender mas em Ingles e a desenvolver cada vez mais

Prof. Te ajudou a desenvolver como? Fala-me desta ajuda que o portefólio te deu?

B Isdam assim; ora kem ti te faze kel traboi em ingles antes ntava dez nke ta pode nke ta intende, nke meste nem tenta porque ingles ka e nhe ponto forte. Mas grinhesim e diferente, mesmo el k sendo nhe ponte forte nte esforsa nte tenta prende mais e algum dia pode fala ingles mas corretamente

Vcs receberam o feedback. O retorno que o professor diz sobre vocês como estão o que precisam... Gostaria de falar do feedback que receberam no portfólio

Quem se lembra dos feedbacks que recebeu, Quem leu?

No terceiro trimestre vou responder. A prof disse que ficou muito bom e que o portfólio não é só colocar materiais...

Mas quem recebeu? A Liliana recebeu também?

Prof nke te nem te lembra. Mas nke responde

Como vcs sentem quando o prof vos dá feedback?

Acham que o portfólio contribui/contribuiu de alguma/certa forma para o desenvolvimento da vossa aprendizagem em Inglês?

Sim

Como?

Porque quando estamos a fazer o port a escrever para o portfólio fico a relembrar a matéria, fico mais bom em termos de aprendizagem

E tu L? Achas que ajudou em alguma coisa?

Nte otxa ksi

O teste em 2 fases

Agora falado dos testes? O que vos veio a cabeça quando eu falei dos testes em 2 fases?

No fka sabe porque nunca no tinha feito teste em 2 fases- Ora kbo te tma nota boxe

Se bo tiver nota boxe bo tem oportunidade de sbil n segunda fase

Ate quando n txga na kaza n dze nha pai assim. Es dez; Teste em 2 fase`como assim. Nton n dzes. Bo te fazel kel teste dpos professor te dobe el bo te ba corrije kes kbo tem errode e estuda p fazel drete

Entao o teu Ec ta informado disso

Qual a tua opinião sobre o teste em 2 fases independentemente de correr bem ou mal

Nte otxa ke inda bsote ti te espia sel te concretiza. Nota pode sbi ou não por causa de desempenho d cada um

O que impede de subir a nota e porque?

Se esta com problemas na aprendizagem

Quando deixa todas as perguntas para a segunda fase

As vezes o aluno pode ser bom aluno e o aluno não consegue estudar, por causa de problemas em familia a turma perturba porque o aluno não suporta barulho e complica a aprendizagem

E achas k o teste m 2 fases vai ajudas nesta situações

Sim porque o aluno ao ver o test na primeira fase faz alguns vai pra casa pensar nos outros e vem fazer

Sim o aluno leva pra casa e vai estudar e fazer

E tu yamin, fala.me do teste em 2 fases. Todods os alunos tem algo a dizer

Acho que foi a melhor coisa que a senhora nos fez porque antes nke ta intende Ingles mute drete e se fosse um fase so ntava fka tude ne negativa. No ultimo teste no 2 trimestre eu disse que eu não estava conseguindo estudar e mesmo nas duas fases tomei negativa e não entendi a matéria

E tu o que achas Elisa. Ajuda não ajuda atrapalha..

Ajuda.

Como? Em que sentido

Na primeira fase tira uma nota baixa deixa um x para tras e esforca para vir fazer

Falem da primeira e da segunda fase. Qual é mais difícil? A primeira ou a segunda?

A primeira.

Porque?

Porque não temos conhecimento do teste, já na segunda fase já sabemos o que há no teste

A segunda fase é mais fácil porque?

Porque já temos a noção que matéria vamos estudar

Como preparam para a segunda fase

Já temos visto a primeira fase, já sabemos o que temos sem fazer...

E tu edu? Pode ser sincero? Qual a fase mais complicado~primeira fase vou com o ke sei e segunda fase as vezes vou vom cabula.

O que te leva a fazer cabula?

Preguila professora

Já aconteceu em todos os testes?

Não. Nos primeiros eu estava mais concentrado, depois comecei a faltar aulas.

E tu B

Eu faço tudo na segunda fase.

Na segunda fase e so pra corrigir

O que impede o aluno de ter boa nota nos testes em 2 fases

K presta tenson na aula

Quais foram as dificuldades que tiveram nos testes em 2 fases

A segunda fase é menos tempo e não conseguimos fazer tudo

Entao a dificuldade e o tempo

Acham que esta modalidade trouxe alguma coisa para vcs em termos de aprendizagem? Em que sentido
O que ganhaste na língua inglesa

Estudas 2 vezes

Serviu sim. No ultimo teste fizemos so a aparte gramatical e deixei a parte de interpretação

E Tu Y. Serviu para alguma melhoria?

Deixo sempre a interpretação que tenho mais dificuldades

O que melhorou?

Entender as perguntas de interpretação

E tu S?

Melhorou a minha nota muito. Esquece os números. Em termos aprendizagem, como os teste ajudaram

Estudar 2 veses consegue aprender melhor

E tu L? Ajudou.

Ajudou sim, nunca eu fui péssima mas ajudou muito

Avaliação formativa

Acho que a forma que fazemos as aulas serviu de alguma coisa?

A prof da aulas bem mas as vezes as brincadeiras não deixa a aula ser perfeita. Mas quando a professora não poe os alunos na rua.

Eu podia aprender melhor se eu prestar atenção na aula

E que é que eu fiz que chamou atenção

As veses o barulho eu não percebo nada

Aprendi muito sei muitas palavras em Ingles que eu não sabia e hoje sei muito

E tu b. Eu gosto das aulas a prof da exercícos

E yasm

Gosto da forma como ensinas. Este ano aprendi muito. Fiz tudo o que a profe mandou fazer

E tu? Nos explica super bem. Da.nos oportunidade de saber mais coisas

Eu acho que a prof não e banana. A prof da oportunidades

Eu aprendi muita coisa, há muitas palavras que não sabia a professora explica explica ate que eu percebo

Eu não faltei nehuma aula nos da moral para assitir as aulas explica bem quando explica da-nos exemplo pra praticar mais exercicicos e focamos melhor

Esete ano aprendi muita coisa que eu não sabia, as coisas kes koza que aprofessora passava para ver, aprendi ingles mas txeu

A prof explica super bem e da-noa oportunidade de saber mais coisas em ingles

O que foi menos útil

Nunca faltei nem uma aula porque a prof nos da mural para assistir a aula

Tudo foi útil

A prof e stressada

A prof fla oh rapazes

Devia coloca-los na rua

Há prof que qualquer coisa nos manda pra rua

O que podíamos ter feito melhor

Mandar os rapazes pra rua

Tem prof que chega com stress e seus problemas, somos adolescentes e nos coloca pra rua

Deixar os alunos que perturbam na sala afetou a vossa aprendizagem

Não.

Estão a falar de uma turma cheia que tem meninas e rapazes que perturbam

Ajudou porque quando há comportamentos do tipo a professora não desiste

Vamos falar da aprendizagem Eu podia aprender, mas txeu se prestasse atenção nas aulas

Para as aulas. O que podíamos ter feito melhor para as nossas aulas

Regras

Problema e no compartamento

Deixar os alunos que perturbam na sala afetou a vossa aprendizagem

Não.

Estão a falar de uma turma cheia que tem meninas e rapazes que perturbam

Mudar de lugar

Mandar aos alunos pra rua

Gostei de estar com vocês independentemente dos perturbadores do faladores e faladeiras, a vossa contribuição foi muito importante para este estudo

Grupo 2

O objetivo e dar a avaliação uma nova vertente. Avaliação para aprender. Não so por números. E por isso que começamos em dezembro com teste em duas fases e o portefólio. O que vocês disserem aqui não vai influenciar em nada a vossa avaliação. Gostariam que fossem sinceros e honestos para que o teste possa ser fiável. Sem vocês este estudo nem existia- Posso gravar? Esta gravação não vai ter outro fim a não ser especificamente para este estudo. Nenhum fim mais

Avaliação o que esta palavra vos faz pensar. O que vos vem a cabeça

Testar os nossos conhecimentos colocar em prática o que fazemos, colocar em pratica o que aprendemos

Testar os nossos conhecimentos que tivemos durante o ano

Dar de mim mesmo para te

Testar os nossos conhecimentos

Colocar

Relembrar tudo o que já fiz dentro da sala

Avaliar tudo o que fizemos durante o trimestre

Testar os nossos conhecimentos

Ser uma aluna empenhada para que os professores tenham uma boa imagem de mim

Avaliar tudo o que fazemos empenho na sala de na sala de aula aula comportamento

Avaliação e saber as nossas capacidades e tb saber o que fizemos todo o ano e bom porque ajuda a melhorar as notas nos ajuda a melhorar

ProfEssa palavra vos dá medo?

Não

Não

L. as vezes

As vezes Como?

nao

LPorque quando o professor nos vai avaliar em alguma matéria, se você domina é fácil mas se você tem dificuldade fica com pressão

Maila

Não me dá medo porque digo o que vem na cabeça

P. Lembra que quando falamos de avaliação os testes também estão incluídos. Os testes te dão medo ou não? Tudo o que os professores usam para vos avaliar, pensando assim de um modo geral, te dá medo ou não?

Sim. Porque as vezes bo tem koza kbo k te compreende

E tu?L ...

Hugo?

Depende. Quando temos falta de nota em qualquer disciplina e fizemos um teste sabemos que precisamos da nota fico com medo de não tirar a nota

E tu Simone?

Sim. Porque a avali ajuda muito nas notas e se tiver a faltar 1 ou 2, quanto mais se for no final do anoSe tiveres uma boa avaliação mas se não...

E Tu rechar? Essa palavra não intimida?

Não. Se estudar vai saber se nao não vai dar medo.

As vezes a avaliação é injusta porque as vezes se o professor avaliar-te numa matéria que não entendeste ou se não estas bem se tiveres uma avaliação negativa... o professor as vezes avalia as coisas que tens duvidas e não os que sabes

P. na vossa opinião para que serve a avaliação

Para testar os seus conhecimentos intelectuais

Para ajudar nas notas do alunos mas nem todos os professores levam em consideração...levam a avaliação de todos os alunos em conta so as notas dos testes

E tu S o que me dizes

Avaliação te sirvi p esda gente na nota

Testar os nossos conhecimentos aprender nas aulas e as nossas dificuldades

Prof mas noutra parte é injusto poq tem professores que pede para fazer trabalhos e as vezes não levam em conta a nota que dao nos trabalho

Voces sabem como são avaliados?

Pelo comportamento pela participação nas aulas

Os porfes avaliam de forma diferente com comportamos, que vao ao quadro que participam mais que trabalha mais

Testes comportamento pela participacao e assiduidade

Cada professor avalia p aluno de uma forma. Uns pelo comportamento, outro por assiduidade, outros por participação nas aulas...que vao ao quadro

E tu M?

Se falas na sala o comportamento há professores que baixam a nota do aluno so por causa do compotamento

Quere dizer que o comportamento conta muito na avaliação na vossa avaliação.

Sim

Voces tem a noção de como são avaliados? Estamos a falar de tudo. Como e que vocês se sentem antes e depois?

H. Antes de eu ser avaliado eu sinto muito nervoso depende de como vou ser avaliado mas sempre depois fico mais tranquilo

E falando dos testes Tendo em conta que os testes e u,a avaliacao tem maior peso. Depende do teste. Se for uma disciplina

Ates eu sinto nervosa depois eu fico entusiasmada. Eu fico nervosa antes dos teste eu fico a pensar nos testes

E tu Simone

Ates eu procuro fazer o possível. Fico super intensa e nervosa. E depois?

Antes eu fico precipitado e fico tranquilo se eu achar que fiz uma boa avaliação

Antes eu sinto nervosa.

E teste?

Sinto nervosa. No teste

Sinto nervosa mesmo dominando a matéria fico nervosa e mesmo depois fico perguntando sera que fiz certo? Sera que fiz o que o professor queria

E tu r? vamos falar dos testes e de um modo geral?

Depende de disciplina. Se eu tiver bem preparada consigo fazer normalmente. Mas depois do teste fico com medo de ter errado...se não estiver preparado atrapalho na hora e as veses a nota desce muito

E tu M

Nos teste fico nervosa porque estudamos mas depos esquecemos o que iriamos fazer depois fico aliviada pq ça se foi um teste feito

Imagina que vocês receberam a vossa avaliação os testes ou outro trabalho, qual e o feedback que o professor vos da em relação ao resultado. O que o professor vos diz?

Se tens uma boa nota? O que ele te diz. E se for uma ma nota?

Sob tem um bom nota el te dez o k ke kuntse kbo tra ma nota. Sob sbil es te otxa um koza estronhe es te fka te flobe bo faze um çoza drete

Os professores fazem uma critica construtiva e pergunta o que se passou dizendo o que podes melhorar por vezes ttiras uma nota alta os professores perguntam se copiou,

As vezes dizem que esperava mais de ti se a nota for baixa

Costuma dizer parabéns por uma boa nota quando tiras uma boa nota.

E se for negativa o que dizem?

Nada

As vezes tomas uma nota alta desconfiam e se for baixa dizem que não estudaste

Uns criticam os alunos quando a nota baixa e duvidam da capacidade dos alunos

E tu simone?

E rar o professor me perguntou o que aconteceu mas se tiverste uma nota alta ficam a perguntar como conseguiu a nota

O que o professor faz com os resultados quando tens uma nota negativa? Imagina que tens 8 ou vários alunos na turma tem 8

Tem alguns professores que vão explicar As vezes fazem outra avaliação

Há uns fazem ficha trabalho de grupo ou individual para subir a nota

Há prof que procuram outro método para avaliar e ajudar a subir a nota

Tem profs que passam trabalhos para fazer

Há uns que criticam e outros que preocupam saber porque o aluno tirou nota negativa

Tem uns que só criticam. Se não entenderam a matéria..- Tem prof que faz de tudo para podemos melhorar

Por exemplo a professora preocupa connosco lá no fundo falamos de mais mas a sra sempre insiste para prestamos atenção

Sabemos que quando há notas negativas e porque cometeram muitos erros. O que o professor faz com o vossos erros

As vezes os profs levam em conta a avaliação a queles que tiveram notas mais baixa...

Mas especificamente dos erros?

O prof faz a correção

Ele e que faz?

Os alunos

Lembro que em matemática uma vez todos os alunos erraram num exercício e o professor teve que explicar o exercício outra vez

Os professores culpam os alunos pelos erros...

As vezes alguns professores pensam que podem não ter explicado a matéria bem e explicam de novo. Mas as vezes foi o aluno que confundiu tudo

O que e portefólio para vocês. E o portefólio que foi uma proposta para a nossas aulas?

Organizar todas as matérias que demos no ano letivo

Entender o que aprendemos as nossas dificuldades para poder nos ajudar

Tem coisas que não te domina mas tens

Portefolio e uma forma de incentivar os alunos. Incentiva a melhorar a nota

Forma de ser avaliada pela prof, e para as nossas dúvidas...ter mais conhecimento...

Hugo: Nas outras vezes dei mais não entendi porque pensei que era só juntar matérias mas depois vi refletir que era dizer o que aprendemos nas aulas

Já tinham feito portefólio

Eu. Em educação artística

No jardim também

Como foi fazer o portefólio?

Comprei uma capa...tirei um desenho e ficou mais bonito

E tu L?

Foi algo satisfatório

Quando eu fio fazer vi que todos iam fazer com capa e optei por colocar uma genda onde eu pudesse escrever

E tu Maeline»

A simone fez tarde mas fez?

O que aprenderam com o portefoleo? Contribuiu para a vossa aprendizagem?

Sim prof, porque durante e quando eu estava a fazer o meu port eu tinha mtas duvidas em alguns exercicios eu fui analisando e disse que as matérias não são tao dificeis com eu pensava e ai já não foi tao dificil assim. Fui escrevendo analiazsndo bem...eu acho que o portefoleo e muito bom

E tu s. »

Eu não fiz prof

O R fez mas não me entregou

Eu coloquei tudo e nos testes serve para estudar

Já dissete L?contribuiu para a tua aprendizagem

Ao elaboara o portefólio as vezes acabar por perceber coisas que deixaste despercebido nas aulas copias coisa que nem sequer entendes nas aulas no port e esclareces muitas coisas

R. A tua escrita no port e muito boa. Conta-me so o portefólio contribui para isso

Consegui porque consegui escrever tudo o que aprendi nas aulas com o cadernos de ingles ia escrebvendo

Ajuda na escrita ou já escrevias bem

A medida que vou escrevendo uso o dicionário quando estou a escrever umas coisas

Passamos ao teste em 2 fases que e uma parte também muito importante do nosso estudo

Voces já tihnam feito teste em 2 fases

Nao

Sim

Na aula de francês. O professor tem umas avaliações meio estranho.

Risos

As veses depois de 2 ou 3 dias ou semanas ele danos o teste para fazer composocao ou para corrigir algumas coisas que ele quer para corrigirmos

Igual ao osso.

Não

Qual a diferenca?

O professor da ou a composicao ou outra parte.

Entao ele e que escolhe diz que parte vao fazer

Sim. As vezes ele so da a parte de composição para fazermos eas vezes so a segunda parte e não a a parte de interpretação. As vezes ele ate escolhe coisas que temos certo para corrigir

O que vos veio a cabeça quanfo levei esta proposta para sala?

Veio tarde

Sera isso? Queria ver se era boa ideia

E tu. Qdo eu disse vamos fazer teste em 2 fases

Fiquei contente porque ia ser 2 vezes porque ia fazer o que sabia e deixar o que não sabia para a segunda fase

No inicio achei estranho mas devido a isso comecei a perceber os exercícos porque antes tinha muita pressão causa da pressão devido a segunda fase ficamos mais tranquilos porque os exercícos que eu não conseguisse fazer na primeira fase levava para casa para estudar e faria na segunda

Eu achei estranho. E disse agora posso deixar coisas que não entendo e fazer na segunda fase o que eu não entender

E tu s. O que achaste na hora

Achei bem estranho foi algo novo...nunca tivemos uma chance de um fazer teste duas vezes...enfim

Fiquei feliz

Feliz porque

porque teria oportunidade de corrigir o que fiz errado na segunda fase e fazer um teste melhor

Qual e a vossa opinião? O que acham do teste em duas fase:

Eu acho muito bom e pergunto porque todos os professores não fazem assim. Percebiamos mais a amteria ajuda a ter mais conhecimento... estudava mais...ajuda muito na língua porque tem palavras que não percebemos não conseguimos interpretar... chegamos em casa e estudamos o que temos duvida e aprendemos.

E Tu H?

Achei muito bom porque devido a isso como eu comecei a entender melhor...tirar boas notas...em Ingles não era um aluno que tinha muita nota. Este ano eu fiquei muito contente. Comecei a tirar boas notas Em ingles aprendi melhor

Para mim e bom porque exercícos que não consigo comprennder vou refazer noutro dia.

E tu?

Foi bom porque Consegui relaxar na hora de fazer o teste porque na hora de fazer o teste não consigo relaxar e acabo por atrapalhar tudo na segunda faze eu consigo analizar bem os exercíco e consigo fazer

E tu?L. Diz-me o que achas?

Eu aprovo muito este método de avaliação porque avalia para aprender não para julgar o aluno, e nos outros testes que fazemos apenas num dia...ficamos sobre pressão... as vezes fazemos coisas erradas de coisas que sabemos. Por causa da pressão toda fazemos errado. No teste em 2 fases fazemos na primeira fase fazemos tranquilamente se não conseguimos fazer uma coisa sabemos que se erramos temos oportunidade fazer e mesmo para corrigir o que fazemos o que não sabemos os nossos erros

Como preparas para a primeira fase?

eu vejo as matérias que domino eu deixo para estudar mais tarde o os que tenho dificuldade empenho mais

E tu.R. Como preparas a primeira e a segunda fase? Eu vejo as coisas que talvez eu tenha feito errado e corrijo

Primeiro reviso a matéria e passo os exercícos para uma folha e tento resolver na segunda a faze levo em mente o que fiz errado vou para casa estudar novamente para fazer de novo

E tu H?

Para a primeira procuro estudar toda a materia revisar e para a segunda procuro estudar mais esse exercicio estudo para e fazer na segunda fase

Para a primeira eu estudo as vezes fico em duvidas com alguns exercicio que fiz errado levo pra casa e tento corrigir na segunda fase para ficarem bem

Na primeira fase eu tento dominar as matérias mais difíceis eu faco o que eu sei na segunda faco as coisas que eu tenho duvida

Na primeira fase faço o que eu sei na segunda faço os que eu tinha duvida

Esta modalidade O que o teste trouxe para a tua aprendizagem tem algum beneficio?

Notas altas

Estudamos não para fixar a materia e para aprender

Para a tua aprendizagem?

Estudamos não para fixar mas sim para entender

E tu'

Ter mais vontade com a disciplina de ingles mais para estudar em vez de deixar pra la porque não entendeu e não saber fazer o teste

Primeiro fazemos com calma porque sabemos que no outro fase vamos continuar

Com é que ajuda na tua aprendizagem? O que? Em que parte?

O que não sabia eu levo pra casa para desevidar e fazer

Na primeira fazemos com calma

Mas para a aprendizagem. Em vez de deixar do lado porque não entendeu

Como' em que parte? Na escrita no vocabulário

Porque o que não sabia levo pra casa para estudar vou fazer

Ajudou a entender a gramatica que tinha muita dificuldades. Fazia o teste e ficava nervoso mas eu fiquei a fazer o teste mais tranquilo Passei a fazer o teste mais tranquilo

E vantajoso. As notas são boas e ajudou muito no vocabulário eu aprendi muitas coisas,tinha paravras que nunca ouvi e ajudou no vocabulário aprendi muito, havia palavras que nunca ouvi' anoto e faço pesquisas em casa para tirar as minhas duvidas já não fico com duvidas

O que vos chamou atenção na vossa forma de ensinar (ensino aprendizagem- o papel do professor)

Alguma coisa vos chamou atenção

A professora e mais paciente em relação aos outros professores porque muitos professores quando comportamos mal nos coloca na rua. E com a professora... tenta nos ajudar começamos a concentrar melhor nas aulas e a aprender mais

Nas nossas aulas? Algum aspeto vos chamou atenção Fiz algo de diferente?

Em explicar. Esclarece todas as nossas dúvidas e o que não entendemos retorna a explicar a materia

Tem muita calma porque tem vezes que a turma esta agitada e a professora tenta nos ajudar

Muitas vezes as matérias parecem difícil, mas a forma como a professora explica fica tudo mais fácil

Como explico?

Devagar com muita paciência...passo por passo e sempre com vontade de fazer agente entender a matéria

Lembre de alguma coisa que eu tenham feito quando vocês tem dificuldades na materia? Rensinei?

Sim já. A professora tenta explicar de diversas formas

Já cheguei a reensinar a matéria?

O que mais me chamou atenção foram as reflexões para despertar o nosso interesse e ver que tudo é possível de persistir nas coisas que fazemos errado para fazemos certos a maneira que a professora ensina...faz coisas para nos distrair ...para depois concentrarmos

Toda a gente já disse?

Professora quando estamos a fazer exercícios e a prof repara que alguém tem dúvidas e lhe explica a matéria

O que mais me chamou atenção e a forma como tira as duvidas tb teve um dia que a senhora disse e disse para não ficarmos com as duvidas para não ficar com a duvida, levamos pra casa, escrever o que não entedemos e colocar no portefólio.

O que mais me chamou atenção foi que a professora disse que quando temos duvidas....Se prestamos mais se demonstrarmos interesse podemos ver que a professora explica bem e em termos de aula e uma excelente professora

O que foi mais útil menos útil.

Mas quando eu falo disso aos outros colegas eles falam do comportamento dos alunos. O que eu podia ter feito nos poderíamos ter feito melhor? Mas quando pergunto isso, não estou a falar do comportamento dos alunos...que devia por os alunos pra rua...não é isso. Eu quero saber o que eu podia ter feito melhor

Mais útil quando todos os alunos prestem atenção

Foi o teste em 2 fases e o portefólio

O teste em 2 fases e o portefolio

O portefólio e a senhora

As fichas de exercício

Porque?

Pq com os exercisios tenho mais vontade de estudar porque vou pra casa resolver os exercícios

As fichas de exercício porque estava a matéria que saia nos testes

Havia nos testes exercícios semelhantes para não pensaram que são os mesmos exercícios que saem no teste. Obrigada por terem vindo e por aceitarem falar comigo (simone, simone, Richard...

Nos exercicios há

Grupo 3

Roniela, Gilvania, Nelson, Belinda, Karen, Yasmin, Yanik camila

P.Se vocês disseram para eu gravar eu paro. Não tenham medo de falar

Como eu disse desde do inicio o objetivo deste estudo e dar a avaliação uma outra vertente que não é so dos números. Um dos objetivos e fazer com que vocês aprendem. Portanto temos o teste em duas fazes o portefólio e as outras coisas que fazemos na aula...Eu sei que vocês perceberam desde inicio o que eu queria...e e neste sentido que vou ter esat conversa com vocês para saber com foi...

O que vos vem a cabeça quando as pessoas, os professores vos fala sobre a avaliação

Teste de capacidade

A avaliação vos da medo...porque e tude kel tempo

Espia forma dem avalia bos capacidade

Saber se o aluno desenvolveu ou não durante o período da aula

Saber se apre algum koza se bo presta atenção não aula...

E tu Yasmine? Avaliação serve para que

Ver se o aluno prestava atenção nas aulas...ir para casa

A minha pergunta vai mais alem...pra vocês qual a utilidade da avaliação

ir para casa com curiosidade da matéria...saber mais

Avaliar de outro tipo

Avaliação serve pra que'

Para ver se o aluno esta a evoluir nas suas aprendizagens

E tu yanik

Achas que a avaliação ajuda o professor?

Sim. Para ver se o aluno e fiel no teste.

O que significa fiel no teste

Entao e Para testar a honestidade do aluno?

Vcs sabem porque e que são avaliados?

Porque faz parte

Faz parte do que?

Do ensino

Não e so kteste kno deve ser avaliode. Pode tem pergunta oral

Há aluno que não tem muita capacidade e por isso pode avalial de ote manera tem aluno k pode ser bom mas el k te demostral na teste

Mas mesmo assim porque um aluno deste tipo é avaliado.

Para saber que estão a aprender ou não

As veses bo pode ate estuda txeu mas na teste k consigui faze nada

Como e que vcs são avaliados?

Trabalho de grupo participação assiduidade

Em todas as disciplina?

Sim

Nos inicio da aula os professores dizem todos os critérios da avaliação

Com e que vocês sentem antes e depois da avaliação

Sentimos trémulos

Sentimos uma pressão para ir ao quadro

E depois que são avaliados?

Sentimos aliviados

Se vemos uma nota positiva sentimos avaliados

Lembrem que os testes escritos fazem parte da avaliação. Como e que sentem antes dos testes

Nervosismos porque quando estudamos a matéria...na hora dos teste podemos esquecer..

Tem uma matéria que sei mas esqueço na hora do teste

Fico nervosa

E tu yanick?

Teste de português ou cultura quando vou fazer teste eu fico bloqueado mesmo estudado. Cultura tem muita matéria e deixo matéria acumular e português sempre fui péssimo desde de primaria

E tu gilvania?

No teste de matemática. Uma vez estudei e tomei uma nota ma. Na sala sei tudo...nos testes eu esqueço tudo

E tu karen? Sentens tranquila

Ansiendade nervosimo

Mas pq ansiedade? O que te faz sentir assim. So a apalavra teste?

Depende de teste

Por exemplo quais osteste que sentes mais nervosa

Matamatica?

Porque ?

Porque não gosto

E tu Nelson

Cultura matemática e portugues e txeu matéria p estuda. Tem professor que da a ficha para tirares a materia

E depois do teste. Depois do teste vem o resultado

Mim teste da amatematica eu nem ligo pro resultode, por que já tou acostumada pq a nota sempre foi baixa

E tu malila

Se a nota for baixa fico feliz se for baixa fico triste. Se anota não for boa eu conformo

Vamos falar a nota dos teste. Idependentemente da nota positiva ou negativa o que ele faz

As vezes no diz que tivemos notas baixas. Depois eu subi ele me disse que eu estava a demorar

O que o professor faz com o resultado da vossa avaliação.?

Professora tal se eu tirar 16 ela achava pouco...

E tu camila? O que e que o professor faz com o resultado da vossa avaliação. Imagina que na turma houve muitas negativas? O que ek ele faz

Ele ve se o erro esta nele. Mas como e que sabes que ele vai ver se o erro esta nele?

O professor toma alguma atitude?

Uns pedem para fazer trabalho de grupo

O professor de francês nos devolve o teste para fazermos a composição ou alguma parte da gramatica

O professor diz que baixou a nota...

O professor costuma perguntar o que aconteceu

Uma professora muitos alunos tem negativa o professor nos levou numa sala nos deu o mesmo teste pra que pudéssemos passar

Há professores que dao ficha para resolver

Voce professora

Como eu fiz um teste uma vez fiz outra vez e tive nota

Portefolio uma das propostas que lancei na sala

Qual a ideia que ficaram do portefólio

No portefoleo eu coloco o que aprendi e o que não aprende. O professor ve o que não aprendeste p poder ajudar Uma vez eu escrevi em português e no feedback a prof me disse para escrever em Ingles... nke responde. Desse vez n responde e n escreve n Ingles

Acho que e uma maneira de aprender. Refrescar a memora e preparar para os testes

Erick fizeste o port já no fim. O que e portefólio

Logo ne inicio n fka n duvida n ba espira n internet e n espera n um kem otxa. Fica como uma lembrança

E tu Camila' Já tinham feito o portefólio alguma vez? Como foi fazer?

Pedi ao meu pai ao meu pai mas não conseguiram me ajudar

E tu Ed. Como foi fazer?

Guardar para algum dia guardar o que demos no 10º ano como recordacao

E pra ti Nel?como foi? O que sentiste?

Fiquei contente, nunca tinha feito porque era primeira vez kem tava te faze

O port contribui de alguma forma para a vossa aprendizagem na língua Inglesa? Ajudou de alguma forma?

Sim prof. Ajuda sim

Como?

Damos a matéria na aula no txga na casa no kre faze portefólio passamos numa folha vamos lendo para quando chegamos na aula respondermos o que a prof perguntar. vamos lendo a matéria e intende

E tu?

Ajudou mais ou menos. Quando chego em casa revejo a matéria e coloco no portefolio

E tu Roniela Ajudou ou não?

Acho que sim

Como?

Porque a matéria esta tudo no portefólio não so no caderno, moda gilvania dez nte passa matéria tude num folha nte pol ne portefolio

E tu ed

Ajudou a desenvolveu na escrita porque sempre que escrevia numa folha para por no portefólio, fazia uma reflexão do que aprendei e quando eu faço isso vou aprendendo mais umas coisas como se escreve em Ingles

E tu Cam? Ganhaste alguma coisa. ajudou?

Sim

Como?

Te da incentivo para estudar.

Como?

...

Testes em 2 fases já tinham feito teste em duas fases

Vcs já tinham feito teste em duas fases? Nesta modalidade que fizemos na sala de aula? Imagina que vocês vão falar alguém que não sabe nada sobre do teste em duas fases...vocês vivenciaram esta experiência. O que vocês diriam a esta pessoa. Qual e a vossa opinião sobre o teste em 2 fases

A.Acho k é uma forma de aprendizagem porque quando estamos a estudar para o teste para outro dia estudamos quando fazemos os testes não sabemos concretamente os exercícios que vão sair podemos saber a matéria mas não saber como se faz o exercício fazer com alguma duvida já sabemos o que vão estudar porque já sabemos o que vamos estudar para fazer o teste

O que diriam ao vosso colega de outra turma sobre teste em duas fases

E um teste ora kbo te fazel ne primeira faze bo te txa uns exercício sem fazer bo te leval pa casa ne cabeça pa bem fazel. Txeu aluno te pensa e um teste p tirar uma nota alta, Mas k e assim. As vezes não ajuda poque nem tude hora bo te lembra quel matéria. Nme tude bo te panha um nota alta.

Entao? O que impede o aluno de tirar uma nota alta?

G.Porque bo ke te estuda e sob txa theu koza p segunda fase sel leva tude pa kaza porque as vez el ke te pode leva tude, Kel bokedin kel te leva ke te isdal

E.Alguns pensam k ne segunda fase e fácil. Es te ba kel primeira fase el ke te estuda te fka n brincadeira. Na segunda fase es te blokea na teste .Alguns vao a primeira fase sem estuda. As vezes es te tra foto b apa casa traz e p bem copia. Mas as vezes es k te pode porque es ke aprende nada, es te faze cabula e men assim es k te consegui copia porque kel pressão de professor fka te espias k te txas copia es te fka kmede de tra cabula p prof k anulal teste

As vezes nem é preciso fazer cabula porque o teste é igual aos exercícios da aula por que a professora nos da exercícios iguais. Iguais as copias

O testes que vos dou há coisas idênticas

Sno estuda ne kes exercício no te pode fase teste normal, Konde no te oia kel teste no te estuda ne kes exercício kbose da gente e fase um bom teste n segunda fase

Teste em 2 fases e um oportunidade de melhorar a nota...

E como é que ajuda a melhorar a nota?

Porque sob k te preparede ne keldia kbo faze um mau teste bo tem ote oportunidade de faze teste

No inicio do ano letivo eu vos falei que íamos fazer teste em duas fases. O que vos veio a cabeça o que vocês pensaram?

Nfka tem imagina como era teste em 2 fases

E tu C? como foi a tua reação

Nfka te imagina como era Muita curiosidade?

E tu Nelson

Fiquei curioso para saber como era kel teste porque era primeira vez que eu fazia teste duas vezes

N pensa era 2 aula num dia

E tu Ed

Acho k fiquei um pouco surpresa e curiosa para saber como era de ir pra casa e voltar no outro dia para fazer o mesmo teste

Como foi a primeira fase? Como vocês sentem? Com vocês preparem?

Estuda na casa mo bo tem teste de ingles fase kes exercício kbo sabe kes kbo k sabe fixas n kabesa tga na casa estuda e bem fases n segunda fase

Na maioria consegui fazer bem na primeira fase. Tive um teste kem ke konsigui faze ne nem primeira nem n segunda porque nke estuda Nte preferi faze mas n primeira fase kmas kunfiansa. Segunda fase e mais traquilo

Na primeira fase fico um poco nervosa porque e a primeira vez que tou a fazer aquele teste na segunda fase já fico mais tranquila porque já vi o teste sei os exercícios que fiz certo e corrigir o que fiz errado para poder corrigir

Na primeira fase nte fase kes kem sabe n segunda nte ba corrigi kes kem fase mariode e kes kem k sabe

E tu?

Nke te estuda pa test. Nte ba n primera fase sem estuda, Ne segunda fase kem te ba estuda p pode tma positiva

Ne primeira fase nke te estuda. Nte faze kes pergunta de interpretacaoNte estuda so n segunda fase nte tenta tra nha máximo mas as vez nke te konsigui txeu problema na kaza k te txam estuda

Ne primera fase nte tenta estuda mas k e ne tude teste mas não em todos os testes. Ne prim fase nte tenta fase kes kem sabe ne segunda nte corrigi e faze kes kem k sabia

AQUIQuais foram as dificuldades no teste em duas fases

Acho k não tem nenhuma dificuldade

Nenhum

nenhum

Acho k e pamodi el tem mas pergunta do ke kes ote teste normal. Mas não é dificuldades. K te diferencias

E tu?

Não

O teste em 2 fases Tras alguma coisa para a vossa aprendizagem.

Sim.

Como?

Ne primeira fase kes kb k sabe te txga na kaze bo te estuda e ba te prende alguns koza

E tu?

Sim.

As vez sob sabe um palavra bo te ba te prendel

O teste ajuda? Ajuda a parender ou ajudou

Sim.

Como?

El te ajuda sim. Mas mim el ke esdam porque nke aproveita porque nte b apa kaza nke te estuda nte faze so kes kem intende nte b apa kaza nte faze cabula nte leva n papel. N segunda fase

Achas então por causa da acabula não ajudou

E tu? Ajudou? Ajuda na tua aprendizagem da língua inglesa

Ajuda sim,

De que forma?

porque na primeira fase nem sempre temos tudo a primeira fase sempre tento fazer tudo para na segunda fase corrijo o que fiz errado

As nossas aulas acham que tudo o que fizemos na sala ajudou na vossa aprendizagem matérias estratégias contribuiu para a aprendizagem, Sem falar em mandar alunos pra rua. De tudo o que tenho feito com vocês

Acham que ajudou?

Ajudou sim

A professora te fala e ntava anota tem dias que não anotava por causa dos problemas em casa

Ajuda sim alunos que prestam atenção na aula mesmos os alunos mais fracos entendem a aula

Sim porque este ano foi o ano kem aprende mas txeu

Mas o que eu fiz que ajudou?

Quando bose te explica um koza mesmo kno ke intendel bose te fka la e te explical um monte de vez

E tu? Pensam neste ano letivo

Ajudou muito aprendi muito a prof explica bem e este ano letivo melhor

Cam. Eu ajudei em alguma coisa?

Pra quem esteve interessado mas menos para quem não esta interessado

O que fiz de especial

O teste em duas fases a forma de dar aulas, txeu forma de avaliação, a forma k a prof da aula é incentivante

O que foi útil e menos útil?

Falaste das nossas aulas nem Nel.

Ess one li foi melhor aula de ingles porque kes ote ne ingles one nada nada nba te prende algum koza em ingles, txei ficha...txeu traboi

Boce fka sempre decima de nos

Tudo o que a prof podia fazer fez, Prof boce faze o máximo p isda nos

A professora fez o máximo para nos ajudar

Gostei de estar aqui so tenho a agradecer e continuamos falando, Obrigada

Portefólio

O portefólio foi uma proposta de avaliação que lancei na vossa sala que faz parte do estudo e penso que deve ter vos servido de alguma coisa

Quando vos falo de portefólio o que vos vem a cabeça?

Um capa onde vamos por tos os instrumentos deste trimestre

E um tipo de avaliação p sabe se bo ti te prende ou nao

Já tinham feito alguma vez.

Não

Já fizeram? Sim

Em desenho? Conta-me como foi o portefólio de desenho. Pra que que ela disse que servia. Falou da importância?

Juntava a nota dos trabalho e as notas do teste e nos dava a nota

Como foi fazer o portefólio?

Foi cool pq as vezes se bo ka tem nota el te esdobe sbi bo nota el pode esdobe na nota. Através do portefólio o professor pode ver o teu desempenho kel te faze algum koza-

Mas falem-me e que foi fazer o portefólio que eu vos propus? As dificuldades...

Eu não fiz

Te isdobe sbi nota

Sob tiver nota boxe el pode isdobe

As vezes e difícil. Ora kbo ba entregal se bo comparl

E tu como foi yasmine?

No primeiro trimestre foi difícil mas depois ficou fácil porque era quando me explicaram

A B já tem portefólio, Entao B conta-me como foi?

B. para mim foi fácil me ajudou bastante a desenvolver um pouco pois não gosto muito de falar na turma escrever porque tenho medo de tentar mas me ajudou bastante agora tou mais confiante tou a aprender mas em Ingles e a desenvolver cada vez mais

Prof. Te ajudou a desenvolver como? Fala-me desta ajuda que o portefólio te deu?

B Isdam assim; ora kem ti te faze kel traboi em ingles antes ntava dez nke ta pode nke ta intende, nke meste nem tenta porque ingles ka e nhe ponto forte. Mas grinhesim e diferente, mesmo el k sendo nhe ponte forte nte esforsa nte tenta prende mais e algum dia pode fala ingles mas corretamente

Vces receberam o feedback.O retorno que o professor diz sobre vocês como estão o que precisam...Gostaria de falar do feedback que receberam no portefólio

Quem se lembra dos feedbacks que recebeu, Quem leu?

No terceiro trimestre vou responder. A prof disse que ficou muito bom e que o portefólio não e so colocar materiais...

Mas quem recebeu? A Liliana recebeu tambem?

Prof nke te nem te lembra. Mas nke responde

Como vcs sentem quando o prof vos da feedback?

Acham que o portefolio contribui/contribuiu de alguma/certa forma para o desenvolvimento da vossa aprendizagem em Ingles?

Sim

Como?

Porque quando estamos a fazer o port a escrever para o portefólio fico a relembrar a matéria, fico mais bom em termos de aprendizagem

E tu L? Achas que ajudou em alguma coisa?

Nte otxa ksi

O que e portefólio para vocês. E o portefólio que foi uma proposta para a nossas aulas?

Organizar todas as matérias que demos no ano letivo

Entender o que aprendemos as nossas dificuldades para poder nos ajufar

Tem coisas que no te domina mas txeu

Portefolio e uma forma de incentiva os alunos. Incentiva a melhorar a nota

Forma de ser avaliada pela prof , espor as nossas duvidas...ter mais conhecimento...

Hugo: Nas outras vezes dei mais não entendi porque pensei que era so juntar matérias mas depois vi refletir que era dizer o qe aprendemos nas aulas

Já tinham feito portefólio

Eu. Em educação artística

No jardim também

Como foi fazer o portefólio?

Comprei uma capa...tirei um desenhos e ficou mais bonito

E tu L?

Foi algo satisfatório

Quando eu fio fazer vi que todos iam fazre com capa e optei por colocar uma genda onde eu pudesse escrever

E tu Maeline»

A simone fez tarde mas fez?

O que aprenderam com o portefoleo? Contribuiu para a vossa aprendizagem?

Sim prof, porque durante e quando eu estava a fazer o meu port eu tinha mtas duvidas em alguns exercisios eu fui analisando e disse que as matérias não são tao dificeis com eu pensava e ai já não foi tao difficil assim. Fui escrevendo analiazsndo bem...eu acho que o portefoleo e muito bom

E tu s. »

Eu não fiz prof

O R fez mas não me entregou

Eu coloquei tudo e nos testes serve para estudar

Já disseste L?contribuiu para a tua aprendizagem

Ao elabora o portefólio as vezes acabar por perceber coisas que deixaste despercebido nas aulas copias coisa que nem sequer entendes nas aulas no port e esclareces muitas coisas

R. A tua escrita no port e muito boa. Conta-me so o portefólio contribui para isso

Consegui porque consegui escrever tudo o que aprendi nas aulas com o cadernos de ingles ia escrebendo

Ajuda na escrita ou já escrevias bem

A medida que vou escrevendo uso o dicionário quando estou a escrever umas coisas

O port contribui de alguma forma para a vossa aprendizagem na língua Inglesa? Ajudou de alguma forma?

Sim prof. Ajuda sim

Como?

E tu?

Ajudou mais ou menos. Quando chego em casa revejo a matéria e coloco no portefolio

E tu Roniela Ajudou ou não?

Acho que sim

Como?

Porque a matéria esta tudo no portefólio não so no caderno, moda gilvania dez nte passa matéria tude num folha nte pol ne portefolio

E tu ed

Ajudou a desenvolveu na escrita porque sempre que escrevia numa folha para por no portefólio, fazia uma reflexão do que aprendei e quando eu faço isso vou aprendendo mais umas coisas como se escreve em Ingles

E tu Cam? Ganhaste alguma coisa. Judou?

Sim

Como?

Te do incentivo para estudar.

Como?

...

As aulas

Acham que o que fizemos na aula ajudou na vossa aprendizagem

Quando da matéria a prof traduz tudo eu anoto tudo e quando chego em casa me ajuda muito

Como trabalho ajuda?

Pra que presta atenção ajuda

A Paciência

Mesmo o aluno mais fraco consegue perceber

Este ano foi o ano que aprendi mais anoto tudo o que a prof explica e ajuda a estudar

O que é que eu fiz que ajudou?

A prof fica a explicar até percebermos

Este ano letivo foi melhor eu tenho

Ajuda a quem esteve interessado

O que é que eu fiz que ajudou?

T2F forma de explicar

O que foi útil e menos útil nas nossas aulas

Este ano o inglês foi a melhor aula. Outros anos nada nada. As fichas, os trabalhos...fui. aprendendo muito em inglês

A professora fez tudo. Ficou em cima de nos no que não conseguimos fazer...

A senhora fez o máximo para nos ajudar

Grupo 4

Já tamos na ult etapa do estudo. Começamos em dzembro . como sabem este estudo é sobre a avaliação

Vamos falar de tudo o que foi feito nas aulas....

Dar a avaliação outra vertente. A vertente de aprendizagem....nao so de números.

A primera coisa que gostaria de saber, tendo em conta que esse estudo é sobre avaliação, sem pensar no agora

O que vcs pensam sobre a avaliação o que vos vem a cabeça quando vos falam sobre a avaliação

Prova

Teste

O que fazemos na sala

presao

Como sentem

Nota

Stresss

Depende de disciplina

Estudo vespras do teste

Nota

Avaliação como um trabalho k tamos a fazer e o chefe ta a nos avaliar se continuamos ou nos esplusa

Dia do teste

Preocupação nervosismo branco na hora do teste

Se estudares e fácil

Pressão

Depende de disc?

Falta de vontade de estudar

Para que serve a avaliação?

Descreve nos aprendizagem

Sabe nos evolução

Saber capacidades

Teste vale mais

OEA devia valer mais porque há alunos fechados que expressam melhor na aula

Devia ter um equilíbrio Porque oEA participação é todos os dias OEa devia ter mais peso

Eu não acho. Devia ser metade metade

Avaliação dita o vosso futuro. O que sentem quando vem as pautas?

Mute pressão. As vezes fazes uma conta e encontram,os outra

Conta

Sera que vcs tem a noção como são avaliados? Estão informado?

NO sigé. Nem sempre o sistema faz cálculos. Como se o sistema fosse uma psoa e o prof faz uma conta e ele faz outra

Como são avaliados através dos teste?

2 testes juntam e dividem por 2.

TPC

Comportamento

Assiduidades

Constuma vos dizer como estão em termos de avaliação

O prof de geografia costuma colocar valores em cada item

Qual o vosso sentimento quando o prof vos avalia

Esicitado

Nervoso

Mais ou menos normal por que tenho consciência do que faço na sala

Qual o feedback que o prof da em relação a avaliação?

Um prof coloca 4 topicos. 5 cada um.

Todos os trimestres

O que vcs faziam com estas informações

Fazemos as contas e melhoramos.

O que vcs fazem com o feedback do prof. Já vi que uns melhoram.

Eu analiso e vejo onde eu posso melhorar

Empenho por causa dos meus pais

Como podem melhorar com o feedback.

Tentamos melhorar

Alunos deviam preocupar

Os profs deviam preocupar com alunos

Há prof que preocupam

Continuando ainda na avaliação. Fazem testes, prof corrige, entrega. Imagina que prof ve a nota e põe cotação. O que o prof faz com o resultado?

Dizem tens que subir

Não dão segunda chance

Dizem que é consequência

Deviam fazer uma segunda chamada

Há uns que tiram nota alta o prof diz que copiou

No caso de Inglês? O que fazemos?

Checa o progresso

Reteach

Explica.

Outros profs os alunos fazem correção

E se o prof faz a correção?

Muito bom porque ele vai explicando

As vezes eu esqueço por causa da pressão.

É muita matéria e não consegue por tudo na cabeça

Imagina que eram muito. O que o prof faz?

O prof tenta melhorar a forma de dar aula.

Fazem relatório

Eles fazem isso?

Prof de francês faz exercícios. Se tivermos negativa, faz ficha ou a composição. Como se fosse uma segunda fase. Tipo de uma chance. E ele disse não é para entender é pra fazer. Não é segunda fase. É uma ficha

O que vcs fazem quando não percebem uma matéria?

Vamos a outra sala emprestar

Usamos o caderno bedjo

Tem prof k explica se não entenderes eles te criticam e ficas sem vontade

O que o prof faz quando erram muito? o que o prof faz

Eles arrajam outra maneira de explicar

Usa linguagem que entendemos

Oha prof que quando dizes que não entendes 1 ou 2 x eles te mandam pra rua pq pensam que é brincadeira.

Lembrem que uma das estratégias deste estudo é o portefoleo. Quando vos falei do portefólio o que pensaram

Não sabíamos

Agora já sabem? O que é.

Uma capa onde colocar toda a materia

Ajuda

Quando meches nele lembrás o que estudaste

Ajuda-te a fazer teste. Como se setiveste a estudar outra vez. Fica mais fácil encontrar materia.

Acham que ajuda na aprendizagem como?

Quando pesquisas pra colocar no portefólio entendes

E tb é escrito em ingles

Tens mais criatividade

E' util para o aluno' ate que ponto.

E como se fosse um terceiro teste porque me preocupo em colocar no portefólio

Ajuda no vocabulario quando pesquisa.

Agora já consigo escrever melhor

A reflexão que a prof mandou escrever em ingles ajuda a fazer frases

Já falaram de ganhos' e as dificuldades?

Fazer port em cima da hora. Tenho que ir ao caderno para caprichar nele e entregar a professora

Eu disse pra não deixar acumular

As vezes é muita coisa.

Algumas vezes vos dou feedback para falar de vcs e melhorar. Falem disso?

Sim. A prof escreveu num papel amarelo

Apredi com o feedback que não e so ir la por a materia. Tem que esforçar.

No meu feedback prof viu que estava prestando atenção em mim mesmo sendo 40 e tal

Recebeste o meu feedback. Ajudaou em alguma coisa?

Consigo saber a minha evolução e como posso melhorar

Teste em duas fases. O que sentiram quando eu disse?

Ficamos sabe pa pronta

Antes eu não entendi

Achei estranho

Ir pra casa e voltar a fazer o mesmo teste

Achei uma boa oportunidade

Eu pensei que a prof ia dar outro teste

Quero ouvir de vcs. A vossa opinião?

Na composição por exemplo vai pra casa preparar a composição e escreve bem

Ajuda porque por causa da pressão as vezes eu não percebo tudo

Ate porque o teste tem os mesmos exercícius que a prof nos da nas fichas

Na nossa turma é igual a teste

Ficha igual a teste é uma oportunidade de subir a nota

Estudo na ficha e fico com tudo na cabeça

Pergunta de interpretação nem todos os alunos tem a a capacidade de ler interpretar e responder na hora e por isso ajuda porque vão preparar e fazer

Como sentiam na primeira e na segunda fase.

Primeira fase eu tento fazer tudo. O que não consigo fazer na primeira faço na segunda-feira primeira fase é mais fácil

Faço penso que fiz bem. E quando vejo nota baixa digo: imagino se não tivesse a segunda fase?

Primeira fase eu deixava muito mas desde que a prof disse que não podia deixar tudo para a segunda fase eu passei a esforçar mais na segunda fase.

Como vsc fazem para a segunda fase. ?

Eu escreve e estudo em casa no material que a prof da.

Passo as perguntas para fazer melhor em casa

Vcs continuaram a estudar?

Continuei a estudar igual pq a segunda fase fica muito pesado

Acham que fazendo teste nesta modadlidade serve para a vossa aprendizagem?

Serve sim. Escrevi porque não conseguia lembrar.

E vcs' a vossa evolução como aluno?

Não ajuda todo gente

Estudo na primeira fase e segunda vou so corrigir. Esforço mais na primeira fase. Se faz muito na primeira fase a 2ª é so corrigir.

Como tiraram proveito disso

Há uns que é pra nota

É uma coisa qu nos ajuda. Por exemplo um alunos que estava com dor de cabeça. Tem a chance de fazer na segunda fase.

Qualquer avaliação tras dificuldade. E o teste em 2f.?

Tem so vantagem

Pode haver um desiquilibrio entre alunos

Dificuldade?

Não teve

Teve sim. A matéria que não percebi e não fiz nem na primeira nem na segunda

'0987654321 \ASFGVHBNM,-_

.06+ MN6

.00Tive dificuldades na parte de compreensão por não perceber

O uqe esta modalidade trou-se de nvo?

Notas subir notas

Estudar para a segunda fase.

Quando estudamos outra vez aprendemos

Deviam por este tipo de teste em todas as disciplinas principalmente as mais complexas e com muita matéria. Assim aprendes mais e não erras.

Devia ser no PGI que tem muita materia.

E porque fazer teste em 2f é importante

Bo te ganha responsabilidade quando não corre bem vais estudar

Porque é importante o t2f?

Aprende mais

Dificuldades

Ajuda um aluno ate quem não entende nada

Masi interesse responsabilidade

As aulas

Contribui para aprendizagem?

Nos deixa a vontade

Não briga connosco nos deixa a vontade

As vezes não damos o feedback

As vezes temos vergonha de ter duvida

Medo de destacar

Vergonha

A forma como fiz as alunas. O que chamou atenção

aciência

Não cansa

Repete

Recorre a várias formas

Motiva

Passa exercício

Encontra um equilíbrio entre inglês e portug

Es a única que chegar com um sorriso

Interação que nos estimula

No dá tempo antes da aula

Não entra e começa a explicar

A dania era desinteressada. De repente houve mudanças na Dania?

Faltava muito, tou quaza areprovar, falta de interesse. Mas a sua aulaé suave, a minha tia me ajuda muito. Depois comecei a abrir na sala. Há aulas que tenho desgosto. Dei conta que a prof me da atenção e gostar das suas aulas. Desenvolvi muito na escrita.

O que foi mais útil e menos útil.

A prof fala muito

Da muita liberdade aos rapazinhos

No inicio do ano eu gostava mais da aula mas a prof as vezes repete a mesma coisa. A prof exegera.

Quando ficam calados fico com a sensação que na me respondem. E como não me dão feedback eu penso que vcs não perceberam.

Acho que a prof insiste naqueles alunos que não prestam atenção. Insiste em explicar mas os alunos não respondem.

A prof devia chega perto daqueles alunos que são calados

Vcs vem que eu chego perto da Karen, da jeenifer....como ficam calados eu insisto

Sejam honestos

Todos os prof que já tive a prof foi uma mistura de todos. *-+

Nos força a prestar atenção, brinca, manda os alunos ao quadro, insiste, passa trabalhos de casa.

Há uma coisa que eu não atendei.

Adjetivo para prof eu.

Rigorosa dizendo tem que esforças, atenciosa...

Vcs tem alguma pergunta?

Porque escolhi a nossa turma.

Foi a minha primeira turma que dei aula. Na vossa apresentação de free writing vi que muitos alunos com dificuldades e precisam de ajuda, tem alunos que me transmitiram confiança. Disse a todas as turmas que lancei a proposta de port e vcs apresentaram port e interesse e depois tive acesso a pauta e vi que havia alunos que precisavam de ajuda. Porque escolheu a turma para fazer estas perguntas.

Porque esta entrevista é so para os alunos que faz parte do estudo

3. Planificação do 10º Ano

Encontro Concelhia de Coordenadores e professores de Inglês da Praia – 10 e 11 de Setembro de 2018
10th Grade – Level IV

1st Term			
Period	Vocabulary/ Topics	Structures	Functions
September Week 1	Greetings and Introducing.	- Revision of Past Simple and Past continuous	
Week 2	➤ Family	- Simple Past of Regular and Irregular verbs - Used to	•Referring to past actions
October Week 3			
Week 4	➤ Family	(but; because; so; and; or)	•Expressing contrast
Week 5		- Connectors (however; although; that's why;...)	•Giving excuse
Week 6	Application week (the students need time to practice / review the past topics) Suggestions/activities: Role-play in pairs or groups about Family concepts		
November Week 7	Revisions and Test		
Week 8	➤ Jobs / Occupations - Career choice - Applying letters	- Indefinite Determiners and Pronouns (review of some, any, no, every)	•Asking for and giving specific information
Week 9		- Compounds (-thing; -body; -one; -where)	•Defining and Describing
Week 10		- Relative clauses (defining / non-defining)	•Talking about jobs
December Week 11			•Applying for a job
Week 12	Revisions and Test		
Week 13	Christmas Activities		
Week 14	Self – Evaluation and Final Considerations		
2nd Term			
Period	Vocabulary	Structures	Functions

2nd Term			
Period	Vocabulary	Structures	Functions
January Week 1	➤ Volunteerism	- Present Perfect Simple (review) - Present Perfect Continuous	• Talking about present events Talking about actions that start present and continue in the pr
Week 2			
Week 3		Time Conjunctions (before, when, after, by the time; ...)	• Linking events
February Week 4	Application week (the students need time to practice / review the past topics) Suggestions/activities: In a group work ,Ss join sentences /Build sentences / about present and continue actions in the present		
Week 5	Revisions and Test		
Carnival activities			
Week 6		- Modals - revision	• Giving advices / making sugges
Week 7	➤ Environment - Overpopulation - Pollution	- Reflexive pronouns	• Talking about things we do to ourselves
March Week 8	- Animals in danger ...	- 1 st Conditional - 2 nd Conditional	• Expressing real or possible con • Expressing unreal conditions
Week 9		Definite Article "the" (use and omission)	• Talking about things in gener particular
Week 10	Revisions and Test		
Week 11	Easter activities		
Week 12	Self – Evaluation and Final Considerations		

3rd Term			
Period	Vocabulary/ Topics	Structures	Functions
April Week 1	➤ World Problems - Consumerism (People and technology) ➤ "New"disease(Depression, Suicide, Bulimia,..)	Modals	• Giving advices / Making reques suggestions • Expressing ability; d permission; obligation; prohibi
Week 2	Application week (the students need time to practice / review the past topics) Suggestions/activities: Role-play and discussion about the topics talked.		
Week 3	➤ Teen World	- Reported Speech (Simple present, Simple past – She says/said)	• Reporting Statements
May Week 4		- Reported speech (reported statements, questions and commands)	• Reporting questions and comm
Week 5	Application week (the students need time to practice / review the past topics) Suggestions/activities: Learning grammar in group.		
Week 6	Revisions and Test		
Week 7	Revisions for PGI		
June Week 8	Revisions for PGI		
Week 9	Revisions for PGI		
Week 10	PGI		
Week 11	PGI		
Week 12	Self – Evaluation Final Considerations		

